Sergio Moro e o ator Marcelo Serrado, que interpreta o juiz

LAVA-JATO, O FILME
O LONGA QUE CONTA OS BASTIDORES INÉDITOS DA OPERAÇÃO

Abril

veja

www.veja.com

Editora ABRIL
edição 2516 - ano 50 - nº 6
8 de fevereiro de 2017

ACELERA, FACHIN

Três anos depois do início da maior operação anticorrupção do país, nenhum político foi condenado no STF. O desafio de agilizar os trabalhos está agora nas mãos do novo relator do processo, o ministro Edson Fachin

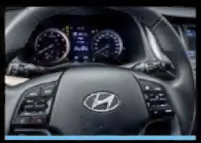
EXCLUSIVO Por que o Ministério Público quer o afastamento do ministro Dias Toffoli da Lava-Jato

RODAS DE
LIGA LEVE 18”

ALL-NEW TUCSON TURBO GDI DUAL CLUTCH 7 VELOCIDADES.

Motor turbo GDI 177 cv. Transmissão Dual Clutch 7 velocidades.

Teto solar panorâmico. Bancos de couro com aquecimento e resfriamento.



Painel de instrumentos Supervision 4,2" TFT.

Central multimídia. Conectividade Android Auto™ e Apple CarPlay™.

Ar-condicionado dual zone. 8 bolsas de airbags.

Os itens apresentados são referentes ao veículo New Tucson (GA25). Versão com estoque limitado. Consulte outras versões nas Concessionárias Hyundai.

ALL-NEW TUCSON
TURBO GDI

TRANSMISSÃO DUAL CLUTCH 7 VELOCIDADES.

A MAIS AVANÇADA TECNOLOGIA AUTOMOTIVA DO MUNDO.

GARANTIA HYUNDAI 5 ANOS SEM LIMITE DE QUILOMETRAGEM

CONSULTE CONDIÇÕES NO SITE

DISTRIBUIDORES EM TODO O PAÍS: 0800-7703355

www.hyundai-motor.com.br

Abertura do porta-malas por aproximação.

- HILL ASSIST CONTROL
  Freio de parada automática nos semáforos e no trânsito
- SMART ENTRY
  Acesso ao veículo sem o uso de chave
- CÂMERA DE RÉ PANORÂMICA
- CONTROLE DE ESTABILIDADE (ESP)
- CONTROLE DE TRAÇÃO (TCS)
- FARÓIS EM FULL LED
- ASSISTENTE DE ESTACIONAMENTO
- DETECTOR DE PONTO CEGO

CAOA MONTADORA

HYUNDAI | NEW THINKING. NEW POSSIBILITIES.

VOCÊ NUNCA PROVOU NADA IGUAL.

CHEGOU A NOVA VIGOR MIX.

Experimente a mais perfeita combinação entre o sabor e a cremosidade.

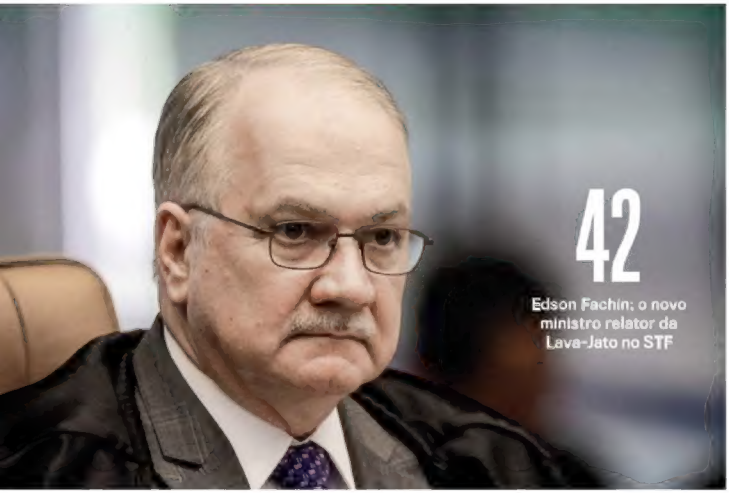
vigormix.com.br

VIGOR

VIGOR®
Mix
Manteiga
e
Margarina
COM SAL

ÍNDICE

veja
EDIÇÃO 2516 | ANO 50 | Nº 6



10 **Carta ao Leitor**
13 **Entrevista** Pelé
22 **Leitor**
28 **Imagem da Semana**
30 **Datas**
32 **Conversa com** Zé do Caixão
34 **SobeDesce**
34 **A Lista**
36 **Radar**
40 **Veja Essa**

42 **Lava-Jato** O novo relator e o destino dos políticos envolvidos no escândalo
48 O Ministério Público quer o afastamento do ministro Dias Toffoli
52 Os bastidores do filme sobre a operação
58 O pagamento de 35 milhões de reais à chapa Dilma-Temer
60 **Dora Kramer**
60 **São Paulo** Vídeos do prefeito João Doria sobre sua rotina viram fenômeno no Facebook
62 **Perfil** Marcelo Bretas, o Moro do Rio

63 **Corrupção** Eike Batista a caminho da delação
64 **Página Aberta** Luís Roberto Barroso
66 **Economia** As saídas para superar o drama do desemprego
70 **Estados Unidos** A política imigratória de Trump
72 O que muda para os brasileiros
73 **Vilma Gryzinski**
74 **Memória** Marisa Letícia
76 **Gente**
78 **Esporte** Os segredos dos craques que ultrapassaram a barreira dos 30 anos

82 **Educação** O plano para o país avançar é pura fantasia
84 **Comportamento** Novo estudo revela que o bullying prejudica o desempenho escolar das vítimas
86 **Tecnologia** Os computadores agora conversam com a gente
88 **Televisão** As séries *Santa Clarita Diet* e *This Is Us*
92 **Cinema** *Estrelas Além do Tempo*, de Theodore Melfi
94 **Livros** *Vival*, de Patrick Deville
96 **Veja Recomenda**
97 **Os livros mais vendidos**
98 **Roberto Pompeu de Toledo**

Tiragem 975 299 exemplares

© CRISTIANO MARIZ; FELIPE COTRIM: DIVULGAÇÃO

Faltam milhas,
mas sobra vontade de viajar?

Aproveite o Emissão sem Milhas Smiles.

Consulte mais informações em www.smiles.com.br

É MAIS FÁCIL

Só a Smiles tem o Emissão sem Milhas.
Perfeito para você que já sabe para onde quer ir,
mas não tem milhas suficientes. Funciona assim:
você reserva as passagens com antecedência,
planeja sua viagem e tem até 60 dias antes do
embarque para juntar as milhas que faltam. Fácil, né?

SUAS MILHAS VALEM POR ATÉ 6 ANOS MAIOR VALIDADE DO MERCADO

Cadastre-se grátis em
SMILES.COM.BR/EMAISFACIL | BAIXE O APP

Smiles

É MAIS FÁCIL VIAJAR COM A SMILES.

INTELIGENTE PARA CACHORRO

Para muitos, cão inteligente é aquele capaz de fazer vários truques ou obedecer ao dono sem hesitar. No entanto, os mais avançados estudos sobre cognição canina investigam um leque muito mais amplo de habilidades, como atenção, memória ou capacidade de decisão. Superando a noção de que certas raças são mais dotadas do que outras, cientistas da Universidade Duke, no Estado americano da Carolina do Norte, definiram nove perfis de inteligência canina, como o tipo "expert", hábil em solucionar problemas, e o "independente", que dispensa a atenção dos donos. Reportagem do site de VEJA explica as diferentes especialidades e seus reflexos na relação entre cães e humanos. abr.ai/inteligencia-caes

PELÉ 360º

O site de VEJA preparou uma visita virtual em 360 graus ao Museu Pelé, localizado em Santos, no litoral paulista. A instituição abriga, em mais de 4000 metros quadrados, 470 peças que representam uma boa parte da vida, dentro e fora de campo, do maior jogador da história. Ali estão a caixa de engraxate feita por ele e um tio, com a qual garantia ajuda em casa, e a Bola de Ouro recebida pelo craque em 2014, aos 73 anos. Na página multimídia, é possível saltar de um andar a outro em um clique. abr.ai/pele360

© DAMEDEESO/ISTOCK PHOTOS; PAULO VITALE

DIFICULDADE PARA TER OU MANTER UMA EREÇÃO?
EJACULAÇÃO MUITO RÁPIDA OU PRECOCE?

METADE DOS HOMENS ADULTOS APRESENTA ALGUM GRAU DE DISFUNÇÃO ERÉTIL E 1 A CADA 3 HOMENS TEM EJACULAÇÃO PRECOCE.

O BOSTON MEDICAL GROUP OFERECE TRATAMENTOS MÉDICOS INDIVIDUALIZADOS, INCLUSIVE PARA HOMENS HIPERTENSOS, DIABÉTICOS, OBESOS, DE IDADE AVANÇADA, ENTRE VÁRIOS FATORES ASSOCIADOS. CONTAMOS COM TECNOLOGIA E EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL E JÁ ATENDEMOS MAIS DE 1 MILHÃO DE HOMENS NO MUNDO.

NÃO ESPERE MAIS. AGENDE UMA CONSULTA.

LIGUE: 0800 729 3333

Sigilo absoluto. Diagnóstico em uma avaliação médica.

BOSTON MEDICAL GROUP

Responsável Técnico:
Dr. Orestes Mazzariol Junior - CRM: 30020

Referência Bibliográfica: JAMMA 1990, PP. 281-540. Massachusetts Male Aging Study. J. Urol., 1994; 151:54-61.

DORA KRAMER
Agora no time de VEJA: aos leitores, com carinho

CONTEÚDO FINO EM EMBALAGEM PRIMOROSA

A PARTIR DESTA SEMANA, os leitores de VEJA ganham a companhia de uma das mais talentosas analistas políticas do país. A jornalista Dora Kramer, depois de quinze anos trabalhando em *O Estado de S. Paulo,* deixou o jornal para se juntar ao time de colunistas da revista. Sua chegada ao front é uma honra para VEJA e um presente para os leitores. As análises de Dora são uma chave valiosa para ajudar a entender o conturbado cenário político brasileiro. Têm a perspicácia da repórter que ela nunca deixou de ser, a serenidade de quem há 33 anos acompanha a vida política nacional e uma deliciosa dose de picardia, só possível àqueles que são capazes de enxergar, no labirinto do poder, os recantos que abrigam as vaidades, os desejos e as fraquezas humanas. Trata-se de conteúdo fino apresentado em embalagem primorosa — o texto de Dora é elegante, rigoroso e preciso como a mais fina das agulhas.

Ela iniciou a carreira na cobertura política em 1984, no Rio de Janeiro, no antigo *Jornal do Brasil,* o maior da sua época. A vaga era em política, área com a qual ela não tinha a menor intimidade até então. Um perfil que fez de Fernando Gabeira, no entanto, chamou a atenção dos chefes e um "furo" sobre o prefeito do Rio na época, Saturnino Braga, resultou no convite para integrar a equipe da capital federal. Dora aterrissou em Brasília em dezembro de 1987, com planos de passar "um tempinho" lá. Ficou vinte anos. Cobriu a Constituinte, a eleição de Collor e o primeiro impeachment de um presidente da República no país (foi nesse período que começou a assinar Dora Kramer — até então, suas reportagens vinham subscritas por uma certa Dora Tavares de Lima). Em agosto de 1995, assumiu como titular da histórica Coluna do Castello. Hoje, diz investir cada vez menos em fontes e mais na intuição. "O que as pessoas dizem não é importante. O importante é como elas dizem e por quê. Meu objetivo é desvendar o que está por trás disso."

Quando criança, Dora sonhava em ser diplomata ou bailarina. Como ela não se decidia, e porque sempre tirara notas boas em redação, sua mãe decidiu inscrevê-la num curso de comunicação. Com isso, ganhou o jornalismo — e, agora, também os leitores de VEJA. ■

© ANTONIO MILENA

NO COSTÃO DO SANTINHO O *verão* NÃO TEM HORA PRA ACABAR.

PACOTES ALL INCLUSIVE COM ATÉ 49% OFF

38% OFF
CARNAVAL
7 NOITES
[illegible] DE FEVEREIRO

PACOTE 5 NOITES
10 X R$ 226,00/PESSOA
17 A 24 DE FEVEREIRO
1 A 12 DE MARÇO
2 E 9 DE ABRIL

FERIADOS DE ABRIL
PÁSCOA
13 A 16 DE ABRIL
+
FERIADO TIRADENTES
20 A 23 DE ABRIL
+
FERIADO DE 1º MAIO
28 DE ABRIL A
1º DE MAIO

COSTAO.COM.BR
0800 645 0924

COSTÃO DO SANTINHO
Viva esta experiência

Um mar de atrações para toda família.

VENHA CONHECER O MAIOR AQUÁRIO MARINHO DA AMÉRICA DO SUL.

- Grande tanque oceânico com 3,5 milhões de litros de água;
- Mergulho com os tubarões;
- Museus;
- Quiosques;
- 26mil m² de área construída;
- 4,5milhões de litros de água;
- Mais de 3 mil animais de 250 espécies.

GARANTA JÁ SEU INGRESSO:

www.aquario.rio

Patrocínio:

Coca-Cola

Repsol Sinopec Brasil

AquaRio

PORTO MARAVILHA

O REI (QUASE) SEM MEDO

O maior jogador da história, que passou por quatro cirurgias nos últimos dois anos, fala da saúde, futebol, velhice, alegrias e arrependimentos. E diz que medo só tem um

ALEXANDRE SALVADOR E SILVIO NASCIMENTO

CAMISA 10 absoluto do futebol mundial, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, completou 76 anos no fim do ano passado. Os cabelos sem um fio branco (sim, ele pinta, "pra manter a forma") ajudam a disfarçar a idade, mas as quatro operações por que passou nos últimos dois anos limitaram sua mobilidade e hoje ele precisa do auxílio de uma bengala para caminhar. O raciocínio, no entanto, segue intacto. Na entrevista que concedeu a VEJA, o maior artilheiro da seleção brasileira conta como encara a velhice, fala da ausência de legado da Copa e diz que gostaria de ser lembrado pelo que fez pelas crianças — as mesmas que homenageou quando marcou seu milésimo gol, há quase cinquenta anos.

Aos 54 anos, o senhor disse que estava preparado para morrer. E agora, aos 76? Sou de Três Corações, vai ser difícil parar os três. Falando sério: minha família é católica, e sempre tivemos a orientação dos meus pais de que, quando se está com Deus e com Cristo, não é preciso ter medo de nada. No dia em que eu morrer será porque Cristo chamou.

PRESUNTO DE PARMA
SEARA GOURMET.
PARA OS PALADARES
MAIS EXIGENTES DO MUNDO.

seara
Gourmet
EXISTE O BOM. O ÓTIMO.
É SEARA GOURMET.
Gourmet
Gourmet
Gourmet
Gourmet
Gourmet
O legítimo presunto de Parma, importado diretamente da Itália, maturado por 14 meses e sem conservantes. Experimente toda a linha.

O senhor passou por quatro cirurgias nos últimos dois anos: uma nos quadris, uma na coluna, uma na próstata e a outra no rim. Como está se sentindo? Fiquei um pouco abatido psicologicamente porque toda vez que começava a melhorar acontecia algo. Tive uma carreira sem problemas físicos, e só agora, depois que parei, estou enfrentando essas provações. Na primeira cirurgia nos quadris, disseram que eu ficaria no máximo três meses parado. Passaram-se vários meses e não melhorei. Resolvi fazer a revisão nos Estados Unidos, e falaram que em dois meses eu ficaria bem de novo. Quando estava melhorando, torci o joelho. Isso me deixou chateado, me abateu um pouco. Joguei trinta anos e nunca tive problema, afinal.

Tem assistido a partidas de futebol? Vejo alguns jogos do Santos, alguns da seleção e dos campeonatos inglês e espanhol. Nosso futebol no Brasil dá tristeza. Em alguns campeonatos, falta muita qualidade. Agora, seleção com jogadores que atuam no país é bom, valoriza o jogador.

Que time chama a sua atenção hoje? Ainda é o Barcelona. Messi é o jogador que mais me impressiona. Faz gol, arma jogadas, arma o time.

Neymar ainda vai ser o número 1 do mundo? Acho que tem futebol para isso. Ele é melhor tecnicamente que o Cristiano Ronaldo. Mas, na decisão de cabeça, na impulsão, Cristiano Ronaldo impressiona, não dá para comparar. Sair do Brasil foi bom para o Neymar, porque aqui ele não tinha concorrência. Evoluiu muito e, mesmo assim, de vez em quando, fica no banco.

Qual sua avaliação do trabalho de Tite? Estou feliz com o trabalho dele.

"A Copa do Mundo e a Olimpíada, infelizmente, não mudaram nada para o Brasil. Foi um custo alto para o povo e para quem trabalha para promover o país. Uma tristeza"

Devemos ajudar o Tite, dar-lhe força. Ele é claro com os jogadores, conversa, é honesto. Infelizmente, o técnico é considerado bom se o time estiver ganhando. Na Europa, há técnicos que ficaram dez, quinze anos no cargo. Mas no futebol sul-americano não funciona assim.

O senhor era um dos cotados para acender a pira olímpica na cerimônia de abertura da Rio 2016, mas no fim nem foi ao evento. Por quê? Eu estava contundido, me recuperando, por isso não participei da cerimônia.

Qual foi, na sua opinião, o impacto da Olimpíada e da Copa para o Brasil? Infelizmente, nada mudou. O país não cresceu nada depois da Copa. Por causa das barbaridades na política, três ou quatro estádios nem sequer foram completamente terminados. Foi um custo alto para o povo e para quem trabalha para promover o país. Uma tristeza.

A decisão de ampliar a Copa do Mundo, dos atuais 32 para 48 times a partir de 2026, foi alvo de críticas. Ela teria ficado inchada demais. Concorda? Não há alternativa, o mundo cresceu. O tamanho do torneio não importa, o que importa é como ele vai ser dirigido e fiscalizado.

O senhor já conseguiu parar uma guerra *(na Guerra do Biafra, na Nigéria, em 1969, combatentes combinaram um "cessar-fogo" para ver um jogo do Santos).* Acha que conseguiria um feito semelhante nos dias de hoje? Não sei, hoje as coisas estão mais difíceis. Mas a minha maior preocupação é com o Brasil, com essas rebeliões em prisões. Infelizmente, há muita falta de confiança nos políticos — nunca tantos foram processados e continuaram na ativa como agora. Fui ministro na gestão Fernando Henrique. Foi um governo que teve problemas, mas agora o Brasil passa por um momento muito difícil e mais preocupante.

A quem ou a que o senhor atribui esse momento ruim no Brasil? Não dá para culpar uma única pessoa. A culpa geral foi dessa gestão do PT nesses quase quinze anos. O PT deixou o país nessa situação. Quando Lula ganhou no primeiro mandato, ele me chamou em Brasília. De início, reclamou que eu o fiz sofrer muito ao vencer tantas vezes o Corinthians. Depois, a sério, disse que precisávamos fazer um trabalho juntos. Não fiquei no governo naquela época porque ele falou que acabaria com o projeto das vilas olímpicas, que tirava as crianças da rua. A Mangueira, por exemplo, era uma favela com muita criminalidade, e, com o futebol infantil, os altos índices de criminalidade caí-

ram. O Lula disse que naquele momento não poderia continuar com o programa das vilas porque ia fazer o Bolsa Família e não teria verba para as favelas. Então, eu disse que estava fora. Estou muito triste, mas realmente, dos quase quinze anos do PT, temos certeza apenas de que ficaram todos esses desmandos, essa confusão.

Também no futebol a corrupção corre solta. O ex-presidente da CBF José Maria Marin foi preso, Joseph Blatter foi afastado da Fifa por corrupção e Marco Polo del Nero está sob ameaça de parar atrás das grades. Fiquei muito surpreso com tudo isso. São pessoas que eu nunca imaginaria que estivessem envolvidas em tanta corrupção. Alguns são até amigos, pessoas com quem sempre estive junto. É triste ver um amigo seu, em quem você confiava, ser acusado. Mas o bom é que tem de haver uma limpeza em tudo isso.

Quase quarenta anos depois de ter parado de jogar futebol, ainda é abordado nas ruas por fãs? Em qualquer lugar do mundo, mas não me preocupo com o assédio. Em alguns lugares, como em Nova York, por exemplo, eu consigo fazer compras, ir ao cinema, porque sei aonde dá para ir. De vez em quando uso alguns artifícios para escapar do assédio, como um bigode, ou um boné para disfarçar o topete.

O senhor, aliás, continua sem nenhum cabelo branco. Sim, não tenho nenhum porque eu os inibo. Uma tintazinha é legal, para manter a forma.

É verdade que nunca deixam o senhor pagar a conta de um restaurante? Já paguei muitas, até mais do que deveria. Mas é verdade. Na maioria das vezes, quando peço a conta, já está paga. De vez em quando, são clientes que pagam e nem falam nada, vão embora. Em Nova York é incrível, a conta está sempre paga. Na Europa também — pena que nunca sei quando vão pagar, senão podia pedir caviar. No Japão, às vezes chego com uma bagagem de mão e volto com várias malas, de tantos presentes que ganho.

O senhor fez leilão de suas peças, como a única réplica que existe no mundo da taça Jules Rimet. Por quê? Quando fechamos o acordo com o grupo que detém os direitos globais do meu nome e da minha marca, o Legends 10, eles pediram para fazer um leilão com peças internacionais para destinar parte da arrecadação a casas de caridade. Foi apenas isso, não foi por dinheiro.

"Dei uma entrevista de que me arrependi. Estava preocupado com a situação do país e falei que o brasileiro não sabia votar. Fui criticado, mas depois me deram razão"

Qual o pior momento por que passou na vida? Deus foi tão bom comigo que é difícil dizer. Mas uma das coisas que mais me machucaram foi a morte do meu pai *(Dondinho morreu em 1996)*. Ele era a base da nossa família, e fiquei abalado — e estou abalado até hoje. Muitas vezes, choro de alegria porque sinto orgulho dele, de tudo o que ensinou a mim, à família.

E qual foi o seu momento de maior alegria? Todos da minha vida, foram muitos títulos, vitórias, tenho muito orgulho. Mas uma das maiores alegrias que tive foi o nascimento dos meus filhos. A primeira, Kelly, e depois o Edinho. São momentos inesquecíveis.

Do que o senhor tem medo? Tenho medo de ficar doente. Mas medo específico de algo não tenho. Quando era garoto tive medo de água, porque certa vez quase morri afogado, em Bauru. Mas isso passou, até vim morar em Santos, de frente para o mar.

Como gostaria de ser lembrado? Minha preocupação sempre foi com a educação das crianças. Queria que meu legado seguisse nesse caminho. Queria ser lembrado pela educação e pela preocupação com o futuro dos jovens no Brasil e no mundo.

E do que se arrepende? Dei uma entrevista de que me arrependi muito. Eu estava preocupado com a situação do país e falei que o brasileiro não sabia votar, que não sabia escolher direito nossos representantes. A imprensa me jogou contra o mundo. Mas, depois de duas eleições, os mesmos jornais que me criticaram me deram razão. ■

MV APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E ASSISTA EM VÍDEO A TRECHOS DA ENTREVISTA COM PELÉ

Legado Esportivo.
Em todo o país,
para todo mundo.
Valeu a pe
#valeuapenabrasil
Conheça mais sobre
o Legado Esportivo
em esporte.gov.br

na, Brasil!
MINISTÉRIO DO
ESPORTE
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas

Internet: www.assineabril.com

Ligue grátis: 0800-7752145
Grande São Paulo: (11) 3347-2145

De segunda e sexta, das 8h às 22h. Sábado, das 9h às 16h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC) (Consultar dados da sua assinatura, comunicar alteração de endereço, tirar dúvidas sobre pagamento ou entrega, renovação e outros serviços)

Internet: www.abrilsac.com
Ligue grátis: 0800-7752112
Grande São Paulo: (11) 5087-2112

De segunda e sexta, das 8h às 22h.

Saiba como baixar a VEJA Digital, acesse www.assineabril.com.br/passoapassodigital

EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

ligue (11) 3990-1329
(11) 3990-2059
e-mails:
atendimentoconteudoabril@abril.com.br
abrilcontent@abril.com.br
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens de VEJA, acesse: www.abrilconteudo.com.br

PARA ANUNCIAR

ligue (11) 3037-4610
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET

http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO

www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril
Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Alecsandra Zapparoli, Giancarlo Civita e José Roberto Guzzo

Presidente do Grupo Abril: Walter Longo

Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo

Diretor de Assinaturas: Ricardo Perez
Diretora da Casa Cor: Livia Pedreira
Diretor da GoBox: Dimas Mietto
Diretora de Mercado: Isabel Amorim
Diretor de Planejamento, Controle e Operações: Edilson Soares
Diretora de Serviços de Marketing: Andrea Abelleira
Diretor de Tecnologia: Carlos Sangiorgio

Diretor de Redação: André Petry

veja

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Mauricio Lima, Policarpo Junior e Thaís Oyama

Editor Executivo: Diogo Xavier Schelp **Editor Especial:** Daniel Bergamasco **Editores Seniores:** Giuliano Guandalini, Jerônimo Teixeira, Pedro Dias Leite, Rinaldo Gama **Editores:** Adriana Dias Lopes, Alexandre Salvador, Eduardo Gracioli Teixeira, Filipe Vilicic, Juliana Linhares, Leonardo Coutinho, Marcelo Marthe **Repórteres:** Alexandre Senechal Duarte, Bruno Meier, Bianca Leite Alvarenga, Fernanda Allegretti, Giulia Vidale, Jennifer Ann Thomas, Marcelo Sakate, Mariana Barros, Natalia Cuminale, Natália Luz, Nathalia Watkins Freire, Pieter Attema Zalis, Renato Onofre de Souza, Sérgio Martins, Talissa de Angilis Azevedo Monteiro, Thaís Botelho, Ulisses Campbell **Pesquisadora:** Susana Camargo **Sucursais:** ***Brasília*** **- Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Rodrigo Rangel **Editor Sênior:** Daniel Pereira **Repórteres:** Gabriel de Andrade Mascarenhas, Hugo Cesar Marques, Robson Bonin, Thiago Bronzatto ***Rio de Janeiro*** **- Chefe:** Monica Weinberg **Editor:** Thiago Prado **Repórteres:** Ernesto Augusto de Carvalho Neves, Leslie Leitão, Maria Clara Vieira **Checadores - Chefe:** Rosana Agrella Silveira, Amanda dos Santos Bolzoni, Andressa Tobita, Gabriel Gama, Leticia Antunes Lariceira **Diretor de Arte:** Rafael Costa **Fotografia - Editora de Fotografia:** Gilda Castral **Coordenador:** Alexandre Reche **Pesquisa:** Ana Paula Galisteu **Editores de Arte:** Daniel Marucci, Marcos Vinicius Rodrigues **Designers:** André Luis Chagas, Douglas Bressar, Isabel Gontijo Hamdan, Leonardo Eichinger, Marcelo Minemoto, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Adriano Pidone, Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Produção Editorial: Supervisores de Editoração/Revisão:** Clara Baldrati, Jô de Melo, Shirley Souza Sodré **Secretários de Produção:** Ana Elisa Camasmie, Andrea Caitano, Fabiana Pino, Júlio Yamamoto, Mauricio Bevilacqua, Patricia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Coordenador:** Marco Antonio Alvarez Salvador **Revisão:** André Luís Porto Araújo, Célia Regina Arruda, Denise da Silva Rocha da Costa, Eduardo Perácio, Elvira Gago, Heloisa Brady Arraes, Lygia Roncel de Rodrigues Ferreira, Otacílio Nunes, Rosana Tanus, Sergio Campanella, Valquiria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparadores Digitais:** Aline Senna Chagas, Eduardo de Morais Motta, Lincoln Franzi Messias, Luiz Henrique Silva de Azevedo, Oliveira Figueiredo Jr., Ricardo Albuquerque, Roberta de Donno **Atendimento ao Leitor: Editor Assistente:** Eduardo Tedesco **Colaboradores:** Augusto Nunes, Claudio de Moura Castro, Mailson da Nóbrega, Reinaldo Azevedo, Roberto Pompeu de Toledo e Vilma Gryzinski **VEJA.COM - Editores:** Daniel Jelin e Katia Perin (chefes), Ione Aguiar, Ivan Marcelo Pacheco, Jose Benedito da Silva, Marcos Rogério Lopes, Maria Carolina Maia, Silvio Nascimento, Silvio Navarro **Editores Assistentes:** Alexandre Lopes de Oliveira, Bruna Fasano, Diego Braga Norte, Rita de Cassia de Goiola **Repórteres:** Daniela Bruno Flor, Daniela Macedo dos Santos, Edgar da Costa Maciel, Eduardo Gonçalves, Felipe Cotrim, Felipe Frazão de Queiroz, Felipe Machado de Souza, Heitor Feitosa dos Santos, Isabella Infantine, João Pedroso de Campos, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Marina Rappa Neves, Meire Akemi Kusumoto, Nicole Fusco, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias **Editor de Arte:** Alexandre Hoshino **Webdesigners:** Andre Fuentes, Sidclei Sobral **Sucursais:** ***Brasília*** **Repórteres:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Checadora:** Luisa Costa de Oliveira e Sousa **Gerente de Produto Editorial:** Mariana Colletes **Serviços Internacionais:** Alcir N da Silva (Nova York), Rogério Altman (Paris), Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

PUBLICIDADE Andrea Veiga (RJ), Ana Paula Moreno (Moda, Decoração e Construção), Cristiano Pernona (Financeiro, Mobiliário e Serviços Empresariais), Daniela Serafim (Tecnologia, Telecom, Saúde, Educação, Agro e Serviços), Selma Souto (Bens de Consumo, Turismo, Entretenimento e Mídia), William Hagopian (Regionais) **ABRIL BRANDED CONTENT** Edward Pimenta **ASSINATURAS** Adailton Granado (Processos e Produção), Daniela Vada (SAC), Luci Silva (Marketing Direto, Relacionamento e Retenção), Marco Tulio Anibe (Estúdio de Criação), Mary Veras (Vendas Corporativas), Rodrigo Chinaglia (e-business), Wilson Paschoal (Vendas de Rede) **MARKETING DE MARCAS** Camila Verde (Casa e Decoração), Carolina Bertelli (Femininas), Carolina Fiorezi (Eventos), Cinthia Obrecht (Estilo de Vida), Edson Ferrão (Digital), Icaro Freitas (Circulação Avulsas), Kelia Arcoprete (Veja), Leander Moreira (Exame) **MARKETING CORPORATIVO** Mauricio Panfilo (Pesquisa de Mercado), Diego Macedo (Abril Big Data), Gloria Porteiro (Licenças), Thais Rocha (Relação com o Mercado) **DEDOC E ABRILPRESS** Valter Sabino **ESTRATÉGIAS E OPERAÇÕES DE PUBLICIDADE** Renato Guimarães **DESENVOLVIMENTO DE AUDIÊNCIA** Rodrigo Cavalcanti **PARCERIAS E TENDÊNCIAS** Airton Lopes **PRODUTO DIGITAL** Renata Gomes **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES** Adriana Flávila, Adriana Kazan, Emilene Domingues, Renata Antunes **RECURSOS HUMANOS** Alessandra de Castro (Desenvolvimento Organizacional), Ana Kohl (Serviços de RH), Marcio Nascimento (Remuneração e Benefícios)

REDAÇÃO E CORRESPONDÊNCIA: Av. das Nações Unidas, 7221, 19º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000.
Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

VEJA 2516 (ISSN 0100-7122), ano 50nº 6. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. VEJA não admite publicidade redacional

IMPRESSA NA ABRIL GRÁFICA Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900, Freguesia do Ó, São Paulo, SP

IVC | PIPP | ANER | SIP

GRUPO Abril

Presidente da AbrilPar: Giancarlo Civita
Presidente do Grupo Abril: Walter Longo

Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo
Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor Superintendente da Gráfica: Eduardo Costa
Diretor Superintendente da Total Express: Bruno Tortorello
Diretor Comercial da Total Publicações: Osmar Lara
Diretor de Auditoria: Thomaz Roberto Scott
Diretora Jurídica: Mariana Macia
Diretor Corporativo de Marketing: Tiago Afonso
Diretora Corporativa de Recursos Humanos: Claudia Ribeiro
Diretora de Relações Corporativas: Meire Fidelis

www.grupoabril.com.br

RANGE ROVER EVOQUE SE

ACOMPANHA VOCÊ EM TODAS AS TRAJETÓRIAS DE SUA VIDA.

LAND ROVER

ABOVE & BEYOND

O Range Rover Evoque SE, produzido no Brasil, é preparado para tudo. Com motor 2.0L Turbo a gasolina de 240 cv, ele é perfeito para encarar todo tipo de desafio na cidade e fora dela:

- Transmissão automática de 9 velocidades
- Sistema multimídia InControl Touch
- Rodas de 18"
- Faróis de Xênon com LED exclusivo e nivelamento automático
- Iluminação interior ambiente Mood Lighting

Visite a concessionária mais próxima e faça um test drive.

landrover.com.br

A PARTIR DE
R$ 203.900,00 À VISTA
E TAXA DE 0%
COM 60% DE ENTRADA + 12x

/ landroverbr

Na cidade somos todos pedestres.

Condição promocional de financiamento válida para o modelo Range Rover Evoque 2.0 S 4 SE a gasolina, 240 cv, 0 km, ano/modelo 2016/2016, com preço à vista a partir de R$ 203.900,00 sem pacote de opcionais. Ou através de plano promocional de financiamento com taxa de 0% a.m., entrada de R$ 122.340,00 e 12 prestações mensais fixas de R$ 7.030,50. Valor total a prazo de R$ 206.706,00. IOF e TC inclusos no CET. CET de 6,48 % a.a. Base da tarifa de registro SP. Financiamento na modalidade CDC (Crédito Direto ao Consumidor), através da Financeira Alfa S.A. - CFI. Sujeito a análise e aprovação de crédito. Consulte outras versões com taxas promocionais na Rede de Concessionárias. Os serviços financeiros da Jaguar Land Rover são operacionalizados pela Financeira Alfa S.A. - CFI. Land Rover Serviços Financeiros é uma marca registrada da Jaguar Land Rover Ltda., licenciada para a Financeira Alfa S.A. - CFI e suas empresas associadas. Condições válidas de 01/02/2017 a 28/02/2017 ou enquanto durar o estoque de 10 (dez) unidades do referido modelo. SAC 0800-345-2532 (Financeira Alfa especialmente para clientes Land Rover). Ouvidoria: 0800-722-0140 – e-mail: ouvidoria@alfanet.com.br. Exclusivo para deficientes auditivos: SAC 0800-770-5244. Ouvidoria: 0800-770-5140. Para mais informações, consulte a Rede de Concessionárias.

EIKE BATISTA

A reportagem "Acabou a farra" (1º de fevereiro) esmiúça com notável maestria aspectos nada republicanos das relações entre o então megaempresário Eike Batista e figurões da política brasileira no período petista. Ela também aponta um fato que não pode ser mais ignorado: o uso do Estado como eixo condutor do desenvolvimento nacional. Esse aspecto proveniente da "era Vargas" insiste em não morrer. E desse modo é responsável direto pelas relações promíscuas entre os agentes públicos e a iniciativa privada.

Luiz Gustavo Barbosa Damásio
Olinda (PE), via tablet

Até o mais inocente espectador da cena brasileira enxergava que, por trás do meteórico e estrepitoso enriquecimento do "empreendedor" Eike Batista, havia muito de irregular e ilegítimo. Era só uma questão de tempo que ele caísse nas malhas da Lava-Jato.

Alberto de Sousa Bezerril
Natal, RN

De Manhattan para Bangu. Lamentável, Eike!

Francisco José Vale Vieira
Belém, PA

No Brasil da burocracia, do ambulante ao empresário, todos têm de "adequar-se" ao sistema para conseguir trabalhar. A corrupção é sistemática. Se Eike Batista chegou aonde chegou, só pôde fazê-lo "adequando-se" ao sistema. Não o condeno. Se há culpados nessa história, são os políticos que deixaram o país chegar ao ponto a que chegou.

Luciano Moreira
São Pedro da Aldeia, RJ

Eike Batista tem a oportunidade ímpar de fazer algo para o Brasil. Chegou o momento de ele provar que, antes de ser um empresário, é um brasileiro capaz de fazer com que algum dia todos tenham orgulho de pertencer a uma nova nação.

Luiz Felipe Schittini
Rio de Janeiro, RJ

ASSUNTOS MAIS COMENTADOS

A prisão de Eike Batista (capa)

Eunício Oliveira (Entrevista)

Artigo de J.R. Guzzo

A delação dos marqueteiros Duda Mendonça e João Santana

"O preço da instabilidade" (Página Aberta)

EUNÍCIO OLIVEIRA

Boas perguntas, mas respostas etéreas na entrevista com o senador Eunício Oliveira ("O poder invisível", 1º de fevereiro). Ele saiu pela tangente em todos os questionamentos de VEJA. Não por menos, deseja a cadeira que há anos vem devendo explicações e esclarecimentos ao país. Sai o "seis" e entra o "meia dúzia"... Quando teremos um parlamentar estadista, com visão à altura de nosso Brasil?

Alexander Ferreira
Brasília (DF), via tablet

A nebulosidade que envolve cada uma das respostas de Eunício Oliveira é tanta que, paradoxalmente, permite cristalina visão sobre sua personalidade política. O Brasil merece alguém menos vinculado aos velhos costumes, sob pena de cada vez mais perder o protagonismo.

Sandro Roberto Pscheidt
Joinville, SC

Eunício Oliveira manifesta-se como verdadeiro peixe ensaboado. Em sua entrevista a VEJA, não apresentou proposta alguma, esquivou-se pelas brechas, fugiu de tudo e de todos. Como uma pessoa tão despreparada quer presidir o Congresso Nacional?

Luis Guimarães
Petrópolis (RJ), via smartphone

DELAÇÃO DOS MARQUETEIROS

Com os cofres das empreiteiras abertos, os alquimistas Duda Mendonça e João Santana transformaram Lula e Dilma em "presidentes". São quatro charlatões financiados por empresários inconsequentes, que tinham a perfeita consciência do mal que causariam ao Brasil. É um alento ver que eles pagarão por seus atos ("Revelações dos marqueteiros", 1º de fevereiro).

Domingos Sávio Pereira
São Paulo, SP

Do rol de produtos, serviços, arte, ideias etc. que produzimos, exportar técnicas de corrupção é desolador.

Marlo Vinicios Duarte Lemos
Joinville, SC

COM 6 MESES DE ALUGUEL
DAS OUTRAS, VOCÊ COMPRA A

moderninha Pro

A MAQUININHA SEM ALUGUEL E A MAIS COMPLETA DE TODAS

- Sem aluguel e sem taxa de adesão
- Conexão por chip, Wifi e Bluetooth
- Chip e plano de dados inclusos
- Vem com Cartão Pré-Pago grátis
- Não precisa de conta bancária**
- Integração com o app PagSeguro Vendas grátis para gerenciar seu negócio
- Para pessoa física ou jurídica
- Envio de comprovante de venda por SMS ou impresso
- 6 bobinas inclusas
- Frete grátis

TUDO POR APENAS

12x R$ 69,90*

TOTAL À VISTA: R$ 838,80

pagseguro UOL

Moderninha Pro aceita as principais bandeiras:

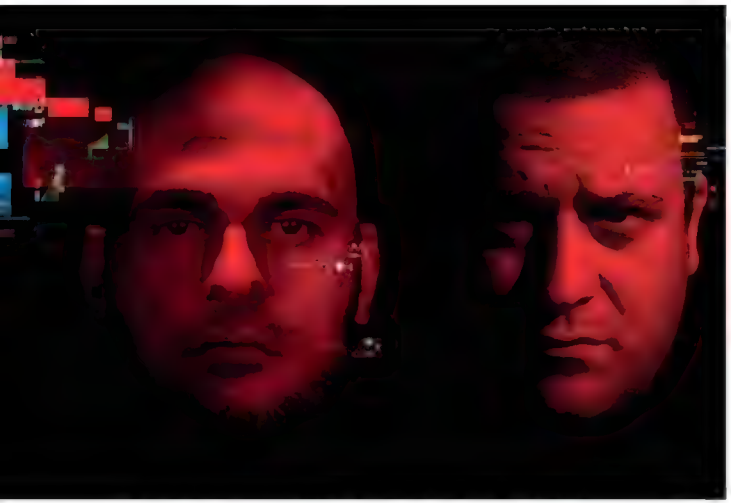
Débito e Crédito | Crédito | Refeição

PEÇA JÁ A SUA, ACESSE OU LIGUE:

PAGSEGURO.COM.BR | 4003-6624

ATENDIMENTO 24 HORAS, 7 DIAS POR SEMANA

Consulte em pagseguro.com.br/precos os benefícios e funcionalidades da Moderninha Pro. Preço total à vista da Moderninha Pro: R$ 838,80, equivalente a 5,03 meses de custo médio mensal com taxa de adesão (R$ 166,84) das máquinas de GPRS das principais concorrentes (Fonte: preços dos principais credenciadores em outubro 2016, coletados em sites, lojas de preços e por telefone). Consulte condições da garantia em pagseguro.com.br. *Wifi requer conexão banda larga para funcionar. Bandeiras Amex, Hipercard e Diners são aceitas mediante leitura de tarja. Bandeiras Mastercard®, Visa, Elo, Ticket, Sodexo e VR Benefícios mediante leitura de chip e uso de senha. Verificar bandeiras aceitas em pagseguro.com.br. Para sua Moderninha aceitar cartão refeição ou benefícios, você precisa ser conveniado a Ticket e/ou Sodexo e/ou VR Benefícios. Saiba mais em pagseguro.com.br. Cartão Pré-Pago sujeito às condições de contratação. O Cartão Pré-Pago é grátis apenas para os novos clientes que comprarem a Moderninha Pro até 31/3/2017. A funcionalidade de gerenciamento comercial do app PagSeguro Vendas funciona apenas em tablets de 10 polegadas com sistema Android. O tablet não é vendido com a Moderninha Pro. *Parcelamento do preço da Moderninha Pro válido apenas para cartão de crédito. Consulte condições em pagseguro.com.br. **Não precisa de conta bancária, exceto para transações realizadas com cartão refeição.



INDICAÇÃO CORRETA As legendas das fotos do início da reportagem "Linchadores on-line" (1º de fevereiro) foram publicadas invertidas. O retrato à esquerda é de João Paulo Gonçalves; o da direita corresponde a Diego Novak

"Sobre 'os ecos do ódio', cito um pensamento do escritor alemão Hermann Hesse: 'Se você odeia alguém, é porque odeia alguma coisa nele que faz parte de você. O que não faz parte de nós não nos perturba'."

Ângela Luiza S. Bonacci
Pindamonhangaba, SP

ROGÉRIO CABOCLO

Nunca houve conversa entre Rogério Caboclo, CEO da CBF, e o empresário J. Hawilla. A CBF não mantém nenhum contrato com sua empresa desde 2014. Caboclo esteve em Miami exclusivamente para uma reunião oficial da Fifa ("Panos quentes", Radar, 25 de janeiro).

Douglas Lunardi
Assessoria de Imprensa
e comunicação da CBF
Rio de Janeiro, RJ

J.R. GUZZO

O articulista J.R. Guzzo expôs muito bem a análise sobre o comportamento de Teori Zavascki ao aceitar convite de viagem, com "tudo pago" ("Para quem quer", 1º de fevereiro). O ministro não se lembrou do provérbio "À mulher de César não basta ser honesta, ela deve parecer honesta".

Miguel A.C. Ferreira
Curitiba, PR

Assim como Guzzo, estranhei não ler nenhuma crítica ao fato de Teori Zavascki estar naquele avião. Afinal, ele ocupava uma função que não lhe permitia certas atitudes, como pegar carona em um avião não oficial e com pessoas que nada tinham a ver com seus relacionamentos pessoais ou profissionais.

Marilene Barreto Volpato
Florianópolis (SC), via tablet

PÁGINA ABERTA

Irrepreensível e oportuno o artigo "O preço da instabilidade" (Página Aberta, 1º de fevereiro), do jornalista Eduardo Oinegue. De fato, os contratos assinados, sejam quais forem, devem ser respeitados, sob pena de perderem a legitimidade. A presidente do Supremo Tribunal Federal, Cármen Lúcia, cometeu um grave equívoco ao decidir por liminar "que um contrato pode não valer da forma como está escrito".

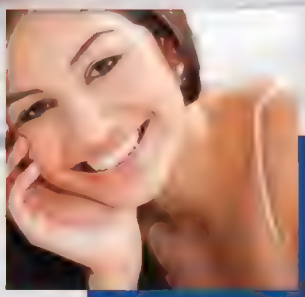
Luiz Oswaldo Pamio
Por e-mail

PARA SE CORRESPONDER COM A REDAÇÃO DE VEJA

As cartas para VEJA devem trazer a assinatura, o endereço, o número da cédula de identidade e o telefone do autor. Enviar para: **Diretor de Redação**, VEJA – Caixa Postal 11079 – CEP 05422-970 – São Paulo – SP; **Fax:** (11) 3037-5638; e-mail: **veja@abril.com.br**.

Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.
Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até a quarta-feira de cada semana.

© CHRISTIAN GAUL



A volta dos alunos para a escola é só alegria.
Chegam felizes e contentes em encontrar os amigos
para contar as novidades de suas férias.
Começam a fazer rodinhas mostrando seus materiais de aula
para uma nova etapa: mochila, cadernos, livros, canetas, etc.
As novidades da Pilot são as canetas BP1-INOX com tinta especial
deslizante nas cores azul, preta e vermelha com exclusiva ponta
de aço inoxidável que não quebra e nem entorta.
E a Pilot BP1-RT que retrai a ponta de aço com um clique na tampa.
Volte às aulas com os mais novos lançamentos da Pilot,
você e seus amigos vão adorar. Afinal, é uma Pilot.

PILOT

Toda a Linha de Caminhões Volkswagen e MAN agora com condições especiais: 3 anos de garantia e IPVA 2017 grátis. Chegou a hora de você ter um Caminhão Volkswagen ou MAN 0km. Passe já em uma de nossas Concessionárias e aproveite. Promoção por tempo limitado.

*Condições válidas para todos os Caminhões Volkswagen e MAN em estoque na Rede de Concessionárias de Caminhões Volkswagen e MAN. Garantia Promocional – garantia do veículo completo de 12 meses e garantia adicional de 24 meses para o trem de força, já incluída a garantia legal, sem limite de quilometragem. Condições válidas por tempo limitado ou

[3 anos de garantia*] [IPVA grátis**]

Caminhões
Ônibus

enquanto durarem os estoques das Concessionarias. **IPVA grátis - válido por tempo limitado para veículos faturados na Rede de Concessionárias de Caminhões Volkswagen e MAN, limitado a 1,5% do valor do veículo e proporcional aos meses restantes de 2017. Para mais informações, acesse www.man-la.com Imagens meramente ilustrativas.

IMAGEM DA SEMANA

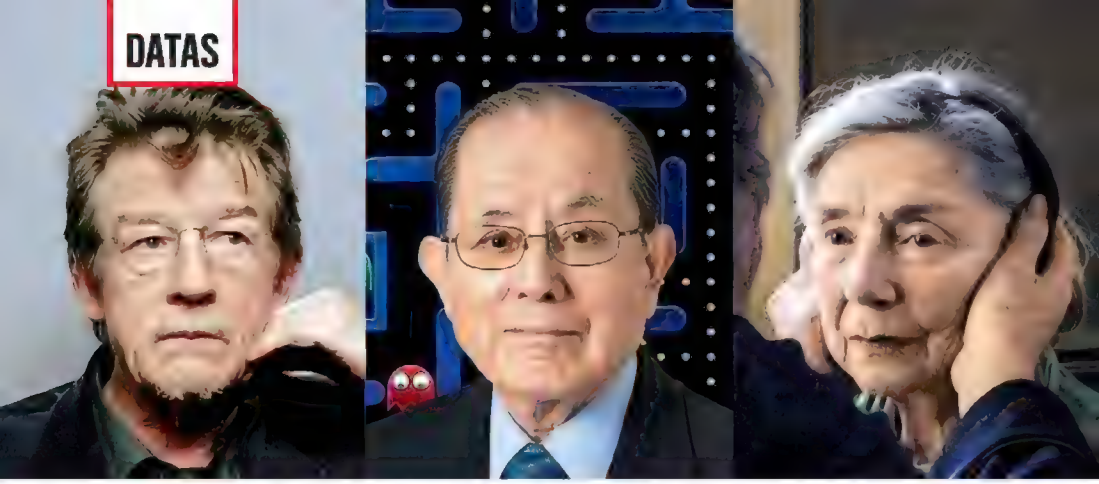
GUERRA DE VERSÕES

O QUE É PRECISO para reavivar um conflito armado que estava em grande medida em suspenso havia quase dois anos? Pouca coisa, na verdade. No caso da guerra no leste da Ucrânia entre o Exército do país e rebeldes separatistas pró-Rússia, é tentador relacionar a violação de um cessar-fogo na semana passada a um certo senhor topetudo que de qualquer forma já é o centro das atenções mundiais por inúmeras razões. Quinze combatentes morreram nos confrontos *(na foto, cerimônia fúnebre de sete deles em Kiev, capital ucraniana)*. Calma, Donald Trump não está sendo acusado de jogar uma bomba no meio da chamada "zona cinzenta", os territórios nas províncias ucranianas de Luhansk e Donetsk que nenhum dos lados do conflito poderia violar. Ainda não chegou a tanto.

O nome de Trump emerge, isso sim, das justificativas que a Ucrânia e a Rússia buscam para acusar uma à outra de ter sido a única culpada pela retomada dos combates. Do ponto de vista da Ucrânia, o presidente russo Vladimir Putin ordenou os ataques para testar a boa vontade de Trump. O presidente americano, durante a campanha eleitoral, defendeu uma reaproximação com Moscou e fez pouco-caso da interferência militar russa na Ucrânia, que se iniciou em 2014 com a anexação da Península da Crimeia. O fato de o cessar-fogo ter sido violado um dia depois de Putin ter tido uma conversa amigável com Trump ao telefone dá força à tese. Já do ponto de vista da Rússia, os ucranianos romperam o cessar-fogo para culpar Moscou e forçar uma reação de Trump. Se era esse o intuito, não deu certo. ■

Diogo Schelp

© VALENTYN OGIRENKO/REUTERS;
CAPA: CRISTIANO MARIZ; PABLO JACOB/AG. O GLOBO; JOSÉ CARLOS BARRETTA/FOLHAPRESS



JOHN HURT O ator inglês ganhou notoriedade com papéis que exigiam transformações físicas radicais, como o protagonista do filme *O Homem Elefante* (1980) **MASAYA NAKAMURA** Empresário japonês, criou o *Pac-Man*, o mais bem-sucedido game de fliperama da história **EMMANUELLE RIVA** A atriz francesa foi indicada ao Oscar por seu trabalho em *Amor* (2012)

MORRERAM

John Hurt, ator inglês indicado duas vezes ao Oscar — por seu desempenho no papel-título de *O Homem Elefante* (1980) e como coadjuvante em *O Expresso da Meia-Noite* (1978). Nos dois filmes, exibiu sua peculiar versatilidade — apareceu quase irreconhecível na tela. Além das indicações ao prêmio da Academia, ganhou um Globo de Ouro e quatro Bafta. Nascido na cidade de Chesterfield, o ator estreou no cinema em 1962, com *Um Grito de Revolta*. Ao todo, participou de mais de 200 produções — incluindo, além dos longas já citados, *Alien* (1979), no qual tem uma cena histórica, em que uma criatura irrompe de seu estômago. Um de seus trabalhos recentes foi na franquia *Harry Potter*, em que interpretou o Sr. Olivaras, dono de uma loja de varinhas mágicas. Com essa atuação, caiu nas graças do público jovem. Dia 25, aos 77 anos, em decorrência de complicações causadas por um câncer, em Norfolk.

Masaya Nakamura, empresário japonês, pioneiro da indústria de videogames. Em 1955, Nakamura, que era de Yokohama, abriu, em Tóquio, seu primeiro negócio. Inicialmente, instalava cavalos mecânicos de madeira em lojas de departamentos. Na década de 70, transformou a empresa em uma companhia de entretenimento, a Namco. Nela, desenvolveu aparelhos para parques de diversões e fliperamas. Sua criação mais popular foi o personagem Pac-Man, lançado em 1980. No game, o protagonista, um ser redondo, com uma boca enorme e a vontade de devorar tudo o que aparece diante dele, enfrenta fantasmas em um labirinto. *Pac-Man* chegou ao *Guinness World Records* por ter se consagrado como a mais bem-sucedida máquina de fliperama operada por moedas. Dia 22 — embora a notícia de sua morte só tenha saído na segunda-feira 30 —, aos 91 anos, de causa não divulgada.

Emmanuelle Riva, atriz francesa, notabilizada por seus papéis em filmes como *Hiroshima, Meu Amor* (1959) e *Amor* (2012). Esse último lhe rendeu o Prêmio César e uma indicação ao Oscar. Aos 26 anos, contrariando a família, Paulette — esse era o seu nome verdadeiro — mudou-se de Cheniménil, onde nasceu, para a capital francesa, a fim de se dedicar à carreira artística. Seu último filme, *Alma*, sairá neste ano. Dia 27, aos 89 anos, em consequência de um câncer, em Paris.

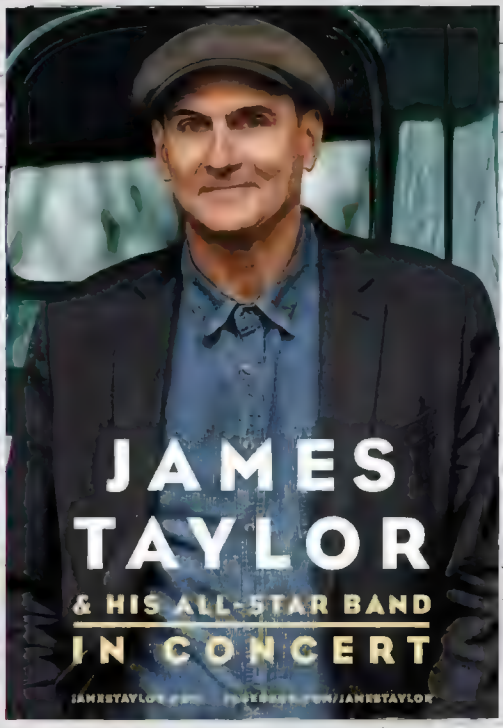
Jules Roger Sauer, empresário francês, fundador da joalheria Amsterdam Sauer. Nascido na Alsácia, era considerado uma das maiores autoridades em alta joalheria do mundo, responsável pela popularização internacional das pedras brasileiras. Com o início da II Guerra, Sauer, de origem judia, fugiu de bicicleta da Bélgica, onde morava. Em seguida, pedalou, sozinho, 1 500 quilômetros até a Espanha. De lá, seguiu para Portugal, onde tomou um navio em direção ao Rio. No Brasil, sobrevivia dando aulas de francês até fundar, em 1941, o seu negócio. Dia 1º, aos 95 anos, de causa não divulgada, no Rio.

Sérvulo Esmeraldo, artista plástico cearense, um dos pioneiros da arte cinética. Natural da cidade de Crato, começou a carreira como ilustrador em São Paulo. Na década de 60, mudou-se para Paris, onde ficou até 1977. Sua obra mais conhecida é *Excitáveis*, escultura formada por quadros de acrílico que se movem quando em contato com a eletricidade estática das mãos. Dia 1º, aos 87 anos, de complicações decorrentes de um AVC, em Fortaleza. ■

MV ASSISTA AO TRAILER DE *AMOR*, QUE DEU A EMMANUELLE RIVA O PRÊMIO CÉSAR DE MELHOR ATRIZ

cartão elo

apresenta



DUAS LENDAS DA MÚSICA EM UMA NOITE HISTÓRICA.

CURITIBA	RIO DE JANEIRO	PORTO ALEGRE	SÃO PAULO
31 DE MARÇO	01 DE ABRIL	04 DE ABRIL	06 DE ABRIL
PEDREIRA PAULO LEMINSKI	PRAÇA DA APOTEOSE	ANFITEATRO BEIRA-RIO	ALLIANZ PARQUE

GARANTA O SEU INGRESSO

em até 3X* com cartão elo

CERVEJA OFICIAL

Heineken open your world

REALIZAÇÃO

T4f TIME FOR FUN

VENDAS

ticketsforfun.com.br

SUJEITO À TAXA DE CONVENIÊNCIA

Classificação etária: 14 anos. De 06 a 13 anos acompanhados dos pais ou responsáveis legais. Venda limitada a 6 ingressos por CPF. *Clientes cartão ELO têm venda limitada a 6 ingressos por CPF, sendo 1 meia-entrada, e parcelamento em 3x sem juros. Demais cartões têm parcelamento em 2x sem juros, em todos os canais de venda Tickets for Fun. Estes eventos requerem autorizações específicas. Consulte o site ticketsforfun.com.br/alvaras e acompanhe a atualização sobre a expedição de alvarás relacionados aos eventos. Bilheterias Oficiais (sem taxa de conveniência): Curitiba - FNAC Curitiba - Rua Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza, 600 - Barigui. Rio de Janeiro - Metropolitan - Av. Ayrton Senna, 3000 - Via Parque Shopping; Porto Alegre - Multisom - Rua dos Andradas, 1001 - Centro, Sao Paulo - C Ibirapuera - Av. das Nações Unidas, 17.955 - SP.

APRECIE COM MODERAÇÃO

SINISTRO Mojica: "Maus pastores são mais assustadores que os monstros"

"NÃO ME CONVERTI"

José Mojica Marins, o Zé do Caixão, foi flagrado recentemente em um culto evangélico. Mas o cineasta de 80 anos esclarece: seu personagem continua maléfico como sempre

Um pastor publicou nas redes sociais sua foto num culto da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Afinal, o senhor virou evangélico? Não me converti. Continuo católico. O que aconteceu é que eu acompanhei minha mulher, que é evangélica, em um culto da igreja.

Sentiu alguma diferença entre uma cerimônia adventista e as missas católicas? No fundo, achei bem parecidas: o pastor fala, as pessoas repetem o que ele diz e todo mundo ora. Pode até mudar uma ou outra coisa no discurso dos religiosos, mas o conteúdo é o mesmo.

É verdade que os fiéis começaram a chamar o senhor de Zé de Deus? Sinceramente, não percebi isso. Mas cada um tem o direito de achar o que quiser. Se fizeram isso, paciência.

Muita gente interpretou sua ida ao culto como um indício da conversão do próprio Zé do Caixão. É comum a confusão entre José Mojica Marins, pessoa física, e seu personagem? Mais que você imagina. Da mesma maneira que intérpretes de vilões de novelas apanham na rua por causa dos atos de seus personagens, as pessoas tendem a achar que na vida real eu tenho os instintos maléficos do Zé do Caixão. Infelizmente, não há discernimento entre ficção e realidade.

O que Zé do Caixão seria capaz de aprontar em um culto evangélico? Não tenho a menor ideia. Embora eu seja seu criador, nunca bolei um fato desses nos meus filmes. Pelo menos até agora.

Flagrar Zé do Caixão num culto evangélico não seria um bom ponto de partida para um filme de terror? Depende. Se os pastores fossem bons, eu poderia imaginar um enfrentamento deles com criaturas do mal. Mas os maus pastores são mais assustadores que os monstros da nossa imaginação. Eles renderiam alguma produção do tipo "À Meia-Noite Levarei a Tua Grana".

Pensa em ressuscitar o Zé do Caixão? Zé do Caixão nunca morreu. Ele está em *Sinistro Legado*, que faz parte do filme *13 Histórias Estranhas II*. E também está escalado para *Além do Sangue*, longa no qual vai contracenar com Liz Vamp, personagem da minha filha Liz Marins. Ainda não criei a cena, mas o encontro do Zé e da Liz será um momento forte e especial. ■

Sérgio Martins

© ANDRÉ PORTO/METRO

O ENERGÉTICO ACABOU DE EVOLUIR. VÁ COM ELE!

- Mude para o primeiro e único energético 100% natural e orgânico
- Sem conservantes, sódio, corantes, taurina e outras substâncias químicas
- Ação energética prolongada e sem efeitos colaterais
- Sucesso no Japão, Estados Unidos, Chile e outros países
- Reconhecimento de qualidade orgânica

Acesse assinegobox.com.br e receba seu energético, com desconto, em casa.

GO BOX

SOBEDESCE

SOBE

SERGIO MORO
O juiz da Lava-Jato encabeçou a lista tríplice enviada ao presidente Michel Temer pela Associação de Juízes Federais com sugestões para a vaga de Teori Zavascki no STF

TRICOSALUS
Ganhou ampla e gratuita publicidade a técnica da clínica brasileira usada por Eike Batista para disfarçar a calvície, agora revelada por sua prisão

LEGALIZAÇÃO DAS DROGAS
A medida recebeu o apoio do ministro do Supremo Luís Roberto Barroso, que a defendeu como forma de acabar com o tráfico e aliviar a crise penitenciária

DESCE

MICHEL TEMER
Igualzinho ao que Dilma tentou fazer com Lula, o presidente nomeou para ministro da recém-recriada Secretaria-Geral da Presidência seu amigo e aliado Moreira Franco, citado 34 vezes na Lava-Jato e, a partir de agora, detentor de foro privilegiado

ARGENTINA
Para conter a imigração, o presidente Mauricio Macri emulou Trump e assinou decreto que endurece as regras para pessoas vindas de países como Peru, México, Bolívia e Paraguai

LOUVRE
Um terrorista conseguiu passar pela segurança do museu parisiense armado com um facão. Feriu um soldado e foi baleado

A LISTA

OS 5 ALVOS DA LAVA-JATO QUE TIVERAM AS DELAÇÕES REJEITADAS

1. PEDRO CORRÊA, *ex-deputado*
O ministro Teori Zavascki recusou sua delação por entender que faltavam elementos que comprovassem as acusações. Corrêa está preso na carceragem da Polícia Federal em Curitiba

2. RENATO DUQUE, *ex-diretor da Petrobras*
Já tentou fechar o acordo três vezes. Em todas, investigadores consideraram seus relatos incompletos. Está preso no Complexo de Pinhais, no Paraná

3. LÉO PINHEIRO, *ex-presidente da OAS*
As negociações foram suspensas sob a alegação de que o conteúdo de sua delação, que envolvia o ministro do STF Dias Toffoli, havia "vazado". Está preso em Curitiba

4. JOSÉ ANTUNES, *dono da Engevix*
O procurador-geral da República, Rodrigo Janot, rejeitou a proposta do empresário sem detalhar por quê. Antunes foi condenado, mas recorre em liberdade

5. FERNANDO MOURA, *lobista*
É o primeiro delator da Lava-Jato a ter o acordo de delação suspenso por ter mentido. Diante do juiz Sergio Moro, tentou proteger o ex-ministro José Dirceu. Atualmente, está em prisão domiciliar

Informe Publicitário

CLÍNICA MÉDICA A BAIXO CUSTO, o mercado que mais cresce no Brasil

Alta rentabilidade e responsabilidade social – seja um franqueado de sucesso

Maior rede de clínicas médicas populares segue em rápida expansão

A grande demanda por atendimento médico de qualidade a baixo custo favorece a expansão agressiva da rede Docctor Med.

COM APENAS TRÊS ANOS DE MERCADO JÁ É A MAIOR ENTRE AS CLÍNICAS POPULARES DO BRASIL.

A eficiência nas operações envolve investimentos importantes nos departamentos e em tecnologias. Líder nacional no segmento de franquias de clínicas médicas, atualmente com 24 Centros Médicos em operação e mais de 20 novas unidades a serem inauguradas somente em 2017, a rede vem acelerando o seu crescimento e empreendendo cada vez mais. A aposta na capacidade técnica da equipe da franqueadora possibilitará a implantação de dois centros médicos por mês, em média. Diante de um SUS abarrotado e do descrédito das operadoras de planos de saúde, a franquia proporciona **atendimento médico digno, com marcação rápida de consultas, inclusive online, realização de exames a baixo custo** disponíveis a população (atualmente 76% da população não possui plano de saúde). "O compromisso social da Docctor Med está claro para nós.

"A missão da Docctor Med é socializar a medicina, oferecendo à população serviços médicos e odontológicos com qualidade, rapidez e preço justo, pois temos todas as especialidades dentro de cada centro médico", ressalta o CEO, Geilson Silveira. Assim como a missão social avança com clareza na Docctor Med, o valor da transparência e comprometimento entre franqueados e franqueadora ganha força. Ticket médio, número de pacientes atendidos, clientes novos, estratégias de fidelização e curva de crescimento foram as últimas métricas especificadas para a tomada de decisão dos gestores, inclusas nos investimentos em tecnologia da informação da rede, em 2016. A empresa conta com um software de gestão exclusivo que consolida as informações, fornecendo o panorama geral do negócio em poucas páginas.

"A gestão na área da saúde deve atingir a excelência", enfatiza o CEO. Para tanto, a empresa investe em qualificação a fim de atender a complexidade operacional de um centro médico.

DOCCTOR MED® CONSULTAS MÉDICAS

No primeiro treinamento para franqueados da rede, mais de 20 novos franqueados estiveram reunidos durante três dias na cidade sede da Docctor Med, em Porto Alegre (RS). Foram 36 horas aprofundando módulos sobre gestão na prática do centro médico, gestão financeira, marketing, fidelização interna e externa e implantação. O Diretor de Expansão da rede, Roberto Asakura, atribui à equipe e aos departamentos da franqueadora a consolidação veloz da rede no segmento de franquia de clínica popular. "O investimento em pessoas e tecnologia são as premissas da rede Docctor Med, que pretende se consolidar como o principal player em franquias de clínica médica e odontológica popular. A meta é abrir 100 unidades nos próximos cinco anos, mas neste ritmo alcançaremos este número em 2019", reforça Asakura.

Docctor Med reúne mais de 20 novos franqueados em treinamento sobre gestão de centros médicos.

SEJA UM FRANQUEADO DE SUCESSO NA SUA REGIÃO
Investimento a partir de: R$ 250.000,00
Roberto Asakura
Diretor de expansão
E-mail: expansao@docctormed.com.br

0800 605 8550

ABF ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE FRANCHISING ASSOCIADO

"A missão da Docctor Med é socializar a medicina, oferecendo à população serviços médicos e odontológicos com alta qualidade, rapidez e preço justo, pois temos todas as especialidades dentro de cada centro médico".
Geilson Silveira, fundador da Docctor Med, rede de clínicas médicas que mais cresce no Brasil

SANTANA A demora para assinar a delação é tentativa de proteger uma filha

PAI PROTETOR

Um dos pontos que atravancam a assinatura da delação de **João Santana** é a sua determinação de proteger a família. Numa operação financeira, o marqueteiro transferiu dinheiro de sua offshore para uma filha (e negocia para não vê-la acusada de lavagem).

CÍRCULO DE AMIZADES

O ministro Edson Fachin deve se declarar impedido para julgar o habeas-corpus de José Carlos Bumlai, o parceiro de Lula. Um dos advogados na ação, Jacinto Coutinho, é muito amigo do novo relator da Lava-Jato.

MORDOMIA EM RISCO

Dos vilões da Lava-Jato, Delcídio do Amaral é um dos que vivem com mais tranquilidade. Pois um depoimento feito em Brasília pode atrapalhar sua paz. Na quinta 2, uma testemunha disse que o ex-senador fez um passeio recente de lancha em Santa Catarina, a convite de um executivo da Engevix. O juiz Vallisney Oliveira, o Moro do Planalto, ficou fulo ao saber da história.

ENCRENCA OLÍMPICA

A Carvalho Hosken, que ergueu a Vila Olímpica da Rio 2016 em parceria com a Odebrecht, está na mira da Lava-Jato. Entre 2012 e 2015, a construtora pagou 3,2 milhões de reais ao escritório de Adriana Ancelmo.

O "CAJU" É ELE

Romero Jucá anda espalhando pelo Senado que o apelido "Caju", que aparece atribuído a ele na delação da Odebrecht, na verdade é o codinome de Edison Lobão. Seria uma referência à tinta que este usa no cabelo.

UM PASSO ADIANTE

Mesmo em Nova York, Eduardo Paes anda conversando com advogados brasileiros. Numa delação de Eike Batista, tanto ele como seu sucessor, Marcelo Crivella, podem ter problemas.

DE ONDE ELE VEIO?

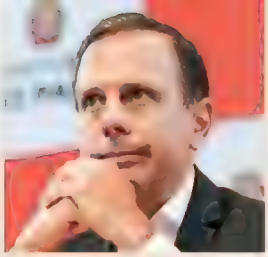
Aliás, ninguém no meio jurídico entendeu a escolha do desconhecido Fernando Martins como advogado de Eike. Com tanta crítica, não deve durar.

DINHEIRO FARTO

José Serra deu um presentaço a 29 diplomatas recém-aprovados no Itamaraty. Eles foram contratados em 20 de

vivo
NOVOS
PLANOS
FAMÍLIA
DEPENDENTES GRÁTIS E MAIS INTERNET.
Baixe o app Meu Vivo

Telefônica
A oferta acima se refere à aquisição do plano titular Vivo Pós de até 16 GB que possua até 4 (quatro) dependentes MultiVivo gratuitos. A configuração da franquia de internet, por linha, deverá ser do plano, a internet será interrompida. A velocidade de transmissão de dados em internet móvel pode variar, entre outros motivos, por fenômenos naturais, deslocamento, distância da Estação



REMÉDIO PARA NÃO DORMIR

A distância, já é difícil acompanhar o ritmo de **João Doria** na prefeitura de São Paulo. Para quem está perto, então, o sofrimento é ainda maior. Pelo menos dois secretários do prefeito estão cogitando seriamente pedir demissão do cargo que assumiram há pouco mais de um mês. Motivo? Estafa. Eles simplesmente não estão aguentando a batida frenética de Doria. Um deles diz que todos os dias se levanta culpado por acordar às 6 da manhã. Isso porque nos grupos de WhatsApp de Doria as conversas começam às 5 horas. O burgomestre paulista dorme apenas três horas. Ele para de trabalhar à meia-noite, faz esteira por duas horas e descansa entre as 2 e as 5 da manhã. Seu segredo é tomar uma substância que o faz entrar direto em sono profundo. Daí desperta, novo em folha, para começar outro dia.

MAURICIO LIMA

dezembro, mas começaram a trabalhar um mês depois. Gasto: 370 000 reais.

A CONTA

O governador Pezão precisa aprovar na Assembleia o pacote de medidas para salvar o Rio. E vai conseguir. Presidente da Casa, Jorge Picciani jurou apoiá-lo. Em troca, pediu cargos.

NOVOS BAIANOS

Eles negam, mas os conterrâneos Daniel Dantas e Nelson Tanure estão mesmo conversando para comprar a Oi. Os encontros são no prédio da Academia Brasileira de Letras, no Rio.

DAQUI PARA O MUNDO

O primeiro centro de inovação e pesquisa da Avon fora dos Estados Unidos será em São Paulo. O laboratório, que será aberto em março, vai criar perfumes e xampus para o mercado global.

NADA FEITO

Existem grandes chances de o Cade não aprovar a compra da Estácio de Sá pelo grupo Kroton. Na melhor hipótese, o órgão colocará muitas restrições.

FITTIPALDI Carro em parceria com a Mercedes e com o estúdio Pininfarina

DE VOLTA ÀS PISTAS

Em parceria com a Mercedes e com o instituto Pininfarina, **Emerson Fittipaldi** vai lançar um carro: o EF7. O protótipo estreia no Salão de Genebra, em março, e, até o fim do ano, deve entrar em produção. O automóvel terá 600 cavalos e vai pesar menos de 1 tonelada. ■

NOTAS DIÁRIAS EM WWW.VEJA.COM
Com Gabriel Mascarenhas

© VAGNER ROSARIO/ALES VALOLER/FOTOARENA/ESTADÃO CONTEÚDO; PAULO VITALE

E-COMMERCE A

e-TOTAL, A NOVA SOLUÇÃO DE ENTREGA QUE CABE

MAIS DE **1000 E-COMMERCES** JÁ ESTÃO NO e-TOTAL!

ACESSE E CONTRATE: WWW.TOTALEXPRESS.COM.BR/ETOTAL

www.totalexpress.com.br
(11) 3267-5900

AGORA É TOTAL

NO ORÇAMENTO DO PEQUENO E MÉDIO E-COMMERCE

Coleta **GRÁTIS***

FÁCIL contratar e **SIMPLES** de usar (você faz tudo online)

SEGURO com cobertura total em **100%** das encomendas

RASTREAMENTO online das entregas (lojista e cliente)

Marketing Total Express | Grupo Abril

TOTAL express

Abril

"Deus me livre!"

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, ex-presidente da República, reagindo, no UOL, à hipótese de voltar a comandar o país

"Nunca fugi nem do trabalho nem do enfrentamento de grandes questões. Agora, claro, prefiro assistir a tudo da arquibancada."

MARCO AURÉLIO MELLO, ministro do STF, sobre a relatoria da Operação Lava-Jato

"Vou mostrar como são as coisas. Simples assim."

EIKE BATISTA, ex-bilionário, em entrevista à Rede Globo no Aeroporto JFK, em Nova York, antes de embarcar de volta para o Brasil, onde seria preso sob a acusação de pagamento de propina e lavagem de dinheiro no âmbito da Operação Lava-Jato

"Deveríamos estar empenhados em atrair novos investidores (...) para que o capital disponível no mundo venha para o Brasil. Esta é a verdadeira escola: entre o ranço ideológico, que a poucos beneficia, e a dignidade e o bem-estar que um novo emprego pode proporcionar."

PEDRO PARENTE, presidente da Petrobras, em artigo na *Folha de S.Paulo*

"Por que nós não trocamos de emprego? Você assume a TV, já que é um expert em audiência, e eu assumo seu trabalho, e as pessoas finalmente vão poder dormir em paz outra vez."

ARNOLD SCHWARZENEGGER, ator, dando o troco, no Twitter, a Donald Trump, que ironizara seu desempenho à frente do programa *O Aprendiz*, no qual substituiu o bilionário quando ele decidiu candidatar-se à Casa Branca

© LOREDANO; JP MASCLET/AP PHOTO

"Bem, a fumaça do DVD pode ser tóxica, e eu ainda tenho seu dinheiro; então pode pegar meu isqueiro emprestado."

J.K. ROWLING, escritora britânica, autora da saga *Harry Potter*, respondendo, no Twitter, a um agora ex-fã que a provocara dizendo que iria queimar seus livros e as cópias dos filmes baseados neles depois de ver as declarações da ficcionista contra o presidente americano Donald Trump

"Eles não são brancos, eles são os Beatles!"

WHOOPI GOLDBERG, atriz afro-americana, enervando-se com as colegas negras de juventude que a censuravam por gostar do quarteto de Liverpool, segundo seu depoimento em *Eight Days a Week*, documentário de Ron Howard sobre o grupo

"Se era para aparecer, meus amigos, vocês já apareceram, não é preciso mais criar caso algum."

JOÃO ROBERTO KELLY, compositor carioca, referindo-se, em *O Globo*, à decisão de alguns blocos "politicamente corretos" de banir suas marchinhas *Cabeleira do Zezé*, *Mulata Bossa Nova* e *Maria Sapatão*, por considerá-las preconceituosas

CARNAVAL DE LUXO
(24 de fevereiro a 1° de março)

O melhor e mais exclusivo carnava do Brasil. O cenário perfeito para quem quer fugir do agito das grandes cidades. A programação indui happy hour, almoço ao ar livre nos jardins, jantar degustação inspirado nas "Ilhas do Caribe", visita ao tradicional Parque Gaúcho, churrasco no cantinho gaúcho do hotel, música ao vivo e muitas outras surpresas inesquecíveis.

VERÃO ROMÂNTICO NO CASTELO, APROVEITE!
(2, 4 E 7 NOITES)

Criança grátis até 2 anos*
Crianças entre 3 e 12 anos têm 50% de desc.**

Durante todo o mês de fevereiro teremos a tradicional programação romântica com atrações diferenciadas e exclusivas e, pela primeira vez, permitiremos crianças no hotel com o intuito de celebrar as férias em família.

FESTIVAL VINDIMA UVA & VINHO
(17 a 19 de fevereiro)

Uma imersão ao mundo dos vinhos especiais, com passeio de oito horas para conhecer as videiras, vivenciar a Vindima e todo processo de elaboração do vinho, com degustação exclusiva e jantar especial.

RESERVAS
(54) 3295-7700
saintandrews.com.br

FESTIVAL DETOX (03 a 05 de março)
DIA DA MULHER (08 de março)
FESTIVAL CATENA ZAPATA (17 a 19 de março)

*Criança de até 2 anos grátis no mesmo apartamento de um adulto. **Crianças entre 3 e 12 anos pagam 50% do valor da tarifa e deverão estar acomodadas no mesmo apartamento de um adulto. Consulte regras do hotel acerca da disponibilidade de apartamentos que acomodam crianças. Condições anunciadas sujeitas a alteração sem aviso prévio.

O SENHOR DE MUITOS DESTINOS

Está nas mãos de Edson Fachin, o novo relator da Lava-Jato, o futuro de um presidente da República, de quatro ex-presidentes, dos presidentes do Senado e da Câmara e de mais duas centenas de políticos

DANIEL PEREIRA, LAYYSSA BORGES E ROBSON BONIN

© PEDRO LADEIRA FOLHAPRESS, CRISTIANO MARIZ, JEFFERSON COPPOLA, ADRIANO MACHADO REUTERS, NELSON ALMEIDA AFP, DIDA SAMPAIO ESTADÃO CONTEÚDO, SERGIO DUTTI, MARCELO CAMARGO/AG. BRASIL

DONOS DO PODER
O ministro prometeu celeridade na condução do processo, que tem tudo para pôr um ponto-final na vexatória tradição de impunidade dos casos de corrupção que envolvem pessoas influentes

APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E OUÇA O TEXTO DESTA REPORTAGEM

Calouro no Supremo Tribunal Federal (STF), o ministro Edson Fachin é o novo relator da Lava-Jato. Especialista em direito civil e de família, ele terá a missão de conduzir o julgamento do maior esquema de corrupção da história do país, substituindo na função o colega Teori Zavascki, morto num acidente aéreo. Discreto e de fala mansa, Fachin já começou a trabalhar no caso. Sobre sua mesa repousam 48 inquéritos públicos e três ações penais contra políticos, além de uma leva de recursos contra prisões, um deles protocolado pelo notório Eduardo Cunha. Nas próximas semanas, enquanto toma pé de informações colhidas em quase três anos de investigação, o ministro decidirá sobre os pedidos que serão apresentados pelo Ministério Público Federal em decorrência da homologação dos acordos de delação premiada de 77 executivos da Odebrecht. O volume de trabalho no horizonte é assombroso, mas essa não é a principal preocupação do novo relator. De perfil técnico, ele sabe que seu maior desafio será resistir à pressão política destinada a estancar a sangria do petrolão. "Estou tranquilo", disse, lacônico como de costume.

Indicado para o Supremo pela então presidente Dilma Rousseff, em abril de 2015, o gaúcho Fachin, de 58 anos, assumiu a relatoria da Lava-Jato na esteira de um consenso inusitado e de uma providencial coincidência. Por motivos diversos, as partes envolvidas no caso defenderam o nome dele para o posto. Protagonistas do petrolão, senadores do PMDB consideram-no "intimidável". Já os investigadores apostam que o ministro dará fôlego à operação, mantendo o rigor que tem demonstrado ao votar nos processos relacionados ao petrolão. Quando era professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Fachin deu aulas a expoentes da força-tarefa da Lava-Jato, como os procuradores Deltan Dallagnol, Laura Tessler e Roberson Pozzobon. Diz o juiz Sergio Moro, colega de Fachin na UFPR e responsável pelo caso na primeira instância: "É um jurista de elevada qualidade e, como magistrado, tem se destacado por sua atuação eficiente e independente". A costura pela escolha de Fachin como relator teve início logo depois do velório de Teori Zavascki. Com o aval da presidente do STF, Cármen Lúcia, o ministro Gilmar Mendes fez consultas internas sobre quem gostaria de habilitar-se para relatar a Lava-Jato. Fachin apresentou-se para a tarefa.

Mendes, então, jantou no Palácio do Jaburu com o presidente Michel Temer. Sondou o anfitrião sobre o candidato a relator. À mesa, o ministro disse que Fachin não tinha alinhamento ideológico ou político, ao contrário de outros colegas da corte. Acusado por um delator da Odebrecht de pedir doações eleitorais à empreiteira e recebê-las em forma de propina, Temer chamou Fachin de "sereno e equilibrado". Dois dias depois, caciques peemedebistas chancelaram o nome, mas por outro motivo. Para eles, será fácil intimidar o novo relator, tachado de fraco e amador no jogo político. Um dos principais ministros de Temer confirmou a VEJA o teor da conversa do presidente com Mendes sobre Fachin. Mendes, no entanto, negou que tivesse tratado no Jaburu da relatoria da Lava-Jato. "Não conversei esse assunto com o presidente. Mas acho que, como todo mundo, o presidente gostou da escolha de Fachin, um magistrado preparado, que teve desapego e altivez para assumir a missão", disse Mendes a VEJA. No STF, Fachin também era a opção mais apropriada para se evitarem eventuais constrangimentos.

A LAVA-JATO NO SENADO
Por ampla maioria, Eunício Oliveira (PMDB-CE), acusado por um delator de receber propina da Odebrecht, foi eleito presidente do Congresso. Anunciado o resultado, ele caminhou até a Mesa Diretora, ladeado pelos senadores Fernando Collor e Romero Jucá, ambos investigados

© LULA MARQUES/AG. PT

Por decisão da ministra Cármen Lúcia, o novo relator da Lava-Jato seria escolhido entre os integrantes da Segunda Turma. Antes da chegada de Fachin, o colegiado tinha quatro integrantes. Celso de Mello, decano do STF, não queria assumir a função. Conselheiro informal de Temer, Mendes já criticou de forma contundente a atuação da força-tarefa da Lava-Jato. Dias Toffoli tem relações umbilicais com alguns investigados *(leia a reportagem na pág. 48)*. E Ricardo Lewandowski participou de um jantar em julho de 2015, em Portugal, no qual discutiu com Dilma Rousseff como deter o avanço das investigações. Fachin era a melhor solução. Na quinta-feira, Cármen Lúcia acompanhou o sorteio que definiu o novo relator. Deu-se a providencial coincidência. Entre os ministros candidatos, o sistema eletrônico do STF escolheu exatamente Edson Fachin. Deflagrada em março de 2014, a Lava-Jato prendeu os maiores empresários do país, operadores de propina e ex-diretores da Petrobras. Já os políticos, principais beneficiários do dinheiro sujo, ainda estão sem punição, salvo raras exceções. Na função de relator, Fachin terá de lutar contra esse descompasso, devidamente registrado em números.

Em Curitiba, o Ministério Público e a Polícia Federal contabilizam 79 pri-

DESCOMPASSO
Em Curitiba, o juiz Sergio Moro já condenou 125 envolvidos. Em Brasília, onde tramitam os processos dos políticos, ninguém foi punido ainda

sões preventivas, 103 prisões temporárias e seis em flagrante. No Supremo, foram apenas quatro prisões preventivas. Em Curitiba, há 125 condenações. Em Brasília, nenhum político foi condenado. Nenhum. Em julgamentos recentes, Fachin tentou reverter essa maré. Ele votou favoravelmente à prisão de condenados depois de uma sentença de segunda instância, entendimento que, ao ser adotado pelo STF, deu fôlego à negociação de acordos de delação premiada. O rigor do novo relator tem chamado a atenção dos defensores.

Bem relacionado com a força-tarefa da Lava-Jato, o ministro tem laços também com o outro lado do balcão. Fachin é amigo e vizinho do advogado Jacinto Coutinho, cujo escritório defendeu o empreiteiro Léo Pinheiro, da OAS, na Lava-Jato, e atuou na megadelação da Odebrecht. Esse escritório abrigou até o fim dos anos 1990 o juiz de primeira instância Ricardo Rachid, um dos principais auxiliares de Fachin no STF. Outro advogado do círculo próximo de Fachin é o criminalista Rodrigo Sánchez Rios, que defendeu Marcelo Odebrecht no início da operação e advoga para o ex-deputado Eduardo Cunha. Fachin frequenta a casa de Sánchez, que o chama de "irmão mais velho". A VEJA, um dos defensores disse que essas relações pessoais não terão peso nos julgamentos de Fachin. Esse advogado aposta, inclusive, que o ministro, por não ser especialista na seara criminal, tenderá a pender sempre para o lado mais rigoroso da balança: "Como conhece pouco a área penal, para não errar pode até endurecer as decisões em comparação a Teori".

A lista de políticos sujeitos à pena de Fachin é estelar. São investigados no Supremo os ex-presidentes da República José Sarney, Collor, Lula e Dilma Rousseff. Citado pela Odebrecht, Temer pode engrossar em breve essa relação. Os novos presidentes do Senado, Eunício Oliveira, e da Câmara, Rodrigo Maia, também foram citados por

INTERESSES CONVERGENTES

Em outubro do ano passado, Michel Temer nomeou o advogado Cássio Felipe Goes Pacheco como juiz titular do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Temer tinha em mãos uma lista de três candidatos. Cássio não era o favorito, mas acabou escolhido na última hora. O presidente foi convencido de que o jovem advogado, de apenas 35 anos, era a melhor opção, diante de um argumento poderoso: Cássio era o candidato apoiado por Napoleão Nunes Maia, ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ) e, desde agosto de 2016, também ministro efetivo do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) – e, por isso, um dos sete juízes que decidirão se o presidente seguirá ou não no cargo até o fim do mandato. O processo que pede a cassação da chapa Dilma-Temer já reuniu inúmeras evidências de irregularidades na prestação de contas e deve ser julgado em breve. Manter relações amistosas com os ministros do TSE, por tudo isso, é, no mínimo, uma questão de prudência.

O novo juiz cearense é amigo de longa data e parceiro do filho do ministro, Mario Nunes Maia, em uma conhecida banca de Fortaleza especializada em causas eleitorais. No mesmo escritório, aliás, trabalha também um irmão do ministro, Virgílio Maia. No mês passado, Cássio e Mario viajaram juntos para um curso em Lisboa. O senador Eunício Oliveira ajudou na indicação. Dias antes da decisão, o atual presidente do Congresso esteve com Michel Temer. Logo depois, a nomeação do advogado foi publicada no *Diário Oficial*. A VEJA, o ministro confirmou o apoio de Eunício. "O Cássio é meu amigo, e eu sou amigo do senador Eunício Oliveira", disse. Napoleão Maia minimizou o fato de o novo juiz ser parceiro de negócios de seu filho. "É um rapaz qualificado." O ministro garante que a nomeação em nada vai alterar suas convicções no processo de cassação da chapa: "Isso é decidido pela prova dos autos. Não acredito que o presidente fosse tentar aliviar nenhum voto mediante coisa desse porte".

Rodrigo Rangel

SEM INFLUÊNCIA Napoleão Maia: o que vale é a prova dos autos

um delator como beneficiários de propina. Acusados de corrupção, os dois não tiveram dificuldade para vencer seus pares, num sinal claro de que o Congresso dá de ombros para o petrolão. Eunício e Maia se dizem inocentes, mas nos bastidores defendem uma anistia ampla e irrestrita para quem recebeu dinheiro de caixa dois. Outra eminência na mira da Lava-Jato é o senador Aécio Neves, acusado de cobrar propina por uma obra quando era governador de Minas Gerais. Em junho passado, VEJA revelou que, ao negociar seu acordo de delação premiada, ainda não homologado, Léo Pinheiro declarou que a OAS pagou propina a Aécio pela construção da chamada Cidade Administrativa. Um delator da Odebrecht fez o mesmo relato à força-tarefa da Lava-Jato. O senador nega que tenha pedido propina.

A escolha do novo relator teve um efeito colateral imediato. Temer promoveu seu braço-direito, Moreira Franco, ao cargo de ministro da Secretaria-Geral da Presidência. Com a iniciativa, o presidente garantiu foro privilegiado a Franco, acusado de pedir 4 milhões de reais à Odebrecht em troca da defesa dos interesses da empreiteira no setor de aeroportos. A estratégia não é nova. Dilma nomeou Lula chefe da Casa Civil diante do risco de prisão do petista. Teori, como relator da Lava-Jato, abriu um inquérito contra eles para apurar suposta tentativa de obstrução de Justiça. Caberá a Fachin decidir se Temer e Moreira Franco merecem o mesmo destino. A retórica do novo relator não é favorável à dupla. Disse Fachin no ano passado, referindo-se ao avanço das investigações: "Não há que colocar freios numa atividade dessa, coerente com aquilo que a sociedade pede e com a ordem jurídica que há no Brasil de hoje". Nas mãos de Fachin está a maior e mais poderosa constelação da política nacional. ■

© AG BRASIL

DENTRO DA LEI Dias Toffoli diz que não tem relação de intimidade com investigados e nunca recebeu nenhum pedido deles

O MINISTRO DOS AMIGOS SUSPEITOS

A Polícia Federal aponta ligações entre Dias Toffoli e investigados na Operação Lava-Jato. O Ministério Público quer o afastamento do magistrado **THIAGO BRONZATTO E RODRIGO RANGEL**

ÀS 23H10 DO DIA 28 de dezembro de 2014, o ex-ministro da Previdência Carlos Gabas recebeu uma mensagem inusitada em seu celular. "Sou prefeito eleito e presidente da Câmara até 31.12.14. Perdi o registro no TRE *(Tribunal Regional Eleitoral)* e está no TSE *(Tribunal Superior Eleitoral)* (...) há nove meses. Ocorre que entrei com uma cautelar que não foi conhecida no TSE no plantão do Natal. Amanhã vou pedir reconsideração. Preciso de ajuda (...) Preciso de atenção especial no caso", escreveu o então prefeito interino Elvis Leonardo Cezar (PSDB), de Santana de Parnaíba, no interior de São Paulo. Acusado de trocar votos por presentes, o tucano estava impedido de assumir o cargo. Dois dias antes dessa mensagem, o ministro Dias Toffoli, então presidente do TSE, havia confirmado a impugnação do mandato do prefeito. Cezar pediu ajuda a Gabas e ao então prefeito de São Bernardo do Campo, o petista Luiz Marinho.

A estratégia deu certo — e rapidamente. No dia seguinte, às 13h31, Dias

© CARLOS HUMBERTO/SCO/STF AGÊNCIA ESTADO

NO TRIBUNAL Segundo a Polícia Federal, a troca de mensagens acima mostra que o ministro Dias Toffoli voltou atrás em sua decisão logo após se reunir no Tribunal Superior Eleitoral com o ex-ministro da Previdência Carlos Gabas, investigado em um dos inquéritos da Lava-Jato

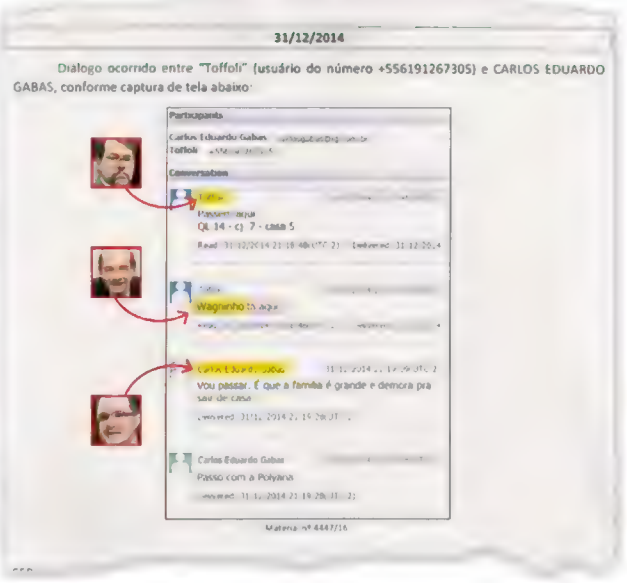
Toffoli recebeu uma mensagem em seu celular. "Diga aí, Excelência!! Podemos tomar um café?", perguntou Gabas. "Estou no TSE. Se quiser, passe aqui", respondeu o magistrado. Às 19h45, Gabas chegou ao tribunal, onde se encontrou com Dias Toffoli. Quinze minutos depois, às 20 horas, ele escreveu uma mensagem para Luiz Marinho: "Tudo certo. Pede para protocolar o pedido de reconsideração". No dia seguinte, às 16h14, a defesa de Cezar, seguindo a orientação do ex-ministro da Previdência, protocolou o pedido, que foi imediatamente acolhido pelo presidente do TSE. Estava mesmo tudo certo. Cezar tomou posse uma semana depois como prefeito de Santana de Parnaíba, cargo que ocupou até o fim de 2016 e para o qual foi reeleito. Para a Polícia Federal, esse episódio, que se assemelha a um paroquial caso de tráfico de influência, é mais grave do que parece — e vai ao encontro das investigações da Operação Lava-Jato.

A troca de mensagens entre Dias Toffoli e Gabas faz parte do material encontrado na busca e apreensão realizada na casa do ex-ministro da Previdência durante a Operação Custo Brasil, um desdobramento das investigações da Lava-Jato. Em junho do ano passado, Gabas foi à Polícia Federal para prestar esclarecimentos sobre o seu envolvimento num esquema de corrupção no Ministério do Planejamento durante os governos Lula e Dilma. Uma empresa prestadora de serviços de informática superfaturava contratos e repassava parte dos ganhos ao PT. Os desvios chegaram a mais de 100 milhões de reais. O ex-ministro foi acusado por um delator de ter recebido 300 000 reais como pagamento pela ajuda que ele deu ao grupo criminoso. Além de Gabas, estavam envolvidos no golpe o ex-ministro do Planejamento Paulo Bernardo, que chegou a ser preso, o lobista Adalberto Wagner Guimarães de Souza, dois ex-tesoureiros do PT e outras pessoas. É a partir desse ponto que, de acordo com a PF, interesses conflitantes começam a se misturar. Seis dias depois da operação, o ministro Dias Toffoli atendeu ao pedido da defesa de Paulo Bernardo e revogou a prisão do petista, alegando que houve "flagrante constrangimento ilegal". A decisão se estendeu aos demais investigados, que, a reboque, foram soltos.

VEJA teve acesso ao relatório da Polícia Federal sobre a perícia nos telefones dos envolvidos no escândalo. No celular de Gabas, os investigado-

res encontraram outras mensagens que mostram que as relações entre ele, Dias Toffoli e outros participantes do esquema de corrupção vão além de um aconselhamento eleitoral. Logo após rever a sua decisão no TSE, no dia 31 de dezembro, Dias Toffoli se preparava para passar o réveillon em sua casa, em Brasília, quando enviou uma mensagem de celular ao seu amigo Gabas: "Passem aqui". Em seguida, acrescentou: "Wagninho tá aqui". A polícia descobriu que "Wagninho" é como os amigos chamam o lobista Adalberto Wagner Guimarães de Souza. Ele e Dias Toffoli são tão próximos que, em 2009, o lobista promoveu uma festa em sua casa para comemorar a nomeação do ministro para o Supremo. Ao comentar o convite de Guimarães enviado por e-mail, uma amiga do lobista disse: "Parece também que não vai ter fila e nem tumulto para dar um abraço no Padilha *(Alexandre Padilha, que havia sido nomeado ministro de Relações Institucionais do governo Lula)* e no Toffoli". Na troca de mensagens, Guimarães diz que no evento haveria uma prova de "alterocopismo" e conclui com uma celebração eufórica: "Viva o Brasil! Viva o Luiz Inácio I (o único). Saudações petistas".

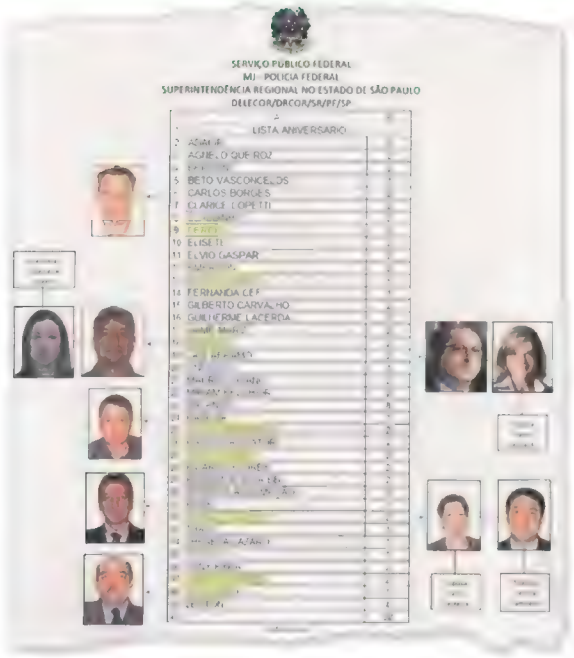
Há ainda outros eventos sociais listados pela PF que relacionam Toffoli, titular da Turma do STF que analisa os processos da Lava-Jato, a investigados e suspeitos. A Polícia Federal encontrou uma lista de convidados para o aniversário de Gabas, elaborada nos anos de 2010 e 2011. "Chama a atenção, nesta lista, a possível presença de pessoas investigadas ou mencionadas na Operação Custo Brasil, bem como o nome Toffoli", escrevem os policiais. Entre os amigos do ex-ministro petista que foram chamados para a festa de aniversário estão Wagninho, Paulo Bernardo e ilustres investigados na Operação Lava-Jato, como a senadora Gleisi Hoffmann e o tesoureiro do PT Paulo Ferreira, além de vários beneficiados com a decisão de Dias Toffoli.



EM CASA Mensagens capturadas pela Polícia Federal revelam que Dias Toffoli passou o réveillon de 2015 em sua residência ao lado do lobista Wagner Guimarães, conhecido como Wagninho, e ainda recebeu a visita do ex-ministro da Previdência Carlos Gabas. Tanto um como o outro são investigados na Operação Lava-Jato, suspeitos de participar de um esquema de corrupção que desviou mais de 100 milhões de reais dos cofres públicos

Com base nessas informações levantadas pela polícia, procuradores de São Paulo sugeriram o afastamento de Dias Toffoli do caso. O juiz Paulo Bueno de Azevedo, da 6ª Vara Criminal de São Paulo, ao analisar o pedido, escreveu um longo despacho, deixando claro que uma relação de amizade, não importa em que grau, não configura crime algum, mas "acarreta, por si, mera exceção de suspeição". A questão foi remetida ao procurador-geral da República, Rodrigo Janot, a quem cabe decidir se segue ou não o entendimento dos colegas paulistas. "Mandamos ao procurador-geral Rodrigo Janot no sentido de que existem elementos suficientes para pedir uma exceção de suspeição", ressalta um dos procuradores do MPF de São Paulo. Procurado, Toffoli disse, por meio de nota enviada por seu gabinete, que "conheceu os ex-ministros Carlos Gabas e Paulo Bernardo, bem como o se-

© AGÊNCIA ESTADO



NA FESTA Para a Polícia Federal, não há dúvida sobre as relações de Dias Toffoli com muitos dos investigados. Além de encontros no tribunal e na própria residência do ministro, há registros de sua participação em festas cujas listas de convidados incluem vários suspeitos de corrupção

nhor Wagner Guimarães, mas nunca teve relação de intimidade com nenhum deles, não tendo recebido nenhum tipo de pedido das referidas pessoas". O ministro ainda destacou que "pauta suas decisões de impedimento e suspeição na legislação", "analisando, caso a caso, os processos submetidos à apreciação do Tribunal". O ex-ministro Carlos Gabas disse que não teve acesso ao relatório da Polícia Federal. Wagner Guimarães nega que seja lobista, confirma que Toffoli participou da festa em sua residência e diz que foi à casa do ministro do Supremo apenas para desejar boas-festas. O ex-prefeito Luiz Marinho disse, por meio de sua assessoria de imprensa, que "não se recorda de ter feito o pedido" a Gabas.

Não é a primeira vez que Dias Toffoli aparece enredado em histórias nas quais seu caminho se cruza, de maneira pouco convencional, com o de amigos investigados. Em maio de 2015, VEJA revelou o teor de um relatório da Polícia Federal que destrinchou mensagens encontradas nos telefones de Léo Pinheiro, ex-presidente da construtora OAS e um dos artífices do petrolão. Amigos, o ministro e o empreiteiro trocavam presentes — e favores. Léo Pinheiro chegou a colocar uma equipe de engenheiros para fazer reparos em uma obra de reforma da casa de Dias Toffoli, em 2011. Os dois também eram frequentadores de uma confraria que se reunia periodicamente em Brasília. Os encontros, batizados com o sugestivo nome de Bode, ocorriam na casa de um diretor da Funcef, o fundo de pensão dos funcionários da Caixa, sócio da OAS em projetos como a concessão do aeroporto de Guarulhos e a construção de duas linhas de metrô no Rio. O grupo de amigos era restrito. Além do anfitrião, de Dias Toffoli e de Léo Pinheiro, costumava integrar o Bode o advogado Sigmaringa Seixas, amigo do peito do ex-presidente Lula e dileto consultor da cúpula petista para assuntos afetos ao Poder Judiciário.

As mensagens capturadas pela PF também revelavam encontros entre Léo Pinheiro e Dias Toffoli para tratar de assuntos de interesse da OAS. Em agosto de 2013, por exemplo, ao se referir a uma reunião com o ministro em Brasília, o empreiteiro pede a um auxiliar: "Vou precisar do material para AGU *(Advocacia-Geral da União)*". A ligação entre os dois não impediu que Dias Toffoli votasse a favor de um habeas-corpus que acabou por livrar Léo Pinheiro e outros empreiteiros da cadeia, em meados de 2015. Na época, disse, por meio de nota, não se lembrar de ter recebido presentes de Léo Pinheiro ou da OAS. Assim como agora, o relatório da Polícia Federal foi encaminhado ao procurador-geral da República, Rodrigo Janot, para avaliar se arguiria a suspeição do ministro nos processos do petrolão. Janot, àquela altura, não viu maiores problemas. ■

LAVA-JATO, O FILME

Com estreia em junho, o longa vai contar os bastidores da maior operação anticorrupção do país. O ator Ary Fontoura será Lula, Marcelo Serrado fará o juiz Moro

ULLISSES CAMPBELL, de Curitiba

© PABLO JACOB/AG. O GLOBO; ZÉ CARLOS BARRETTA/FOLHAPRESS; JEFF [illegible] BASTOS/HOJE EM DIA/FUTURA PRESS

O FILME *Polícia Federal, a Lei É para Todos* terá atores famosos, muitos tiros e explosões e bastidores nunca antes revelados sobre a maior operação de combate à corrupção da história do Brasil (ah, sim, e nem um único beijo nas suas quase duas horas de duração). Dirigido por Marcelo Antunez e produzido por Tomislav Blazic, ele deve estrear em junho e integra o que pretende ser uma trilogia. Com financiamento privado, só a primeira parte está orçada em 14 milhões de reais, o que faz do longa um dos mais caros já realizados no Brasil — *O Tempo e o Vento*, por exemplo, superprodução com direção de Jayme Monjardim lançada em 2013, custou 13 milhões de reais.

A cena de abertura é o marco zero da operação, de que pouca gente se lembra. No dia 21 de novembro de 2013, policiais militares interceptaram um caminhão em Araraquara, no interior de São Paulo. Ao perguntarem ao motorista o conteúdo da carga, ouviram que ele transportava palmito. Na inspeção, porém, os PMs descobriram dentro do veículo quase 700 quilos de cocaína. O flagrante levou a polícia a desbaratar uma quadrilha que, comandada pelo doleiro Carlos Habib Chater, tinha numa das pontas o hoje notório doleiro Alberto Youssef, o homem que detonou a primeira bomba da Lava-Jato.

Além de Ary Fontoura e Marcelo Serrado, intérpretes do ex-presidente Lula e do juiz Sergio Moro, protagonizam o longa, entre outros, os atores Flávia Alessandra (a delegada Erika Marena), Antonio Calloni (o delegado Igor de Paula) e Rainer Cadete (o procurador da República Deltan

PARECIDOS? Vida real e ficção: a pesquisa de campo dos atores incluiu um tour pela carceragem da PF

© MARCOS MICHAEL

Dallagnol). Para compor seus personagens, todos os atores acompanharam o dia a dia da Lava-Jato e tiveram contato com os investigadores. A pesquisa de campo incluiu um tour pela carceragem da Polícia Federal, onde estão dez presos da operação (entre os visitantes, Flávia Alessandra foi quem fez mais sucesso com os presos — à exceção de Marcelo Odebrecht, todos os demais apareceram para dar uma espiada nos atores).

No fim deste mês, a equipe vai gravar a cena mais importante do primeiro filme: a condução coercitiva do ex-presidente Lula. As filmagens vão reunir mais de vinte atores e centenas de figurantes nas ruas de São Paulo e mostrarão desde a chegada dos policiais ao apartamento de Lula naquela manhã até o seu depoimento no aeroporto. Como se trata de uma peça de ficção baseada em episódios reais, o roteiro (escrito a partir de um livro que está sendo finalizado pelos jornalistas Carlos Graieb e Ana Maria dos Santos) seguiu os passos de um vídeo de quase duas horas de duração feito pelos investigadores da PF naquele 4 de março de 2016.

VEJA teve acesso à íntegra da gravação, efetuada por meio de uma câmera digital acoplada ao uniforme de um agente da PF que participou da ação. As primeiras cenas foram captadas antes mesmo de o sol nascer, na portaria do edifício Hill House, em São Bernardo do Campo, onde vive Lula. Os policiais, liderados pelo delegado Luciano Flores, mostram a ordem judicial ao porteiro e o impedem de interfonar ao petista para avisá-lo da presença da PF. Em seguida, sobem pelo elevador. Antes mesmo de eles baterem, o próprio Lula abre a porta.

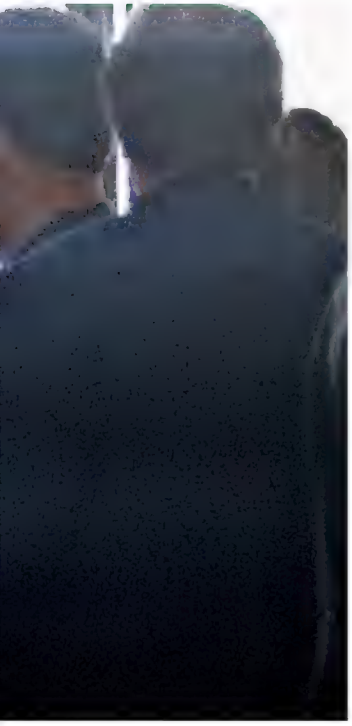
EXCLUSIVO APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E ASSISTA A UM *TEASER* EXCLUSIVO DO FILME

Recebe a equipe com um "bom-dia" grave. Veste um agasalho e calça azul de ginástica (estava se preparando para ir à academia). Enquanto os policiais entram, o ex-presidente vai até a sacada conferir se há mais gente lá embaixo. Em seguida, pede ao único segurança que está em casa que telefone para o seu personal trainer. "Liga para o Marquinhos e avisa que não vou." Depois, puxa a cadeira da cabeceira da mesa de jantar, senta-se, põe os óculos e começa a ler o mandado de busca e apreensão que terminará por recolher nove aparelhos de telefone celular, uma carta escrita por Emílio Odebrecht e documentos que relacionam Lula ao sítio de Atibaia. Ele também lê o documento no qual o juiz Sergio Moro determina o depoimento coercitivo.

As imagens registradas pela PF dentro do apartamento do petista foram feitas com uma GoPro, que capta um ângulo panorâmico da sala inteira, permitindo que todos os investigadores e o ex-presidente estejam em cena sempre juntos. À medida que avança na leitura, calado, Lula mexe lentamente a cabeça para os lados em tom de reprovação. "Isso é um absurdo", diz. As oito pessoas que o cercam — policiais, peritos e agentes da Receita Federal — permanecem o tempo todo em pé. Lula continua lendo a papelada e, em determinado momento, exclama: "Foi o f.d.p. do Ministério Público!". Depois, resmunga para si: "Estou agora o indignado dos indignados dos indignados". Ainda sentado, pergunta ao delegado, com voz alterada: "Eu estou preso?". Flores esclarece que não, mas Lula replica, em alto volume: "Lógico que estou preso! Vocês batem às 6 da manhã com toda essa gente e como que não estou preso?". Pede ao segurança: "Liga para os meus advogados". Em seguida, pergunta três vezes: "Como que não estou preso? Como que não estou preso? Como que não estou preso?". Com voz pausada, o delegado Flores explica: "Isso se chama condução coercitiva". Lula se levanta da mesa e diz: "Isso se chama filhadaputice do Ministério Público!".

Nervoso, Lula começa a caminhar pela sala do apartamento. Vai à sacada mais uma vez. Olha para baixo e passa a mão na cabeça. Na avaliação dos policiais, ele esperava por militantes, contando que uma manifestação lá fora pudesse impedir a sua saída. Volta para a sala e diz que só sairá de lá algemado. O delegado mais uma vez explica que não haverá algemas e que ele sairá de lá sob a mais absoluta discrição. Lula continua falando em voz alta. Pede para depor em sua casa. O delegado diz que não é possível. O petista então exclama: "Quero saber quando essa porra acabar quem vai me pagar o prejuízo?". Em seguida, passa a criticar os delatores. "Virei defensor da tortura. Prefiro o cara que diz o que sabe torturado do que em delações, como fez o f.d.p. do Delcídio do Amaral." Um segurança passa a ele um celular. Do outro lado da linha está seu advogado

© MARCIO FERNANDES/ESTADÃO CONTEÚDO



"Eu vou voltar a ser presidente em 2018 e lembrarei da cara de cada um de vocês. Me aguardem."

LULA, no fim de seu depoimento, no dia da condução coercitiva, para os dois delegados e cinco agentes da PF que estavam a seu lado

Roberto Teixeira. Com o telefone na mão, segue pela terceira vez para a sacada, olha para baixo e conversa com seu defensor por quatro minutos. Não é possível ouvir o que ele diz nesse intervalo. Volta para a sala ainda falando alto ao celular. O diálogo começa cortado. "(...) Decisão é o c. a quatro. Não pode ter condução coercitiva. Ou eu vou de livre e espontânea vontade ou eles me prendem, me algemam. E vamos ver o que vai ser deste país", diz ao advogado. Em seguida, o petista fica em silêncio por uns três minutos e, convencido pelo defensor, resolve ceder. Desliga o telefone, passa o aparelho para o segurança e segue calado pela escada de caracol até seu closet, no 2º andar.

A partir daí, a tensão aumenta. Um policial que não aparece na filmagem diz em voz alta que Lula não pode ficar sozinho em momento algum dentro de casa, para evitar que destrua provas. "Desculpe, mas eu tenho que acompanhar o senhor." Lula sobe as escadas e o agente vai atrás, filmando tudo. O segurança vai junto e, sutilmente, põe-se na frente do agente para tentar impedir que ele entre na suíte do ex-presidente, onde Lula já está trocando de roupa. "Ele não pode ficar sozinho. Precisamos apreender o telefone", argumenta o agente. Quando ouve o policial falando na possibilidade de que destrua provas, o petista sai da suíte. Enquanto fecha o zíper da calça e afivela o cinto, grita: "Eu não sou moleque!". Passa pelo agente vestindo uma camisa azul, desce as escadas e volta para a sala, onde, de pé, lê mais uma vez o mandado. Pergunta: "Não trouxeram o japonês de Curitiba?". Um policial responde que não. Lula tece o seguinte comentário: "Ainda bem. Capaz de ele roubar as minhas coisas aqui em casa. (...) Eu tinha pedido para o Cardozo *(José Eduardo Cardozo, ex-ministro da Justiça)* mandar prender esse japa". Confere quantas pessoas estão em sua sala e conclui: "Eu me considero preso". Chama mais uma vez os procuradores de "bando de f.d.p." e sai de casa acompanhado pelos policiais.

O depoimento de Lula, tomado numa sala no Aeroporto de Congonhas, durou quase quatro horas. No fim do interrogatório, ele se levantou da cadeira e seguiu até o salão presidencial, perto da área vip do aeroporto. Os policiais foram junto para se despedir do ex-presidente. Nessa hora, Lula virou-se para os delegados Luciano Flores e Ricardo Hiroshi mais cinco agentes e disparou: "Eu vou voltar a ser presidente em 2018 e lembrarei da cara de cada um de vocês. Me aguardem".

O filme de Antunez não reproduzirá todos os diálogos captados pelo vídeo da PF. "Mas os que aproveitarmos serão reproduzidos fielmente", diz o diretor. A cena da condução coercitiva de Lula encerrará a primeira parte da trilogia da Lava-Jato. Nas duas outras sequências, a ser lançadas em 2018 e 2019, entrarão em cena os personagens da ex-presidente Dilma Rousseff e de seu algoz no processo de impeachment, o ex-deputado Eduardo Cunha. O segundo filme já trará a queda do avião que matou o ministro do STF Teori Zavascki. Na vida real, o capítulo derradeiro da Lava-Jato ainda está por ser escrito. E como seria bom se aqui a vida imitasse a ficção: os mocinhos venceriam os obstáculos mais difíceis, os bandidos (todos eles) seriam punidos e — oh, felicidade — o bem sairia vencedor no final. ■

TCHAU, QUERIDOS Dilma na posse, em 2014: ela caiu, mas o julgamento da chapa segue no TSE

APOIO COMPRADO COM DINHEIRO SUJO

Delações de Marcelo Odebrecht e Alexandrino Alencar relatam que o PT recebeu 35 milhões de reais para comprar alianças e aumentar o tempo de TV na eleição de 2014 **BRUNA NARCIZO**

© EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS

EM UMA REUNIÃO em 2014 com Marcelo Odebrecht, à época presidente da maior construtora do país, e o então diretor de Relações Institucionais da empreiteira, Alexandrino Alencar, o tesoureiro da campanha de Dilma Rousseff à reeleição, Edinho Silva (PT), foi claro: precisava de 35 milhões de reais para garantir a adesão de cinco partidos à chapa da petista e, assim, conquistar preciosos minutos na propaganda eleitoral na televisão. Mais precisamente, dois minutos e 59 segundos, decorrentes da aliança com Pros, PCdoB, PRB, PDT e PP. A divisão do butim seria feita de forma igualitária, 7 milhões de reais para cada sigla. A informação sobre o acerto, levado a cabo, consta do acordo de delação premiada dos dois executivos, homologado na semana passada pela presidente do Supremo Tribunal Federal, Cármen Lúcia.

Segundo o que Marcelo Odebrecht e Alexandrino Alencar delataram em seus acordos, a propina foi paga, através de caixa dois, diretamente aos partidos beneficiados, e saiu do Setor de Operações Estruturadas da Odebrecht, que cuidava do dinheiro sujo da empreiteira. Em alguns casos, ao menos, o repasse foi feito em dinheiro vivo. Procurado por VEJA, Edinho Silva negou as informações. Afirmou que se reuniu com Marcelo e Alexandrino apenas duas vezes — uma na sede da empresa e a outra na casa do dono da Odebrecht. De acordo com o ex-tesoureiro, que hoje é prefeito de Araraquara, os encontros trataram de doações para a campanha de Dilma em 2014 — mas, segundo ele, aconteceram depois que a coligação de partidos que apoiava a petista já estava fechada. Procurada, a Odebrecht informou que não pode comentar o assunto em razão da cláusula de confidencialidade dos acordos de delação.

Uma vez confirmadas com provas e outros detalhes, as delações vão atestar que, quase uma década depois do mensalão, o PT não abandonara a prática de comprar o apoio de partidos aliados com o dinheiro da corrupção. No escândalo precursor do petrolão, os petistas pagavam gordas somas mensais aos aliados (e até mesmo a integrantes do próprio partido, como João Paulo Cunha e Professor Luizinho, só para ficar em dois dos mais notórios) para garantir sua fidelidade no Congresso.

Segundo duas pessoas que tinham conhecimento da engrenagem do propinoduto da Odebrecht, o dinheiro saiu de um "caixa único" comandado por Marcelo. O dono da empreiteira definia anualmente — primeiro com Antonio Palocci e depois com Guido Mantega, ambos ministros da Fazenda durante a era petista — qual seria o valor destinado ao PT naquele período. A partir daí, os pedidos eram "abatidos" da conta, como foi o caso dos 35 milhões para comprar os partidos na campanha de 2014. A tática tinha o objetivo de evitar que a voracidade dos políticos se estendesse além da conta.

O tempo de TV foi crucial para a vitória de Dilma na disputa da reeleição — no primeiro turno, sua coligação, que contava ainda com PMDB, PSD e PR, teve onze minutos e 24 segundos no total; o segundo colocado nesse quesito, o tucano Aécio Neves, dispunha de quatro minutos e 35 segundos. Sob os auspícios do marqueteiro João Santana (também alvo da Lava-Jato), a campanha petista utilizou a vastidão televisiva para pintar um céu azul por cima da tempestade econômica que já se formava e massacrar adversários (entrou para os cânones da história das eleições, por exemplo, o vídeo que acusava Marina Silva de tirar a comida do prato dos pobres por defender a independência do Banco Central).

Com Dilma Rousseff já fora do poder, a delação tem um enorme potencial de estrago para seu sucessor, Michel Temer. A revelação deve complicar ainda mais sua situação no Tribunal Superior Eleitoral, na ação que analisa precisamente se houve abuso de poder político e econômico na eleição de 2014. O atual presidente do TSE, o ministro do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes, já afirmou que pretende aproveitar as delações da Odebrecht no julgamento — a informação de que 35 milhões de reais de caixa dois irrigaram os cofres de partidos aliados em troca do tempo de TV é a acusação mais contundente feita até agora no processo. E, como é mínima a probabilidade de que as contas de Dilma e de Temer sejam julgadas de forma separada — como pediu o presidente —, cresce a possibilidade de um desfecho desfavorável ao peemedebista no tribunal. Isso, claro, se forem levados em conta os aspectos estritamente técnicos da questão. ■

A revelação de Marcelo Odebrecht de que o dinheiro da corrupção irrigou caixa dois da chapa presidencial pode complicar a situação de Temer no TSE

DORA KRAMER

ORQUESTRA DO *TITANIC*

Políticos seguem indiferentes ao naufrágio

NOS ÚLTIMOS trinta anos o Brasil mudou. Depois de reconquistar a democracia, a sociedade evoluiu, os critérios do maléfico e do benéfico se agravaram, novos valores se incorporaram ao cotidiano das pessoas. Devagar, o país trilha o caminho inexorável da modernidade. As maneiras da política, no entanto, permanecem referidas na antiguidade.

Nada mais velho no front do Parlamento que as recentes eleições para as presidências da Câmara e do Senado, evidência da distância abissal entre a oferta dos métodos vencidos dos representantes e a demanda dos representados por meios mais avançados.

À semelhança dos músicos que entoavam as melodias do melhor tempo enquanto o *Titanic* afundava, deputados e senadores conduziram os processos de sucessão como se mal algum os acometesse nem ameaçasse. Falamos de uma espécie humana que não pode andar na rua, caminhar na praia, frequentar um restaurante ou entrar num avião sem o risco de levar uma invertida nas ventas.

O senador Eunício Oliveira (PMDB-CE) e o deputado Rodrigo Maia (DEM-RJ) elegeram-se com a tranquilidade dos cemitérios. Sem ocorrências relevantes, alheios à realidade de fora em que o carrinho sobe a montanha-russa vagarosamente, mas está prestes a desabar na toada da Operação Lava-Jato.

Eunício Oliveira é o 21º presidente do Senado desde a redemocratização, período no qual o posto foi ocupado dezesseis vezes por senadores filiados ao PMDB, considerados aqui os quatro mandatos de Renan Calheiros e José Sarney cada um, eleitos e reeleitos a despeito de escândalos, denúncias e processos.

Réu perante o Supremo Tribunal Federal, Calheiros foi aclamado líder do partido por seus pares que não encontraram em sua folha corrida impedimento algum. Além dele, nos últimos 32 anos dois presidentes do Senado (Antônio Carlos Magalhães e Jader Barbalho) viram-se na contingência de renunciar ao cargo para não perder o mandato por quebra do decoro parlamentar.

Assim como seu colega do Senado, Rodrigo Maia é citado em delações decorrentes da Lava-Jato. Foi eleito com a sustentação do governo federal, presidido por Michel Temer, que é apontado por delatores como beneficiário do duto de propinas construído entre partidos e empreiteiras, alvo do Tribunal Superior Eleitoral em acusação de uso indevido de recursos na campanha presidencial de 2014.

O que significa o relato acima? Que as trocas nos postos não correspondem à mudança dos fatos. E fato é que a vida passou na janela, mas só o Congresso não viu. Pagará em breve o preço da indiferença aos postulados éticos. Cidadãos podem até não corresponder a esses critérios no cotidiano, mas esperam que seus representantes observem as regras da melhor conduta.

Com razão. Racionalidade cuja expressão é a busca do voto. Eleitor indiferente corresponde a eleito frouxo. Tal indiferença abre espaço para o que der e vier. Notadamente a representantes permeáveis ao que vier e der. Portanto, amigos leitores e caras leitoras, vamos ao nosso trabalho de cobrar, examinar e julgar. ■

REALITY DORIA

No primeiro mês de gestão, o prefeito de São Paulo impõe ritmo frenético à administração, grava a rotina em vídeo e vira fenômeno do Facebook

GUILHERME VENAGLIA

© WEBERSON SANTIAGO; HELOISA BALLARIN/SECOM

PREFEITO NO AR João Doria, em um dos vídeos que publicou no Facebook

SÃO NÚMEROS de fazer inveja a qualquer ídolo youtuber. João Doria (PSDB) completou um mês como prefeito de São Paulo consagrado como um fenômeno do Facebook: postou 31 vídeos sobre sua rotina e obteve em média 1,4 milhão de visualizações em cada um. Uma das peças, em que ele visitava uma unidade de saúde no Butantã, teve 4,2 milhões de visualizações, número superior ao de cada um dos treze vídeos publicados pelo Porta dos Fundos em janeiro. (No vídeo recordista, o prefeito entra na unidade e, de cara, pergunta às servidoras se "está faltando muita coisa". No take final, telefona ao secretário da área, repassa os pedidos e arremata com uma frase de efeito: "A saúde tem urgência!".)

Em geral, os vídeos protagonizados pelo prefeito priorizam bandeiras como o projeto Cidade Linda e o aumento da velocidade nas marginais. Coordenador das redes do prefeito, Daniel Braga diz que ele investe na internet desde 2015, quando decidiu ser candidato e resolveu que precisava ser mais que "o presidente do Lide" (grupo de líderes empresariais). Seu trânsito no setor vem rendendo frutos — e também sabonetes, pasta de dentes e até motos. Empresas de automóveis, construção civil, higiene e eletricidade já contribuíram com a doação de produtos para projetos da prefeitura — "a custo zero", como ressalta Doria. Ele articula pessoalmente os contatos com as empresas e depois as menciona nos vídeos.

Para Braga, a produção dos vídeos não é um reality show, mas um "reality life", que reflete o estilo frenético do prefeito. Doria se jacta de trabalhar 19 horas por dia e dormir três por noite (as duas horas que sobram ele usa na madrugada para se exercitar em casa numa esteira elétrica). As gravações, afirma Braga, são feitas sem roteiro nem ensaio. Quem acompanha a página do prefeito pode vê-lo trabalhando de manhã ao lado de jardineiros da prefeitura e, em seguida, indo a uma reunião de secretariado — à qual chega suado, ainda uniformizado e descalço. "Aquilo é o João, é a vida dele, de verdade." Claro que não é beeem assim. É possível ver que Doria usa vídeos editados, concisos, pensados para as redes sociais, diz Alexandre Secco, da consultoria Medialogue. Mais: seus 25 anos como apresentador de TV ensinaram-lhe a importância da retórica e a noção de presença em frente às câmeras — no caso, um iPhone carregado por dois especialistas pagos por ele.

Nos comentários, predominam elogios e pedidos de outras ações. O prefeito responde a alguns. As críticas, menos frequentes, são quase sempre sobre ele "fazer marketing" ou dar "menos atenção" a temas "mais importantes". Doria responde com o mesmo sorriso de apresentador profissional: "Queremos deixar nossos seguidores atualizados, sem fazer demagogia nem marketing pessoal. Um abraço!". ■

APONTE A CÂMERA PARA ESTA PÁGINA E ASSISTA A TRECHOS DOS VÍDEOS PUBLICADOS PELO PREFEITO

SEM FIM Bretas: o caminho é longo para dar conta do propinoduto fluminense

SERGIO MORO FAZ ESCOLA

Quem é o juiz durão Marcelo Bretas, responsável pela Lava-Jato no Rio e que em dois meses pôs na cadeia Sergio Cabral e Eike Batista **THIAGO PRADO**

NO DESENROLAR da Operação Lava-Jato, uma conversa de uma hora, em 8 de novembro de 2015, selou uma relação que mudaria a história do Rio de Janeiro. Naquela data o juiz Sergio Moro convidou a seu gabinete um companheiro de toga até então pouco conhecido: Marcelo da Costa Bretas, 46 anos, titular da 7ª Vara Federal do Rio. Bretas estava em Curitiba para receber as cerca de 150 000 páginas digitalizadas com evidências de um esquema milionário de corrupção na Eletronuclear. A investigação, subproduto da Lava-Jato, deveria basear-se no Rio, a sede da estatal, e caiu-lhe no colo por sorteio. Ali começava a rodar a máquina fluminense de moer corruptos, que nos meses seguintes mostraria apetite comparável ao da equipe curitibana: prendeu dezenas de pessoas, entre elas o ex-governador Sérgio Cabral e, na semana passada, o ex-bilionário Eike Batista.

A dimensão dos novos alvos transformou a rotina de Bretas. Concentrada em desmantelar o propinoduto carioca, a 7ª Vara deixou até de receber novos casos. O juiz tem trabalhado doze horas por dia e almoçado na própria sala, onde se fecha, solitário, para redigir suas decisões. Os despachos, que tiram o sono de políticos e empresários, às vezes carregam nas parábolas, nos pontos de exclamação e na ironia. A prisão da ex-primeira-dama Adriana Ancelmo, por exemplo, ele comparou a uma estadia na Europa "sem filhos, com colaboradores e amigos". Nas rodas de advogados, Bretas é chamado de "Moro carioca". Além de impreciso — ele nasceu em Nilópolis, na Baixada Fluminense —, o apelido causa certo incômodo em seu gabinete, no 4º andar do prédio da Justiça Federal. "O doutor Bretas tem luz própria, não é sombra do Moro", diz o secretário Fernan-

do Pombal, braço-direito do juiz. Ele mesmo não liga para a comparação.

No processo da Eletronuclear, porém, o primeiro da série Lava-Jato, Bretas mostrou ter ao menos duas coisas em comum com o colega de Curitiba: foi rápido e implacável. Em agosto, condenou o presidente da empresa, Othon Pinheiro da Silva, a 43 anos de prisão por corrupção e lavagem de dinheiro. A Operação Saqueador, a qual coordenou em junho e que prendeu o empresário Fernando Cavendish, serviu para alçar de vez o juiz à linha de frente da guerra contra a propina no Rio. A Saqueador não tem nada a ver com a Lava-Jato, mas Cavendish tem tudo a ver com Cabral. E Bretas acabou herdando a investigação da quadrilha montada pelo ex-governador, essa sim com ramificações que esbarram nas ações de Curitiba. No fim de novembro, pôs na rua a Calicute, que prendeu Cabral e mais nove pessoas. Há dez dias, foi a vez da Eficiência, que capturou outros oito, incluindo Eike Batista.

Em geral calmo, Bretas deixou escapar uma certa ansiedade na quinta-feira 26, dia da operação que pegaria Eike. Ele estava em um cruzeiro no Caribe, de férias, com a mulher, também juíza federal, e os dois filhos (um de 14 e o outro de 16). Mesmo assim, acompanhava em tempo real pelo celular as diligências e logo ficou sabendo que o empresário estava foragido. Só voltou a relaxar no domingo 29, quando soube que ele tinha concordado em voltar de Nova York para se entregar no Brasil.

Filho de um comerciante e de uma dona de casa, Bretas cursou direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Depois de passar pelo Ministério Público por dois anos, entrou na Justiça Federal em 1997 e trabalhou em comarcas no interior do estado antes de se instalar no Rio, em 2015. Evangélico praticante, tem sempre uma *Bíblia* à mão e frequenta com assiduidade a Comunidade Evangélica Internacional da Zona Sul, no bairro do Flamengo, onde vive. Chegou a citar um versículo do livro de Eclesiastes na decisão que autorizou a Operação Calicute. Nas horas vagas, gosta de tocar bateria.

O espírito exacerbado de justiça, contam amigos, pode ser ilustrado por um episódio ocorrido perto de sua casa. Certa vez, saiu do carro e perseguiu correndo, no meio de uma avenida, o assaltante que roubara a bolsa de uma mulher. Recuperou o objeto e voltou à luta, dessa vez para evitar que o ladrão fosse linchado. No momento, uma das preocupações do magistrado é encontrar a melhor maneira de estabelecer parâmetros para a punição de Cabral e dos demais envolvidos nas operações que encabeça. "Pela régua adotada com o presidente da Eletronuclear, os réus destas duas fases da Lava-Jato no Rio podem acabar pegando mais de 100 anos de cadeia", calcula um advogado que acompanha processos na 7ª Vara. Tem muito carioca tremendo nas bases. ■

Uma das grandes preocupações do magistrado no momento é encontrar o melhor parâmetro para definir a punição de Cabral, Eike e companhia

ADEUS, TOPETE Eike chega à PF: sem visitas na cadeia

DELAÇÃO NO HORIZONTE

Quem o conhece garante: Eike vai contar tudo

DESDE QUE desembarcou no Rio de Janeiro na segunda 30, vindo de Nova York, o empresário Eike Batista, que já foi um dos homens mais ricos do planeta, mora em uma cela no complexo de presídios de Bangu, na Zona Oeste. De calça jeans, camiseta branca e a careca revelada depois de removida a prótese que lhe cobria a cabeça de fios, prestou o primeiro depoimento na sede da Polícia Federal. Confirmou ali o pagamento de propina ao esquema Sérgio Cabral — e mais nada. Aí residem as expectativas: quem esteve com o empresário tem certeza de que ele vai colaborar com as investigações. Eike aguarda apenas a conclusão da análise dos pedidos de habeas-corpus. Nenhum deve vingar — a primeira liminar, apresentada pelo advogado Fernando Teixeira Martins, já foi negada. Em paralelo, a polícia apura se o ex-bilionário foi avisado com antecedência do decreto de prisão assinado pelo juiz Marcelo Bretas e se tinha de fato intenção de fugir do país. Até sexta-feira, o novo detento de Bangu não havia recebido a visita de nenhum familiar. ■

Luisa Bustamante

© LEO MARTINS/DOMINGOS PEIXOTO/AG. O GLOBO

UMA NOVA NARRATIVA

A convivência de virtudes incomuns com vícios primários faz com que os brasileiros oscilem entre o ufanismo e a autodepreciação. Precisamos definir o que somos e qual o nosso lugar no mundo

NARRATIVA É A PALAVRA da temporada. Considero-a melhor do que pós-verdade, oficialmente vencedora do ano de 2016. Na entrada do Oráculo de Delfos, na Grécia antiga, lia-se a inscrição: "Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os Deuses". Atribuída a Tales de Mileto, essa frase é considerada o marco do nascimento da filosofia ocidental, ao passar o homem e sua capacidade de reflexão para o centro dos acontecimentos. Cabe a cada indivíduo definir a sua relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Isso vale para os países também. Uma narrativa envolve o esforço de autocompreensão, de reconstrução da própria trajetória e da busca de um sentido para o futuro. Nela está embutida a exigência de se fazerem diagnósticos certos e sem idealizações, e de se buscarem as soluções que o realismo e o bom-senso impõem. Este artigo é um breve esforço nessa direção.

Alguns exemplos para o mundo. Temos algumas contribuições importantes para a causa da humanidade. Apesar de ainda existir um velado racismo, somos o país da diversidade racial e da miscigenação. Brancos, negros, índios e todas as combinações possíveis formam a gente brasileira, em uma composição de cores e variados traços físicos. Somos, também, o país da diversidade religiosa, no qual cristãos, judeus, umbandistas e muçulmanos convivem sem atritos relevantes. Ortodoxias exacerbadas e fundamentalismos radicais não frutificaram por aqui. Somos um país de fronteiras pacíficas, de vasta extensão territorial, repleto de belezas e riquezas naturais. O país do bom humor, da alegria de viver, das festas populares e da extroversão. Gente sem medo e sem culpa de ser feliz.

Alguns fatos para nos envergonharmos. Mas somos, também, o país da desigualdade social extrema. Do número de homicídios superior ao de muitos países em guerra. Da violência contra todos, notadamente pobres, negros, mulheres, homossexuais e transgêneros. Da falta de habitações adequadas, de urbanização, de saneamento. Da favelização ampla, que degrada as pessoas, as cidades e o meio ambiente. Um país com deficiências dramáticas na educação pública, na saúde pública, no transporte público, na segurança pública. Com poucas instituições de ensino de destaque e com monopólios públicos soterrados pela corrupção e pela ineficiência. Um país com estatísticas aterradoras no trânsito. Do jeitinho que contorna a lei, a ética e a isonomia. Mais recentemente, fomos protagonistas do maior escândalo de corrupção do mundo.

Uma nova narrativa para o país. A convivência de virtudes incomuns com vícios primários tem feito com que a percepção do Brasil por seu povo e por seus formadores de opinião oscile entre o ufanismo e a autodepreciação: ou somos os melhores do mundo ou temos um sentimento de inferioridade diante de outras experiências nacionais. Precisamos de um exercício de pensamento original que ajude a definir o nosso lugar no mundo, o que somos e o que temos para oferecer. Uma nova narrativa, capaz de olhar para trás e para a frente, de apresentar diagnósticos e propostas. Ao longo da história brasileira, pensadores e atores sociais notáveis — idealistas, pragmáticos, céticos ou visionários — empreenderam esforços para compreender, explicar e

LUÍS ROBERTO BARROSO*

transformar o Brasil. Gente como Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr., Raymundo Faoro, Darcy Ribeiro e Roberto DaMatta, para citar apenas alguns. Ou artistas extraordinários, como Villa-Lobos, Chico Buarque ou Caetano Veloso.

Patrimonialismo. Começando pelos diagnósticos, é possível identificar três disfunções atávicas que marcam a trajetória do Estado brasileiro. A primeira delas é o patrimonialismo. O termo revela o modo como se estabeleciam as relações políticas, econômicas e sociais entre o imperador e a sociedade portuguesa, em geral, e os colonizadores do Brasil, em particular. Não havia separação entre a fazenda do rei e a fazenda do reino, entre bens particulares e bens do Estado. Os deveres públicos e as obrigações privadas se sobrepunham. O rei tinha participação direta e pessoal nos tributos e nos frutos obtidos na colônia. Vem desde aí a difícil separação entre esfera pública e privada, que é a marca da formação nacional. A aceitação resignada do inaceitável se manifesta na máxima "Rouba, mas faz".

Oficialismo. A segunda disfunção que vem de longe é o oficialismo. Essa é a característica que faz depender do Estado — isto é, da sua bênção, apoio e financiamento — todos os projetos pessoais, sociais ou empresariais. Todo mundo atrás de emprego público, crédito barato, desonerações ou subsídios. Da telefonia às fantasias de Carnaval, tudo depende do dinheiro do BNDES, da Caixa Econômica, dos fundos de pensão, dos cofres estaduais ou municipais. Dos favores do presidente, do governador ou do prefeito. Cria-se uma cultura de paternalismo e compadrio, a república da parentada e dos amigos. Um dos subprodutos dessa compulsão se expressa na máxima do favorecimento e da perseguição: "Aos amigos, tudo; aos inimigos, a lei".

A cultura da desigualdade. Esse é o nosso terceiro mal crônico. A igualdade no mundo contemporâneo se expressa em três dimensões: a igualdade formal, que impede a desequiparação arbitrária das pessoas; a igualdade material, que procura assegurar as mesmas oportunidades a todos; e a igualdade como reconhecimento, que busca respeitar as diferenças de gênero e proteger as minorias, sejam elas raciais, de orientação sexual ou religiosas. Temos problemas nas três dimensões. Como não há uma cultura de que todos são iguais e deve haver direitos para todos, cria-se um universo paralelo de privilégios: imunidades tributárias, foro privilegiado, juros subsidiados, auxílio-moradia, carro oficial, prisão especial. A caricatura da cultura da desigualdade ainda se ouve, aqui e ali: "Sabe com quem está falando?".

Avanços importantes. Ainda somos viciados em estatismo, paternalismo e privilégios. Mas diversas gerações

Três disfunções atávicas marcam a trajetória do Estado brasileiro: o patrimonialismo, o oficialismo e a cultura da desigualdade

têm enfrentado esses desajustes, que vêm sendo superados com a velocidade possível. Nem sempre tivemos sorte: ao longo da história, o iluminismo sucumbiu em diferentes momentos da vida brasileira. José Bonifácio, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, San Tiago Dantas: nenhum deles foi a voz que prevaleceu no seu tempo. Mas, ainda assim, em épocas mais recentes, conseguimos vitórias importantes: a superação da miséria absoluta, a proibição do nepotismo nos três poderes, a luta aberta contra a corrupção, o enfrentamento da violência contra as mulheres, a legitimação das uniões homoafetivas, um debate mais aberto sobre a questão das drogas e sobre a descriminalização do aborto. Há vitórias a celebrar. A propósito, decisões judiciais até podem ajudar a empurrar a história, mas, sem mobilização social, cidadania ativa e espírito cívico, avanços iluministas não se consolidam. A democracia é o governo do povo, não de juízes.

Um projeto progressista. A curto prazo, precisamos de um projeto progressista, que envolve três eixos: econômico, com empreendedorismo, inovação, risco e competição, em lugar da dependência e favorecimentos; social, com políticas redistributivas equilibradas e justas, que incluem assistência social onde indispensável, serviços públicos de qualidade e um sistema tributário menos regressivo; e político, com uma onda de patriotismo e idealismo apta a implantar um sistema eleitoral e partidário melhor, capaz de atrair novas vocações. Para além do curto prazo, é preciso mirar o horizonte.

Um novo começo. A história é um caminho que se escolhe, e não um destino que se cumpre. Precisamos de um esforço de autocompreensão. Identificar nosso patrimônio comum, nossos valores, nosso projeto civilizatório. Sem dogmas nem superstições. A Constituição é uma boa bússola, e não um obstáculo. Sobre o desencanto de uma República que ainda não foi, precisamos de um novo começo. ■

* Luís Roberto Barroso é ministro do Supremo Tribunal Federal, professor titular da Uerj e mestre pela Universidade Yale

AGORA SÓCIOS Depois de ser demitidos, os amigos Renato Baptista *(à esq.)* e Laercio Dimov abriram uma franquia

A HORA DO PLANO B

Já são 12 milhões os brasileiros sem emprego. Com a demora da retomada na economia, para muitos demitidos a saída vem sendo arriscar-se em novas áreas **BIANCA ALVARENGA**

EXISTE UMA GRANDE possibilidade de a recessão na economia brasileira ter chegado ao fim. Sabe-se, no entanto, que a retomada será vagarosa e vacilante. E, como consequência, o desemprego permanecerá elevado por mais algum tempo — basicamente, até que os empresários percebam que a recuperação é para valer e voltem a investir e contratar trabalhadores. De acordo com os números divulgados pelo IBGE na semana passada, já são 12,3 milhões os

© LU ZMAXIMIANO

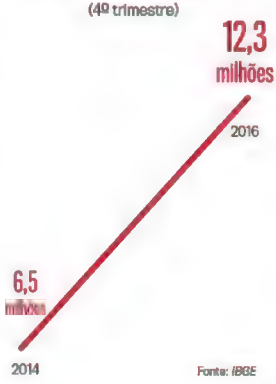
brasileiros desempregados. Em relação ao total da força de trabalho, o porcentual subiu para 12% no fim de 2016. Trata-se do maior patamar já registrado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, feita desde 2012. Os setores mais castigados foram a indústria e a construção civil.

O desemprego começou a elevar-se no Brasil a partir do fim de 2014, quando ficou escancarada a crise causada pelas manobras e pedaladas perpetradas pelo governo Dilma Rousseff. Nos últimos dois anos, a fila de desocupados ganhou quase 6 milhões de pessoas. Em média, 240 000 brasileiros ficaram sem trabalho a cada mês — gente que foi demitida, jovens que acabaram de se formar e não encontram uma vaga e pessoas que estavam fora do mercado de trabalho e passaram a procurar uma ocupação para contribuir para a renda da família.

O Brasil corre o risco de perder boa parte do avanço no mercado de trabalho formal conquistado na última década. Mas essa não será a única sequela que a crise legará para os próximos anos. Jovens que antes podiam dedicar-se somente aos estudos estão sendo empurrados para o mercado mais cedo. Entre aqueles que buscam uma ocupação, um em cada quatro está desempregado. Se a economia não reagir em breve, o país terá uma geração sem formação acadêmica e sem experiência prática — em outras palavras, desqualificada para o futuro. "Quando havia forte criação de vagas e oportunidades, as empresas contratavam jovens que não tinham formação completa, com o objetivo de treiná-los", afirma Ricardo Basaglia, diretor executivo da consultoria de recursos humanos Michael Page. "Hoje, como há muita gente experiente desempregada, as companhias optam por profissionais preparados que aceitam salários mais baixos."

A CRISE NA OFERTA DE TRABALHO

Desde o fim de 2014, o número de desocupados aumentou em 5,8 milhões de pessoas



Dados do Ministério do Trabalho mostram que o salário de um recém-contratado é 21% menor que o do empregado demitido na mesma ocupação. "Nesses casos, vale a máxima de que é melhor ser admitido com um salário menor do que continuar desempregado", afirma Basaglia. De acordo com o consultor, o tempo de recolocação de um profissional saltou de três meses, antes da crise, para mais de nove meses agora.

O LinkedIn, rede social com 27 milhões de usuários brasileiros e que tem por objetivo conectar candidatos com empregadores, registra um fenômeno curioso no país: há, por exemplo, publicitários candidatando-se a vagas de engenheiro. "As pessoas se registram em vagas que não condizem com sua formação na expectativa de que algum recrutador daquela empresa as perceba", diz Milton Beck, diretor regional do LinkedIn para a América Latina. Segundo ele, como há oferta abundante de mão de obra, é comum que os profissionais se candidatem a vagas dois ou três níveis inferiores às que ocupavam anteriormente. "Antes, isso era mais comum entre os profissionais com mais de 55 anos, que aceitavam posições inferiores para tentar retornar ao mercado de trabalho", explica Beck. Agora, para a maioria, o importante é assegurar um posto e depois brigar por uma promoção. Encontrar uma oportunidade é particularmente difícil hoje para duas categorias: os que têm pouca ou nenhuma experiência na área almejada e os mais velhos que atuam em áreas desaquecidas ou ultrapassadas pela tecnologia. Para os desempregados experientes, um caminho comum é abrir um negócio próprio, como uma franquia, ou prestar serviços de consultoria. "O desemprego acaba fazendo com que as pessoas empreendam por necessidade, e não por oportunidade", afirma Guilherme Afif Domingos, presidente do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

Segundo o Sebrae, dois em cada dez microempreendedores individuais têm mais de 50 anos. "As pessoas dessa idade têm experiência de sobra, mas são desprezadas pelo mercado formal", diz Afif. Foi o caso do engenheiro de produção Luiz Fernando Mouzer de Aguiar, de 60 anos. Ele trabalhou por mais de duas décadas em uma multinacional. Quando foi demitido, em 2011, tentou ser con-

CINCO ÁREAS PROMISSORAS

Na contramão da economia, existem cinco áreas em que há, sim, oportunidades de emprego. De acordo com os principais serviços e sites de seleção de trabalhadores, uma das ocupações em alta, como não poderia deixar de ser, é a do chamado "especialista em crise". São profissionais com formação ou experiência específica em reestruturação de empresas, multiplicação da produtividade e corte de custos. A demanda está aquecida também para novos ramos da tecnologia da informação, como comércio eletrônico e redes sociais. "Hoje, há três ou quatro profissionais fazendo o que um especialista em marketing digital fazia cinco anos atrás. Além da distribuição das funções, os candidatos a essas vagas ganham no volume de ofertas. É difícil encontrar um varejista que não tenha ou não esteja aprimorando um canal de vendas on-line", diz Ricardo Basaglia, da consultoria Michael Page.

Há boas ofertas de vagas ainda para engenheiros da inovação, especialidade que só existirá oficialmente em 2019, quando a primeira turma de universitários se formar. Hoje, esses postos são preenchidos por engenheiros que vieram de outras áreas. Engenheiro agrícola também é uma profissão em alta, mas a bola da vez é o ramo da produção sustentável. A maior parte dessas profissões, entretanto, envolve experiências específicas ou adquiridas em cursos de especialização. Quem souber se preparar para os novos tempos largará na frente.

PLANEJAMENTO E REESTRUTURAÇÃO DE EMPRESAS

Profissionais: diretor financeiro, supervisor de produção, especialista em planejamento financeiro, analista tributário, gestor de plano de carreira e de métricas de desempenho
Qualificações: administração de empresas, ciências contábeis, recursos humanos, engenharia de produção

Salário: 4 000 a 45 000 reais

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Profissionais: cientista de dados (big data), analista de segurança da informação, programador
Qualificações: matemática, ciência da computação, análise de sistemas, estatística

Salário: 4 000 a 30 000 reais

COMÉRCIO E MARKETING

Profissionais: gerente de desenvolvimento de negócios (relacionamento com fornecedores, bancos e concorrentes), analista de compras, desenvolvedor de marketing para e-commerce
Qualificações: administração de empresas, ciências contábeis e marketing; é fundamental ter especialização na área pretendida

Salário: 5 000 a 20 000 reais

DESENVOLVIMENTO DIGITAL

Profissionais: especialista em mídias digitais (particularmente redes sociais), desenvolvedor de plataformas digitais, sites e aplicativos
Qualificação: aqui, o que vale, segundo os recrutadores, é a experiência do candidato

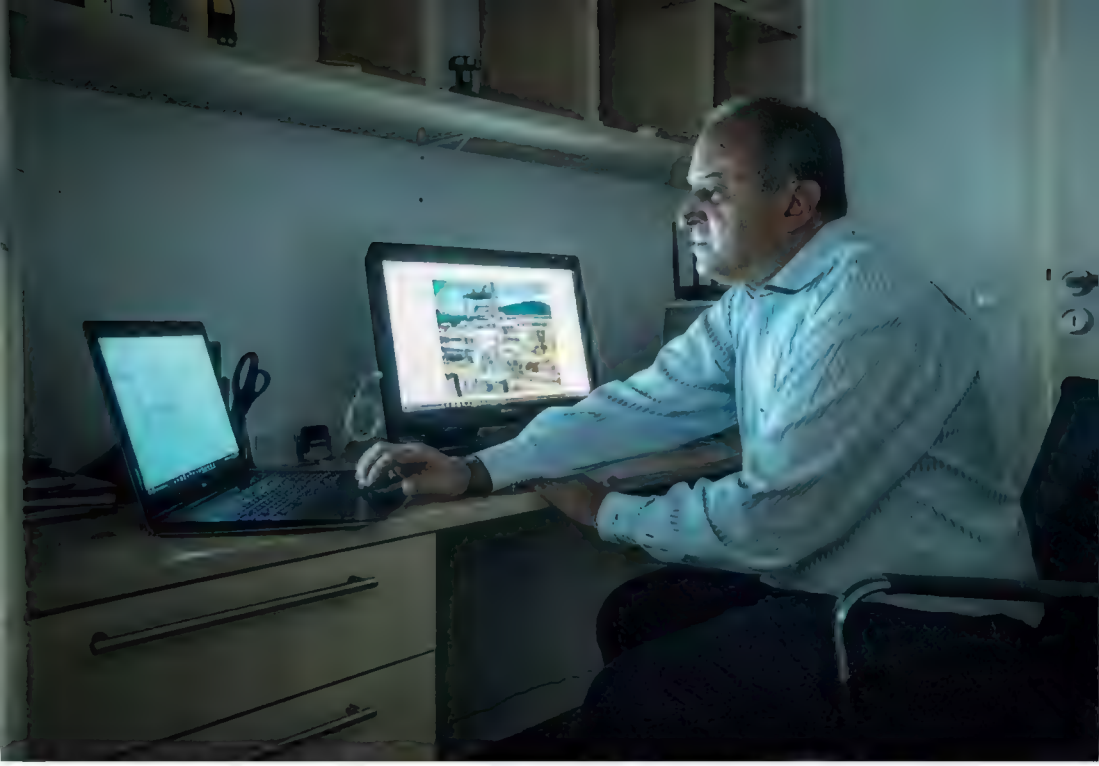
Salário: 5 000 a 15 000 reais

ENGENHARIA

Profissionais: engenheiro-agrônomo, engenheiro ambiental, engenheiro da inovação
Qualificação: engenharia com especialização nas áreas agrícola e ambiental ou com enfoque em implementação de inovações

Salário: 4 000 a 7 000 reais

Fontes: *Michael Page, Catho e LinkedIn*



ADAPTAÇÃO O engenheiro Luiz Fernando de Aguiar tentou ser consultor. Não deu certo, e ele abriu um novo negócio

sultor, mas não obteve sucesso. Resolveu, então, abrir uma empresa de instalação de tubulação de gás. Fazer a transição para uma nova carreira, entretanto, exige planejamento. "É preciso acompanhar as tendências, mas os brasileiros costumam fazer isso somente quando são demitidos, e aí não têm tempo nem dinheiro para se preparar", diz Basaglia, da Michael Page. Abrir uma franquia foi o caminho escolhido por Laercio Dimov, que perdeu o emprego depois de mais de vinte anos na mesma empresa. Gerente-geral de uma companhia de call center, uniu parte de suas economias com as do amigo Renato Baptista, demitido do cargo de gerente comercial num banco. Em 2015, os dois abriram uma franquia de chocolates. Prosperaram e, no ano passado, inauguraram uma segunda loja. "Tenho muito mais liberdade agora e não devo satisfação a uma chefia", diz Dimov.

Histórias como a dos amigos que prosperam na crise ainda são exceções. Na avaliação de Thiago Xavier, economista da consultoria Tendências, a taxa de desemprego pode chegar a 14% nos próximos meses, e o cenário deve melhorar apenas no segundo semestre. "Em um primeiro momento, o avanço será pontual e moderado", diz Xavier. Já se nota ao menos uma melhora no humor dos executivos. Segundo uma pesquisa do LinkedIn, 82% dos responsáveis pelo setor de recursos humanos acreditam que o nível de admissões em suas empresas permanecerá estável ou aumentará neste ano. Segundo Milton Beck, do LinkedIn, houve um aumento nas atividades do setor de recrutamento das companhias. "Isso não significa que elas estejam contratando, mas há um preparo para uma eventual recuperação do mercado", diz Beck. O ano de 2017 pode não inspirar muito entusiasmo, mas, diante do calamitoso 2016, mal se pode esperar a hora de ele começar de verdade. ■

As empresas começam a se preparar para a eventual retomada

Com reportagem de Giovanni Magliano

REVOLTA Centenas de pessoas protestam contra o decreto de Trump no aeroporto de Detroit, no domingo 29

O TRATOR TRUMP

Ao impor um veto imigratório malfeito, Trump atropelou direitos legais, interesses empresariais e acordos com líderes de países aliados. Vem mais pela frente **NATHALIA WATKINS**

O PRESIDENTE Donald Trump parece disposto a gastar de uma só vez o seu estoque de decisões destemperadas e mal cozidas. Apesar de ter assinado menos decretos e memorandos que Barack Obama em seus primeiros doze dias de trabalho (dezoito contra dezenove), é generalizada a sensação de que o novo presidente avança rápido demais no cumprimento de suas promessas e sem o cuidado que o jogo político exige. O clima de confrontação levado por Trump para Washington atingiu o auge depois que o republicano impôs um veto de viagem por noventa dias a cidadãos de sete países de maioria muçulmana (Líbia, Sudão, Somália, Síria, Iraque, Irã e Iêmen), além de suspender o recebimento de refugiados do mundo inteiro por 120 dias (os da Síria, indefinidamente). O decreto, formulado com o propósito de conter a entrada de terroristas em potencial, começou a vigorar na sexta-feira 27, quando foi assinado pelo presidente, e gerou ondas de convulsão social. Refugiados que já estavam em trânsito ficaram presos em aeroportos, assim como muitos viajantes que possuem dupla cidadania e são detentores da permissão para viver e trabalhar nos Estados Unidos (o *green card*). Estima-se que 100 000 vistos para viajantes dos sete países tenham sido revogados, o que exigirá a solicitação de nova permissão de viagem quando o veto for removido. Milhares de pessoas protestaram contra a decisão em uma dezena de aeroportos. A confusão levou a Casa Branca a afirmar que estrangeiros com *green card* terão seu caso analisado individualmente pelos agentes de imigração *(veja o que muda para os brasileiros na pág. 72)*. Juízes de quatro estados reverteram parcialmente a medida e evitaram a deportação de centenas de pessoas, mas a batalha jurídica está longe do fim. "A Justiça pode melhorar a implementação das ordens executivas, mas dificilmente conseguirá reduzir drasticamente sua amplitude", diz o cientista político John Mollenkopf, da Universidade da Cidade de Nova York.

Essa não foi a primeira vez que a nova administração precisou voltar atrás em suas intempestivas decisões. O congelamento nas contratações federais foi

© CAROLYN KASTER AP PHOTO REBECCA COOK/REUTERS

parcialmente revertido e as informações sobre mudança climática disponíveis no site da Agência de Proteção Ambiental não serão censuradas, como havia sido ordenado pelo presidente. No entanto, Trump não dá sinais de que pretende analisar com calma a viabilidade das propostas antes de pô-las em prática. O rascunho de uma nova lei que circula em Washington sugere que o país poderá endurecer os critérios para a concessão dos vistos H1B, destinados a profissionais qualificados e muito usados por empresas de tecnologia. "A administração pode usar pretextos variados, como o terrorismo ou a proteção de empregos americanos, mas seu verdadeiro objetivo é adequar a política imigratória ao ideal nacionalista e protecionista de Trump", diz Marina Whitman, especialista em políticas públicas da Universidade de Michigan.

Ao banir cidadãos de nações de maioria muçulmana, Trump garante aos jihadistas a propaganda antiamericana e não alcança o objetivo declarado de proteger as fronteiras. Nenhum imigrante dos países vetados realizou ataques letais em solo americano nos últimos quarenta anos. "O veto e a revisão dos procedimentos não têm sentido prático. Dispomos de medidas fortes de segurança, e os imigrantes passam anos sendo avaliados antes de ganhar residência", diz o cientista político Louis Desipio, da Universidade da Califórnia em Irvine. Esse é um dos motivos pelos quais políticos democratas (e até alguns republicanos) rejeitaram ferozmente a ordem executiva, que tampouco passou pelo crivo da assessoria jurídica da Casa Branca.

Os democratas reagiram com um boicote: por dois dias consecutivos, os senadores da oposição se ausentaram das sessões de confirmação para os nomeados de Trump ao gabinete. O comitê do Senado exige que pelo menos um membro do partido opositor esteja presente para que haja aprovação dos nomeados para o gabinete. Na quarta-feira 1, os republicanos decidiram por consenso suspender as regras e seguiram adiante com a sabatina de dois nomes. O próximo confronto envolve a confirmação do juiz Neil Gorsuch, apontado por Trump na semana passada para a Suprema Corte. Apesar de ser herdeiro natural do falecido juiz Antonin Scalia e não alterar o equilíbrio da Suprema Corte, Gorsuch pode ser alvo de novo boicote democrata, *vis-à-vis* manobra equivalente dos republicanos em março passado para impedir o então presidente Barack Obama de nomear alguém para a vaga.

Além de abrir nova frente de embate com democratas, o decreto levou multinacionais americanas, lideradas pelas empresas de tecnologia, e líderes estrangeiros a vocalizar seu descontentamento. A Starbucks anunciou a contratação de 10 000 refugiados nos próximos cinco anos, e Google e Uber prometeram apoio aos funcionários estrangeiros. A premiê britânica, Theresa May, classificou o decreto de "divisionista e errado", e a chanceler alemã, Angela Merkel, tratou com Trump, em um telefonema de 45 minutos, da garantia ao asilo prevista na Convenção de Genebra.

Menos construtivas foram as conversas de Trump com os líderes de outros dois países aliados. Ao presidente mexicano, Enrique Peña Nieto, Trump disse, referindo-se aos narcotraficantes: "Você tem uma porção de *hombres* maus por aí e não está fazendo o suficiente para contê-los". Ao primeiro-ministro da Austrália, Malcolm Turnbull, ele reclamou do acordo fechado com seu antecessor, que prevê a transferência para os Estados Unidos de uma parte dos refugiados que chegam à Austrália. Trump disse a Turnbull que aquela foi "a pior conversa, de longe" que ele já teve com um líder estrangeiro — antes de desligar o telefone abruptamente. O que mais há no estoque de maldades de Trump? ■

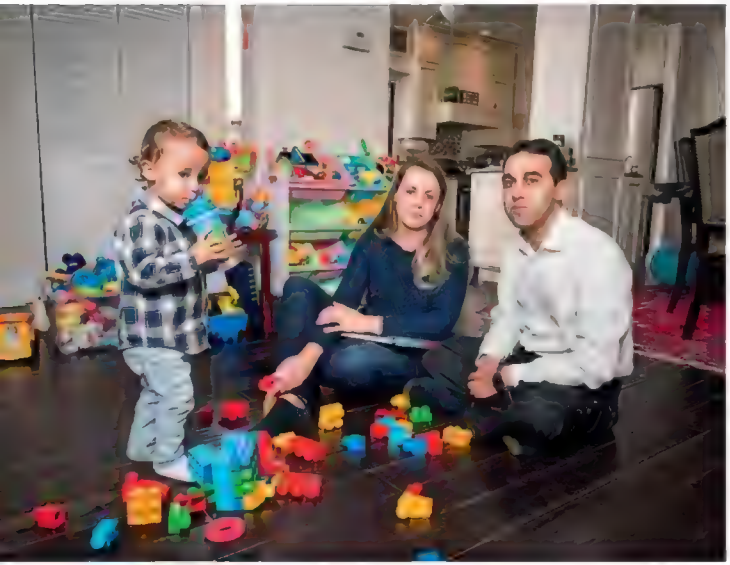
CONSERVADOR Trump com Gorsuch, indicado para a Suprema Corte

Com reportagem de Luiza Queiroz

APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E OUÇA O TEXTO DESTA REPORTAGEM

UM PASSEIO E ADEUS?

Para os brasileiros, o decreto de Trump afeta apenas procedimentos na concessão de visto. Mas quem já vive nos EUA teme viajar e ser barrado na volta **DANIELA TRALDI,** de Nova York



INSEGURANÇA A brasileira Gissele e o marido irano-americano com o filho, em Hawthorne: o sogro, de 89 anos, ficou retido no aeroporto por cinco horas

"SERÁ QUE SOU A PRÓXIMA?", pergunta-se, aflita, a brasileira Débora Cancel, de 32 anos. Mineira de Montes Claros, Débora mora há treze anos em Nova York. É casada com um cidadão americano, tem uma filha americana e possui o *green card* — o documento de residência permanente nos Estados Unidos. Mesmo assim, está assustada. Se o decreto presidencial que suspende temporariamente a entrada de estrangeiros de sete países de maioria muçulmana atingiu até residentes e portadores de visto válido, quem garante que os brasileiros não estarão na próxima investida de Donald Trump contra os imigrantes? Débora considera Trump "imprevisível" e, por precaução, pretende cancelar a viagem que faria neste ano ao Brasil. Ela teme ser barrada na volta por alguma mudança súbita nas regras.

Executivo de contas de uma agência de publicidade em Manhattan, o paulista Martim Thomaz, de 29 anos, também se diz preocupado: "Ainda não perdi o sono, mas sigo atento". Há dez anos nos Estados Unidos, Thomaz fez faculdade no Estado de Ohio. Depois de formado, conseguiu emprego com visto de trabalho e mudou-se para Nova York. Possui o mesmo status até hoje. Ele acha que as medidas de Trump devem dificultar os pedidos para a obtenção de vistos como o dele.

O decreto, de fato, já provocou alteração em alguns procedimentos consulares. Antes, brasileiros com menos de 16 anos e com mais de 65 estavam livres da entrevista no consulado para obter um visto. Agora, para desfrutar essa facilidade, é necessário ter idade superior a 79 anos ou inferior a 14. Também estava isento quem precisasse renovar o visto, na mesma categoria, até 48 meses após o vencimento. Agora, o prazo diminuiu para doze meses. Mudanças futuras também estão previstas, como a alteração de perguntas nos formulários de solicitação de visto. Mas isso não deve limitar a entrada de turistas e estudantes nos Estados Unidos, na avaliação da advogada Ingrid Baracchini, especialista em imigração. "O mais provável é que ocorra uma redução na concessão de vistos de trabalho e de permanência", diz Ingrid.

Uma previsão dessas não basta para tranquilizar quem já sentiu o que é ter um parente barrado no aeroporto. É o caso da gaúcha Gissele Souza Brock, de 32 anos, casada com um iraniano naturalizado americano. Gissele vive em Hawthorne, no Estado de Nova Jersey. No sábado 28, o

© GILBERTO TADDAY, WEBERSON SANTIAGO

VILMA GRYZINSKI

sogro, de 89 anos, cardíaco e cadeirante, foi detido no Aeroporto de Dulles, na capital, Washington, ao chegar de um voo vindo da Turquia. Apesar de ter *green card* e de morar há quinze anos nos Estados Unidos, o sogro de Gissele ficou retido por cinco horas na imigração por ser cidadão do Irã, um dos países na lista negra de Trump. Ele estava em trânsito quando o decreto entrou em vigor. Gissele e seu marido, Amir Khakbaz, não sabem se ele acabou sendo liberado por causa da idade e da saúde frágil ou porque os agentes aplicaram a decisão de uma juíza federal, emitida na noite de sábado, invalidando algumas das disposições do decreto presidencial. A decisão judicial, porém, era provisória, e, apesar de a Casa Branca ter sido obrigada a esclarecer, no dia seguinte, que portadores de *green card* seriam analisados caso a caso, Gissele está temerosa: "Tenho receio de sair do país e não poder voltar".

Motivos mais concretos para preocupação têm os brasileiros que estão em situação irregular nos Estados Unidos. Um paulista que prefere não se identificar e vive há quinze anos no país sem visto válido diz que, se antes de Trump já era difícil, agora ficou pior. Morador da cidade de Newark, um reduto de brasileiros, ele diz que tem evitado qualquer tipo de confusão que possa obrigá-lo a mostrar os documentos às autoridades. E, sobre as medidas de Trump para reduzir a imigração, tem uma suspeita que é também um temor: "Acho que essa mudança veio para ficar". ■

Com reportagem de Luiza Queiroz

ALGUÉM SE LEMBRA DOS CORAÇÕES?

Tudo segue como sempre depois dos churrascos de gente

UM LIBERAL é um conservador que foi preso e um conservador é um liberal que foi assaltado. Essa tradicional pirueta retórica, tantas vezes citada nos Estados Unidos, resume bem uma tensão eterna até nas sociedades que nos deixam babando de inveja. De um lado, o império imparcial da lei, com garantias universais a suspeitos e condenados. Do outro, a expectativa razoável da punição devida aos criminosos. O Estado de direito não existe sem esses dois componentes. Pode ser justo e necessário clamar contra a selvageria em vigor nas prisões brasileiras, mas é inútil esperar que os presídios funcionem como bem administrados centros de recuperação enquanto os cidadãos comuns pagam 200 reais para estacionar nas imediações de grandes jogos ou shows e vendedores de rua são achacados por policiais desonestos. Guardadores chantagistas e ambulantes chantageados não aparecem magicamente: são peças do Estado paralelo que ocupa todas as frestas abandonadas por instituições disfuncionais.

As distorções terminais induzidas pelo não Estado produzem uma versão nacional quase alucinada do dito sobre conservadores e liberais. Conservadores, apavorados com a criminalidade, são aqueles que não ligam a mínima para decapitações, canibalismo e outras monstruosidades praticadas por grupos rivais de presos — e não acham que algum dia poderão precisar das garantias do Estado de direito porque só existem culpados nas cadeias e assim mesmo são uma parcela mínima do total que deveria estar lá. Liberais, horrorizados com os pesadelos de um sistema carcerário grotesco, acham que tudo é culpa da injustiça social, da desigualdade de renda, da vinda da família real de Portugal, do capitalismo e da maldade dos conservadores, os únicos que mereciam estar trancafiados nas masmorras onde se faz churrasco de vísceras humanas. A "guerra às drogas" é outra integrante obrigatória dessa lista de culpados coletivos, responsável pela superlotação das prisões, que certamente seriam uma beleza se não fossem os coitadinhos condenados às galés por portarem um mísero pacotinho de maconha. E lá se vão os bem-intencionados atrás de números que comprovem como a guerra às drogas provocou o aumento dos encarcerados. Num caso típico de falácia de relação de causa e efeito, são ignoradas a expansão do tráfico e a organização dos traficantes em grupos rivais bem estruturados.

Em 2013, circulou um vídeo pavoroso que mostrava um rebelde sírio de codinome Abu Sakkar no ato de arrancar alguma coisa do peito de um soldado morto, dar uma mordida e ameaçar com o mesmo destino outros seguidores do regime de Bashar Assad. A guerra civil na Síria é o palco sinistro de aberrações que estarrecem e desafiam o mundo, mesmo aqueles países que não têm nada a ver com suas causas. É uma situação semelhante à dos brasileiros que não desejam ver corações arrancados nem a abertura indiscriminada das prisões e têm uma única certeza: nada será feito para resolver essa desgraça. ■

LONGE DOS HOLOFOTES Primeira-dama por oito anos, Marisa nunca quis desempenhar nenhuma atividade no governo

A PRIMEIRA-COcompanheira

Marisa Letícia, a mulher do ex-presidente Lula, morre aos 66 anos vítima de um acidente vascular cerebral, depois de ficar onze dias internada

A EX-PRIMEIRA-DAMA Marisa Letícia da Silva teve uma infância pobre, um casamento que terminou de forma trágica e um encontro que mudou sua vida. Paulista de São Bernardo do Campo, estudou só até a 7ª série e desde os 9 anos trabalhava (primeiro como babá e, a partir dos 14, como embaladora de bombons na fábrica de chocolates Dulcora, também em São Bernardo). Seu primeiro marido foi assassinado durante um assalto ao táxi que dirigia quando ela tinha 20 anos e estava grávida do primeiro filho, Marcos. Em 1973, foi ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC para pegar um documento para receber a pensão de viúva do INPS, e lá conheceu Lula. Casaram-se, tiveram três filhos e ela se tornou a mulher do sindicalista que viria a ser o primeiro presidente da República de origem operária do Brasil.

Quando Lula foi preso, durante as greves do ABC no fim dos anos 1970 e começo dos 1980, ela se disse mais apavorada que ele, mas depois liderou uma marcha pela sua libertação. Quando ele fundou o PT, Marisa costurou em casa a primeira bandeira do partido. Nas campanhas eleitorais à Presidência, sempre apoiou o marido. Quando o casal finalmente chegou lá, ela manteve-se afastada dos holofotes. Mas foi a primeira a sinalizar, ainda antes de o mensalão estourar e eras antes do petrolão, a incapacidade do governo petista de separar o público do privado. Foi dela a ideia de, em 2004, mandar plantar um canteiro de sálvias no gramado do Palácio da Alvorada no formato da estrela petista. Marisa Letícia era ré em duas ações penais da Operação Lava-Jato, acusada de receber vantagens indevidas das empreiteiras OAS e Odebrecht.

O AVC que a matou, do tipo hemorrágico, a espreitava havia tempos. Os médicos tinham detectado um aneurisma quase uma década atrás, mas Marisa, hipertensa, não mudava os hábitos — era sedentária e fumante. Deixa, além de Lula e dos quatro filhos, oito netos. ■

MV APONTE A CÂMERA PARA ESTA PÁGINA E RELEMBRE PASSAGENS MARCANTES DA VIDA DA MULHER DE LULA

© CHRISTIAN PARENTE

Carna UOL SP

18 E 19 DE FEVEREIRO

ESTÁDIO DO CANINDÉ

RUA COMENDADOR NESTOR PEREIRA, 33

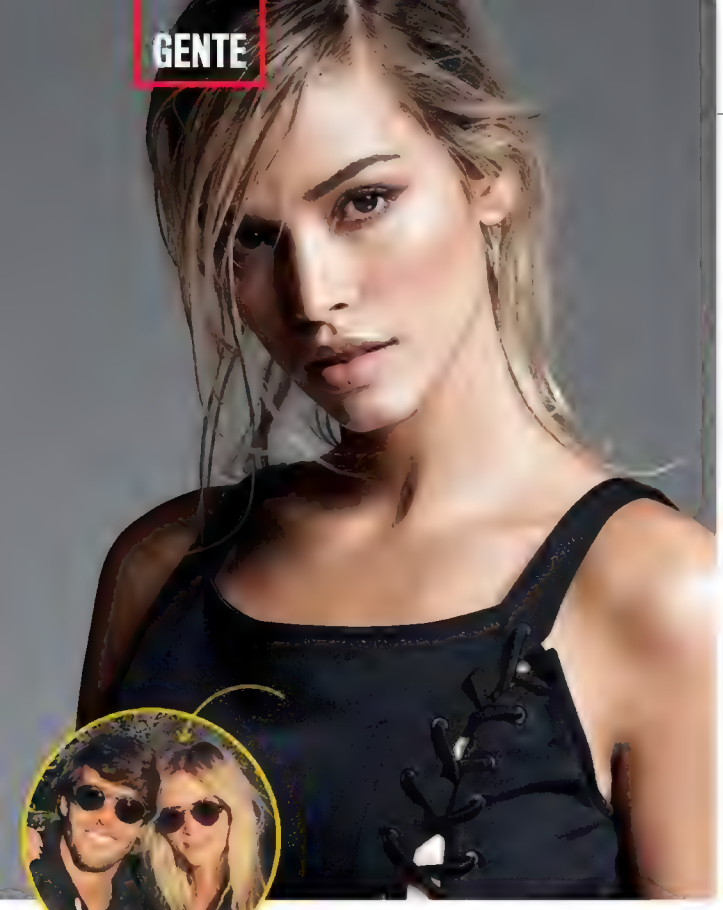
VEM AÍ O FESTIVAL CARNAUOL.

SÁBADO 18/02
BANDA EVA part. ANITTA
MATHEUS & KAUAN
ALOK

DOMINGO 19/02
BRUNINHO E DAVI
DURVAL LELYS
ZÉ NETO E CRISTIANO

Saiba mais em: uol.com.br/carnauolsp
Compre em: ingressorapido.com.br ou app Ingresso Rápido

REALIZAÇÃO UOL
PRODUÇÃO MULTI CASE
PATROCÍNIO ENGOV C&A AMSTEL LAGER

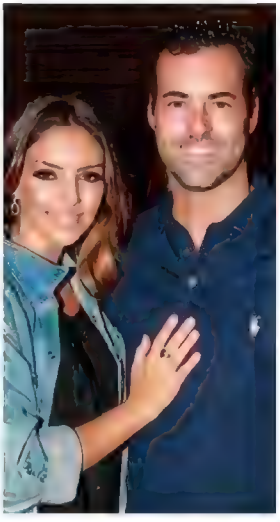


A "BOBONA" DE KAKÁ

De família católica, **CAROL DIAS** converteu-se em evangélica aos 16 anos, inspirada por um professor de inglês que fazia cultos em um colégio particular de Goiânia. "Foi como estar com sede e beber um copo d'água", diz a goiana de 21 anos, fiel de um ramo da Igreja Batista. A religião deu seu empurrãozinho na aproximação de Carol com o craque **KAKÁ**, iniciada em setembro, ao serem apresentados por amigos em São Paulo. "As pessoas se curtem pelo que têm em comum", diz. No começo, o namoro, anunciado em dezembro, causou certa apreensão nos pais dela. "Eles ficaram preocupados com a proporção que minha vida iria ganhar." Modelo descoberta por um olheiro num shopping, Carol viu sua rotina se transformar aos 15 anos, quando se mudou para São Paulo e, em seguida, para a China. "Nunca tive vontade de ser modelo. Mas, quando me explicaram que dava para viajar muito, me empolguei. Meu sonho era conhecer a Disney." Em breve, ela se transferirá para Miami. Bingo: vai ficar a apenas três horas e meia de distância do amado, que hoje joga no Orlando City. "Kaká me conquistou pela humildade. E acho que gostou da minha simplicidade. Sou uma bobona."

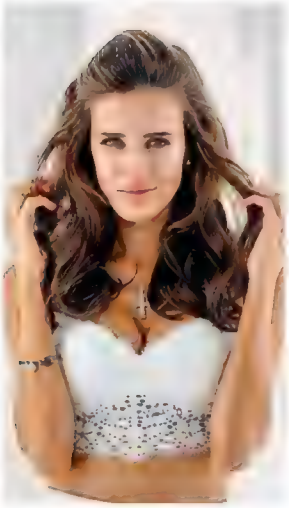
APROVADÍSSIMA!

Separada de Kaká desde julho de 2015, **CAROLINE CELICO** foi mais rápida que o ex ao anunciar um novo namoro. Em outubro, a socialite e ex-cantora gospel (ela garante que não é mais evangélica, o que teria motivado a separação) já aparecia acompanhada do amigo de infância **EDUARDO SCARPA** – que vem a ser sobrinho do playboy Chiquinho Scarpa. "Ela está aprovadíssima", diz o tio. "Carol é um amor. Passou o Natal em minha casa e trouxe presentes a todos." Aos 36 anos, conhecido pelo espírito festeiro, Eduardo enfrentou uma saia-justa em dezembro: num "inimigo-oculto" entre amigos, foi presenteado com uma camisa número 10 do Orlando City, o mesmo número de Kaká no time americano. A brincadeira incomodou? "Imagine. Kaká é o pai dos dois filhos da Carol e um ídolo", diz. Por enquanto, não há planos de casamento.



© LUCAS FONSECA/ALLURE AGENCY. AGNEWS. GLÁUCIA PAZ. EDITORA GLOBO/AGÊNCIA O GLOBO

BRUNO MEIER
com Daniela Pessoa



SÓ TRÊS SEGUNDOS

Se o parâmetro for a ideia do americano Andy Warhol de que um dia todos terão direito a quinze minutos de fama, a brasileira **ANA FLÁVIA GAVLAK** ainda terá de ralar: sua aparição em *La La Land*, favorito ao Oscar, durou só três segundos. "O filme foi gravado há dois anos e eu nem esperava. Achava que a cena seria cortada." Da paulista Botucatu, a atriz se mudou para Los Angeles há sete anos para estudar atuação. Começou a fazer testes para comerciais e filmes em 2012. Na cena-relâmpago, ela lança um olhar intimidador para Mia (Emma Stone) na saída de uma audição. "O diretor falou para eu ir confiante e olhar para ela pensando: 'Você não vai pegar o papel'."

CAIU NAS REDES

CEGONHA Neste cenário kitsch, **BEYONCÉ** surgiu de véu e barriga à mostra para anunciar que ela e o marido, Jay-Z, serão pais de gêmeos. Em poucas horas, bateu o recorde de curtidas no Instagram.

❤ **Curtidas:** 8 800 000

HORA DE FATURAR ALTO

Dez quilos mais magra graças a uma dieta de baixo consumo de carboidratos (pão, batata, macarrão e sobremesas estão limados do menu), aliada a musculação, corrida e aulas de samba, **PATRICIA POETA** acaba de fechar seu primeiro contrato publicitário de peso: será a nova garota-propaganda de uma famosa marca de chinelos, posto antes ocupado por Cleo Pires, Débora Nascimento e Fernanda Souza. Ao deixar a bancada do *Jornal Nacional* e transferir-se para a área de entretenimento da Globo, em 2014, ela ganhou a chance de faturar alto com publicidade – o que, por norma, a emissora veta a seu time de jornalistas. Mas, até agora, só havia feito uma campanha menor para produtos de limpeza. Pelo novo contrato, embolsará 300 000 reais. Na semana passada, ela gravou cenas exibindo os manjados chinelos na orla de Copacabana. Pesou na escolha de Patricia o fato de seus modelitos estarem entre os mais desejados pelos espectadores da Globo. ■

O SEGREDO DA LONGEVIDADE

Com o avanço da medicina e os cuidados com a alimentação, atletas de alta performance conseguem ultrapassar com folga a barreira dos 30 anos **LUIZ FELIPE CASTRO**

NEM TODO MUNDO SABE, mas o sujeito que orgulhosamente exibe o seu tanquinho na foto ao lado está hoje com 42 anos. Pois a silhueta bem esculpida é apenas um detalhe. Além de mostrar forma física irretocável, o lateral-esquerdo Zé Roberto desfila pelos gramados brasileiros jogando em altíssimo nível. No ano passado, foi campeão brasileiro pelo Palmeiras (e um dos protagonistas da equipe). De acordo com um levantamento da empresa Footstats, o quarentão foi o jogador que mais interceptou passes na competição. Revelado há mais de duas décadas pela Portuguesa, com duas Copas do Mundo no currículo, Zé Roberto é um dos melhores exemplos de uma geração de atletas que deixam a aposentadoria para cada vez mais tarde — sempre atuando em alta performance e no mesmo padrão dos melhores de sua modalidade. E o fenômeno não está restrito a esse esporte ou aos gramados brasileiros. No futebol americano, a grande estrela do momento é o quase quarentão Tom Brady, também conhecido como o marido da modelo Gisele Bündchen. Neste domingo, 5, ele disputará seu sétimo Super Bowl, a finalíssima da principal liga do esporte. No tênis, não é diferente. O suíço Roger Federer, 35 anos, conquistou recentemente seu 18º título de Grand Slam, o Aberto da Austrália, batendo na final o espanhol Rafael Nadal, cinco anos mais moço.

Evidentemente, o trio mencionado possui características genéticas singulares — e um talento fora do comum. Isso pode fazer com que esses atletas consigam superar gente mais jovem (e menos abençoada pelos deuses do esporte) com base nessa combinação. Mas, em termos cronológicos, eles dificilmente poderiam estar no topo há duas ou três décadas. De fato, a vida útil de um atleta vem aumentando de uns tempos para cá. Os fãs mais atentos do futebol sabem que, nos anos 70 e 80, os jogadores se aposentavam na casa dos 30 e poucos anos. Todos os que teimavam em permanecer dentro de campo para além dessa barreira tornavam-se pálidas sombras do que tinham sido no passado. Tricampeão mundial em 1970 e ícone de uma geração, Roberto Rivellino parou com 35 anos, mas passou os últimos três jogando no futebol árabe, que então engatinhava. Se fosse hoje, com sua habilidade e disposição física, poderia ir mais longe. Um estudo do historiador americano Bill Mallon sobre a idade média dos atletas olímpicos dá uma dimensão dessa mudança. Em 1988, na Coreia do Sul, os esportistas tinham em média 25 anos. Na última edição da maior competição do planeta, a média foi 27. "Hoje, como Usain Bolt comprovou no Rio, é possível ganhar a prova mais rápida do mundo na casa dos 30 anos", afirma o fisiologista Paulo Zogaib, médico do esporte da Universidade Federal de São Paulo.

Talentos incríveis são impulsionados por um fator decisivo: a ciência

© FELIPE COTRIM

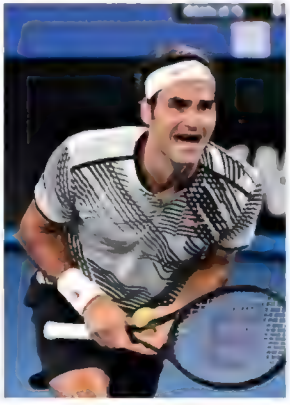
ZÉ
ROBERTO,
lateral-esquerda,
42 anos
Titular do
Palmeiras,
atual campeão
Fez o jogador
que mais fez
no último
crefisa
Fam
FACULDADE DAS AMÉRICAS

Alguns teóricos pensam que a explicação para um Zé Roberto, Bolt ou Federer se dá dentro de campo, das pistas ou das quadras. Como se as técnicas do esporte hoje permitissem que atletas mais velhos e talentosos permanecessem no olimpo por mais tempo. A rigor, é o contrário. Esportes como os deles exigem fisicamente de seus competidores muito mais do que antes. O segredo da longevidade desses atletas, na verdade, está longe dos locais de competição. Ele é fruto direto do avanço da ciência e da medicina. O que realmente mudou nas últimas décadas foi o conhecimento sobre o corpo humano e os impactos do esforço físico no organismo. Duas etapas foram completamente revolucionadas: a pré e a pós-competição. Antes, em quase todas as modalidades, a preparação era inspirada pelo método militar, com exercícios rudimentares, que procuravam levar o praticante ao limite de sua capacidade física. Hoje, os exercícios são voltados para grupamentos musculares específicos, levando-se em consideração também o trauma que a atividade pode provocar nos atletas. "No passado, fazíamos muitos exercícios militares, que envolviam corridas longas e causavam dores nos joelhos e tornozelos", diz Thiago Santi, fisiologista do Palmeiras. "Hoje, a gente faz trabalhos com bola, em campo reduzido."

ROGER FEDERER,
tenista,
35 anos

18 vezes campeão dos quatro maiores torneios do mundo

É o jogador mais velho a vencer um Grand Slam em mais de quatro décadas



Outra mudança crucial foi a evolução no tratamento dos atletas machucados. Esportes naturalmente causam lesões. Qualquer corredor de fim de semana sabe disso. A chave para que essa lesão não abrevie uma carreira está justamente no tratamento adequado. Há muitas décadas, não se fazia nada além de repouso. Mais tarde, descobriu-se que os trotes e as atividades mais leves (em torno de 50% da capacidade máxima), que eles chamavam de "recuperação ativa" ou "treino cardiovascular", aceleravam o processo de recuperação. Houve ainda o tempo das infiltrações e injeções de anti-inflamatórios. Carreiras como a do ex-jogador Zico, e mesmo mais recentemente a de Ronaldo Fenômeno, poderiam ter ido mais longe, se o uso dessas substâncias tivesse sido evitado. Atualmente, são feitos exames pré-treino, tanto para verificar o grau de hidratação dos atletas como para identificar com antecipação as partes mais fatigadas do corpo. Constatadas as lesões, a crioterapia é a bola da vez. Existem câmaras, que custam até 150 000 reais, onde a temperatura pode chegar a 100 graus negati-

AS FONTES DA JUVENTUDE

Os tratamentos e as novidades que aumentaram a vida ativa dos esportistas

	DIETA	CONDICIONAMENTO/TREINAMENTO
O QUE MUDA	O conhecimento recente na área de nutrição foi um dos fatores fundamentais para esticar uma carreira esportiva. Os suplementos nutricionais fizeram muita diferença, considerando as necessidades e exigências nos esportes de alto rendimento.	A evolução de equipamentos e treinamentos também proporcionou longevidade aos profissionais que se cuidam. As infiltrações e os exercícios militares de resistência deram lugar a modelos de treinamento baseados no diagnóstico individual e na aptidão física de cada um.
EXEMPLOS	Zé Roberto não come carne vermelha. Tom Brady vai além e tem uma alimentação à base de vegetais e grãos, controlada grama a grama.	Roger Federer treina pulando corda, com elásticos extensores presos nas pernas ou nos quadris. Quando tira os elásticos, sente-se mais leve e livre para jogar.

© WILLIAM WEST/AFP, ELSA/GETTY IMAGES/AFP

vos. O sarado Zé Roberto não tem uma sala como essa em casa, mas alguns aparelhos que aplicam a mesma técnica. "O procedimento é ótimo para recuperar a saúde dos músculos", receita o jogador.

Poucas situações são tão cruéis quanto o esporte de alto rendimento. Muitas vezes, o trabalho de um ano inteiro é definido num lance, exatamente no momento em que o organismo já está extenuado e o cérebro mal raciocina. Com o passar dos anos, a sensação de esgotamento é ainda mais intensa. Por essa razão, o treinamento de um atleta em tais condições é regido pela chamada Teoria dos Ganhos Marginais, nome bacana para enunciar uma ideia singela: pequenas, às vezes ínfimas, variáveis somadas podem causar impacto altamente significativo num mundo em que milésimos de segundo são cruciais para definir o resultado final. Isso pressupõe ter informações mais detalhadas sobre o estado psicológico dos esportistas, saber como eles dormem, se apresentam diferença de força entre um lado e o outro do corpo, se têm a proporção desejável entre os hormônios, conhecer sua composição muscular, compreender o modo como seu corpo se comporta em ação e, por último, mas não menos importante, saber o que comem.

TOM BRADY,
quarterback,
39 anos

7 vezes finalista da NFL, a principal liga de futebol americano

Pode se tornar o maior vencedor do Super Bowl, a grande decisão da NFL

De fato, a nutrição desempenha papel fundamental nessa equação e também na longevidade de cada atleta. O bonitão Tom Brady, por exemplo, é vegano na maior parte do ano — às vezes, permite-se comer carnes magras — e não consome cafeína, açúcar refinado, farinha, pimentas, cogumelos e berinjela. Tomate, só uma vez por mês, pois o alimento pode causar inflamação. Além disso, faz meditação e dorme cedo todos os dias. O Vovô Garoto, apelido dado a Zé Roberto, é extremamente cuidadoso com sua dieta. No café da manhã, prefere frutas, cereais e sucos. Nas grandes refeições, opta por arroz, feijão e ovo ou por uma massa. Recentemente, abriu mão de carne vermelha e a trocou por filé de frango ou peixe. E muitos, muitos vegetais. O lateral também não bebe nem fuma. Valeu (e ainda vale) a pena tudo isso. A combinação de disciplina, ciência, planejamento e bom comportamento esticou sua carreira e a de grandes astros que podemos ver por mais tempo em ação. Para eles, isso também rende: é mais dinheiro e mais tempo para alcançar grandes feitos. ■

Com reportagem de Alexandre Senechal e Silvio Nascimento

DESCANSO

O repouso é o momento em que o efeito do treinamento se manifesta. A ciência da recuperação, que inclui o que fazer no descanso, é imprescindível. Tratamentos como a eletroestimulação e a crioterapia mostram grandes resultados.

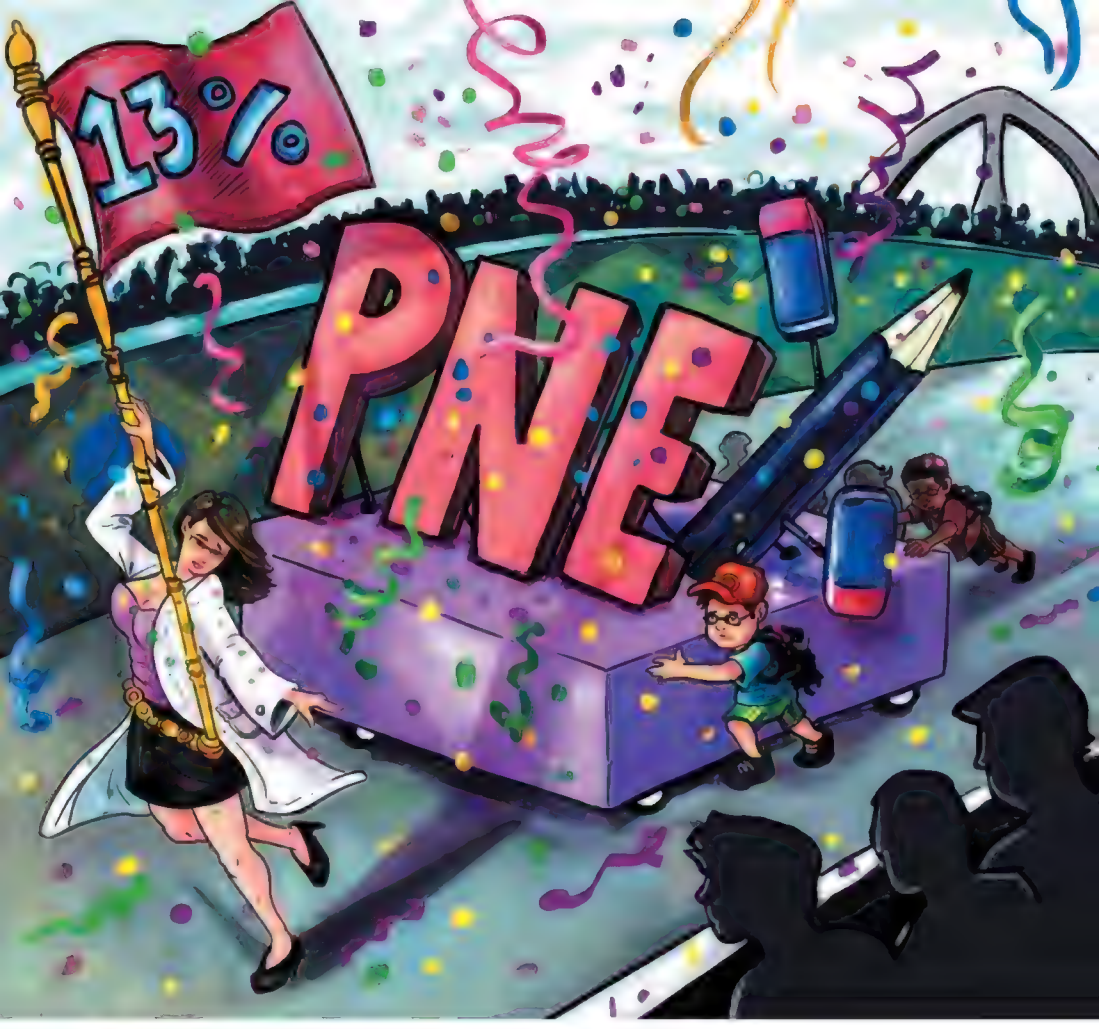
Assim como Cristiano Ronaldo e Neymar, Zé Roberto conta com equipamentos de última tecnologia para manter o corpo sempre em bom estado.

TRATAMENTO DE LESÕES

Os avanços da medicina esportiva são fundamentais quando se fala em cirurgia e fisioterapia. Hoje, dificilmente uma operação abrevia a carreira de um atleta.

Federer sofreu uma lesão no joelho esquerdo em fevereiro de 2016, foi operado e tentou voltar logo às quadras. Ainda debilitado, decidiu abandonar a temporada em julho. Passou os últimos seis meses em reabilitação, retornando em grande forma neste ano.

Fontes: *Paulo Zogaib, fisiologista e médico do esporte da Universidade Federal de São Paulo, e Tunbio Leite de Barros, mestre e doutor em fisiologia do exercício pela Unifesp*



RASGANDO A FANTASIA

Um estudo inédito mostra que o Plano Nacional de Educação parece enredo carnavalesco: é bonito de ver, mas não tem compromisso nenhum com a realidade **LUISA BUSTAMANTE**

© SANDRO AGNELO

UMA ESTRATÉGIA aproxima os países que deixaram a rabeira da educação para estrelar no topo dos rankings de ensino: todos formularam um plano de longo prazo para avançar, com metas claras e realistas, e se aferraram a elas com louvável disciplina, sem cair na tentação de recomeçar do zero ao sabor da política. Nesse sentido, a existência do Plano Nacional de Educação (PNE) é uma iniciativa a celebrar no Brasil. Veio com atraso, mas veio. A fragilidade está justamente naquilo que outros fizeram tão bem — ele se desgarra da realidade. Valendo desde junho de 2014, o PNE projeta um país que, dali a dez anos, sairia do pelotão de trás para alcançar a excelência empurrado por um caminhão de dinheiro. Nesse enredo de fantasia e puro luxo, o Brasil se tornaria a nação que mais investe em educação.

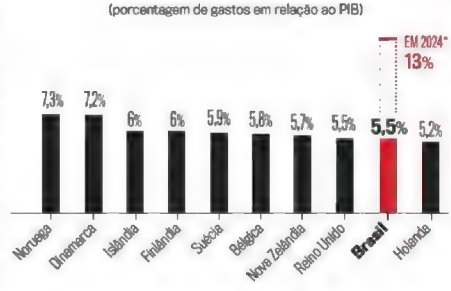
Na comissão de frente dos problemas está uma das vinte metas do plano: chegar à fatia de 10% do PIB brasileiro, o dobro da porção de hoje, batendo a campeã Noruega, que canaliza 7,3% para o ensino (*veja o quadro*). O número atual já é suficientemente espantoso em um país vergado pela crise econômica. Mas tem mais: um estudo inédito elaborado pelo IDados, braço de análises do Instituto Alfa e Beto, refez as projeções de custo do PNE e concluiu que, em 2024, a educação sugaria, na verdade, 13% do PIB. "A conta se baseou nas reais estruturas de custo do sistema educacional", explica Paulo Oliveira, o coordenador do estudo e doutor em estatística pelo MIT, que, ao contrário da turma oficial, considerou o enxugamento dos royalties do petróleo, dos quais boa parte do dinheiro afluiria.

Em resumo, o plano nasceu inexequível — e já há sinais claros disso. Se o PNE fosse levado a sério, em 2014 suas metas consumiriam 16,8% do PIB, o triplo do que efetivamente foi gasto. Essa bolada toda sai em porções diferentes dos cofres da União, de estados e municípios. De acordo com a lei em vigor, cada prefeitura é obrigada a despejar na educação 25% do que arrecada, uma dureza em tempos de caixa curto. Pois, caso o script do PNE tivesse deixado o papel no ritmo previsto, nesse mesmo 2014 os municípios deveriam ter separado 60% de todo o bolo arrecadado para a educação, conforme o IDados.

ENSINO QUE É BOM...

O Brasil já está entre os dez países que mais investem em educação. Se as metas do PNE fossem cumpridas, ele se tornaria campeão absoluto

Fonte *OCDE (2013)*
* Projeção IDados



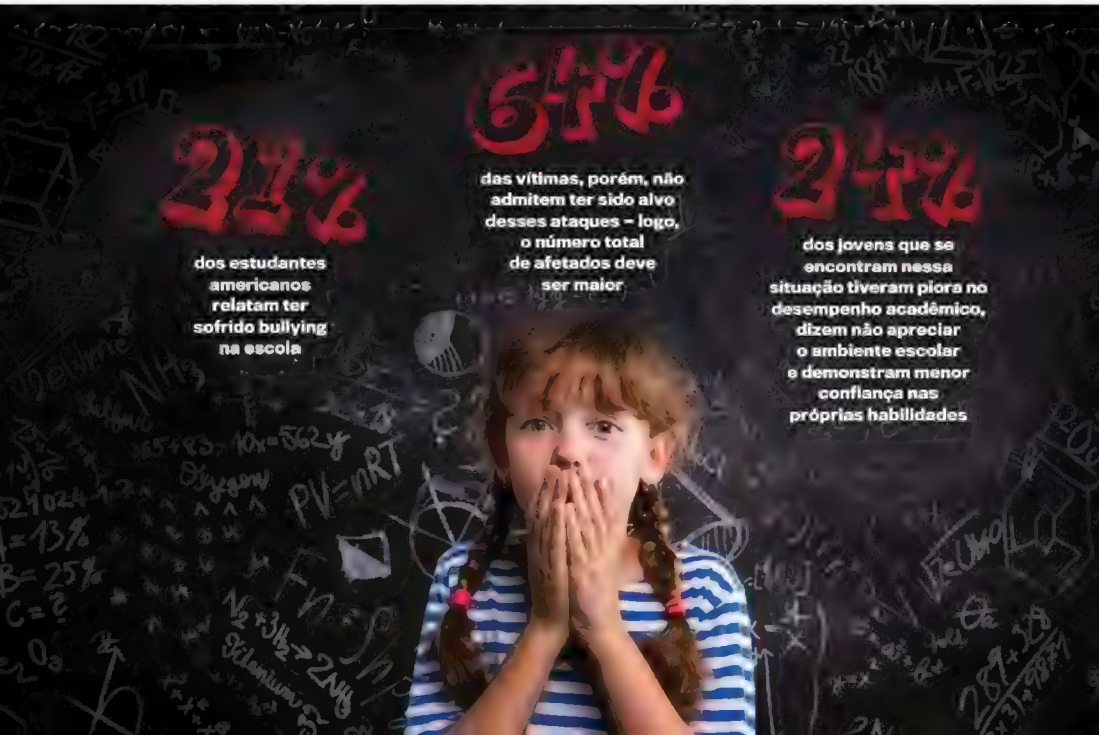
O carnaval de incongruências financeiras impõe uma questão anterior: o Brasil precisa mesmo destinar tanta verba para o ensino? Uma conta clássica mostra que o gasto por aluno aqui, de 6 670 reais por ano, de fato ainda é baixo na comparação internacional. Mais dinheiro, portanto, poderia ser bem-vindo. Poderia, assim mesmo, no condicional. A experiência revela que o quinhão brasileiro só vem aumentando — na última década, a fatia do PIB para o setor expandiu-se 57%, perdendo apenas para a Rússia —, mas o nível do ensino continua entre os piores do mundo, e até retrocede em certas métricas. "Acho um erro gastar mais onde se gasta mal", alerta o economista Marcelo Neri, da Fundação Getulio Vargas. Está aí um quesito em que o Brasil é lembrado — a ineficácia na gestão de recursos públicos. Aos programas vistosos faltam objetivos claros, vigilância permanente e cobrança de resultados. Por questões políticas, muito dinheiro é empatado em obras grandiloquentes, e não no que faz a diferença: o bom professor.

O primeiro plano educacional instituído por lei no país, aprovado em 2001, encerrou-se dez anos depois com apenas um terço das metas cumprido. Diante de resultado tão pífio, o Congresso passou quatro anos discutindo o atual PNE — e deu no que deu. O documento, de dezessete páginas, fruto de discussão com associações e sindicatos, virou uma colcha que junta metas as mais diversas — universalizar o ensino básico, dobrar as escolas de turno integral e as matrículas na universidade, e deixar o Brasil par a par com os melhores do mundo. É pouco específico sobre como fazer o dinheiro ser verdadeiramente útil em tão ambicioso percurso. "Não há nenhuma menção à gestão das verbas", observa o economista Claudio Moura Castro. Ministérios Públicos, Tribunais de Contas e o Ministério da Educação estão incumbidos de fiscalizar a execução do plano, mas até agora tem vigorado uma improdutiva condescendência. E o bloco do PNE segue em frente como um enredo sem pé nem cabeça de velhos carnavais. ■

ALERTA: O BULLYING PROVOCA NOTA BAIXA

Estudo realizado ao longo de 25 anos comprova que agressões sofridas na escola prejudicam o rendimento acadêmico das vítimas **FILIPE VILICIC E TALISSA MONTEIRO**

O BULLYING JÁ FOI apontado como causa de depressão, ansiedade, obesidade e sentimento de solidão em crianças. Ainda que o termo, cunhado nos anos 70 pelo psicólogo sueco Dan Olweus, descreva qualquer ataque que use a força ou a coerção para intimidar e ameaçar alguém, ele é frequentemente associado aos "valentões" que humilham meninos e meninas na escola. Gagueira, uso de óculos com lentes grossas, características físicas ou mesmo (ironia que a inveja pode explicar) um desempenho escolar acima da média costumam motivar as agressões — verbais em 77% das situações, físicas no restante. Estudos realizados pela Associação Americana de Medicina chegaram a revelar que o trauma pode ser tão grave que as vítimas têm até três vezes mais risco de pensar em suicídio. Nos EUA, dois em cada dez jovens relatam ter sofrido bullying — e o número deve ser maior, já que 64%



dos alvos dessas práticas não contam o que passaram. Uma nova pesquisa, da Associação Americana de Psicologia, divulgada na última semana, descobriu outro efeito preocupante do bullying: as vítimas tendem a se sair pior em provas escolares e a odiar experiências acadêmicas.

A conclusão veio de um estudo conduzido ao longo de 25 anos por psicólogos da Universidade do Estado do Arizona. Desde 1992 os cientistas têm seguido a vida de 190 meninos e 193 meninas, do jardim de infância ao ingresso em um curso superior ou ao abandono dos estudos. A cada ano, os participantes respondiam a questionários e realizavam entrevistas, por meio das quais os pesquisadores conseguiam detectar experiências de abusos verbais e físicos. A frequência do bullying era, então, medida em uma escala que ia de 1 (quando a prática "quase nunca" ocorria) a 5 ("sempre"). Cerca de metade das crianças nesse ranking ficou nos níveis mais baixos de incidência. Contudo, o trabalho identificou que 20% dos alunos estudados em algum momento se viram vítimas de ataques crônicos e severos. Ao final, chegou-se a um resultado alarmante: um em cada quatro jovens que foram alvo de bullying apresentou desempenho acadêmico decrescente e se revelou menos engajado nas atividades escolares. Pelos relatos das crianças aos pesquisadores, evidenciou-se a relação direta entre os ataques e a desmotivação com o aprendizado.

Disse a VEJA a psicóloga americana Becky Kochenderfer-Ladd, a principal autora do estudo: "Já tínhamos indícios da ligação entre o bullying e a perda de motivação acadêmica. Faltava, porém, um acompanhamento prolongado da vida desses jovens". Segundo os psicólogos por trás da pesquisa, ao contrário do que aponta o senso comum, o problema é recorrente entre os que estão na idade de frequentar o que no Brasil se chama ensino fundamental, e não no ensino médio. A porcentagem de casos severos caiu de 20% em crianças para 7% entre adolescentes. "Isso nos traz esperança, pois indica que alguns conseguem enfrentar e vencer esse mal ao longo da vida", afirmou o psicólogo americano Gary Ladd, também autor da pesquisa.

Sim, a maldade, direcionada ao próximo — em geral alguém "diferente" do agressor e da maioria —, existe desde sempre, em todos os lugares. Mas a internet serviu tanto para escancarar a questão como para fazer surgir uma modalidade nova e de enorme potencial, o cyberbullying.

O problema é mais recorrente entre crianças do que entre adolescentes

Em 2011, por exemplo, um vídeo postado no YouTube deixou clara a dimensão que o assunto havia tomado. Nele, o estudante australiano Casey Heynes, então com 15 anos, aparecia sendo atacado pelos colegas de colégio por causa de sua obesidade. Naquele dia, ele resolveu reagir e agrediu os que o atacavam. Desde então, o vídeo foi visto quase 30 milhões de vezes e o caso se transformou em símbolo do problema. A história de Heynes, apesar de ter sido exposta na rede, ainda se enquadra na categoria mais comum de bullying: aquele cometido no colégio. Mesmo na era digital, é duas vezes maior o risco de uma criança ser agredida na escola do que na web — por exemplo, com comentários maldosos no Facebook.

Nos EUA, há leis que fiscalizam o bullying em escolas e punem os agressores, usualmente com advertência ou expulsão. Nos últimos meses, o assunto tem sido abordado com frequência ainda maior por lá. Isso porque, após a eleição do republicano Donald Trump para a Casa Branca, cresceu a incidência de ataques nos colégios. Em novembro passado, apenas uma semana após a vitória de Trump, a organização Southern Poverty Law Center, especializada em preservar direitos civis, contabilizou 430 novas denúncias pelo país. "Não víamos esse volume desde a onda anti-Islã que se seguiu aos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001", constatou o porta-voz da instituição, Ryan Lenz. A hipótese, desta vez, é o bullying ter-se agravado em razão do discurso contra imigrantes e muçulmanos do agora presidente Trump. Há relatos, por exemplo, de alunos não brancos que optaram por estudar em casa, em vez de comparecer à escola, com medo de colegas que desfilavam portando placas com a frase "White Power" (Poder Branco).

No outro lado do espectro, o próprio filho caçula de Trump, Barron, de 10 anos, passou a ser vítima de cyberbullying — "responsabilizado" pelas ideias radicais do pai. A situação evidencia como o problema afeta famílias de todos os tipos, pobres ou ricas, brancas ou negras. Por isso mesmo, a pesquisa da Associação Americana de Psicologia escolheu analisar, entre as 383 crianças acompanhadas, representantes de várias etnias e de todas as camadas sociais. Suas conclusões provam que o bullying deixa não apenas cicatrizes emocionais em suas vítimas, mas também prejuízos de ordem bem mais mensurável — ambos com consequências cruéis e duradouras. ■

FALA QUE EU TE ESCUTO

Esqueça os mouses e as telas sensíveis ao toque: as máquinas já entendem o que dizemos a elas

JENNIFER ANN THOMAS

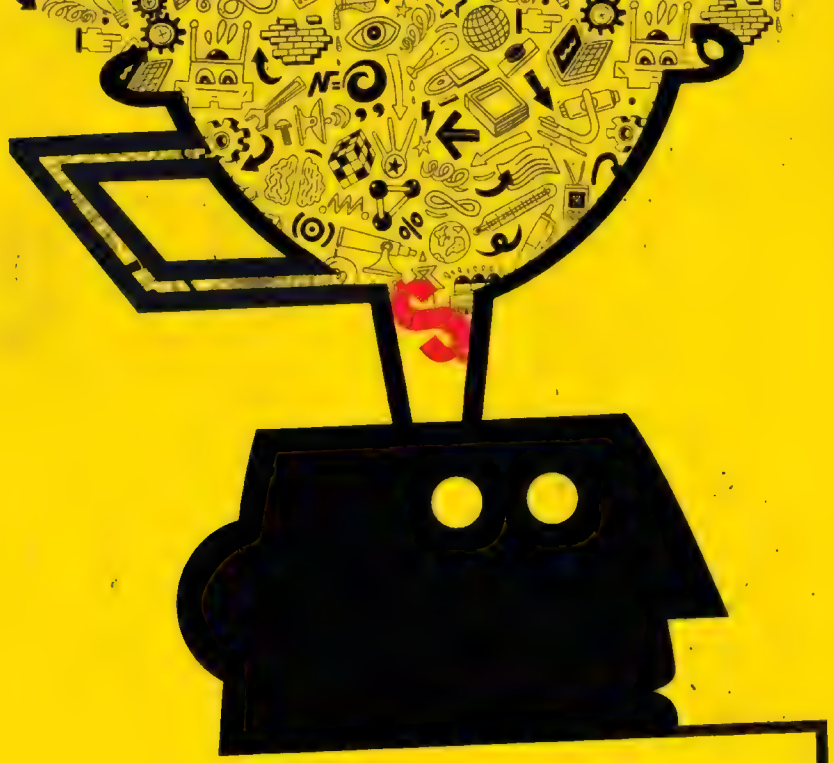
HÁ UMA DÉCADA, um espaço montado pela Microsoft em sua sede, na cidade americana de Redmond, mostrava como seria uma residência nos dias de hoje. A Casa do Futuro tinha como estrela principal um computador integrado e capaz de atender a comandos como "localize meus filhos", "peça uma pizza para as 8 da noite" ou "encomende o que falta na geladeira". No primeiro fim de semana deste 2017, a mais tradicional feira de inovações do planeta, a CES, em Las Vegas, indicou que a aposta de dez anos atrás está se concretizando. O evento exibiu produtos "inteligentes" similares ao antigo protótipo da Microsoft. "O comando por voz está saindo da teoria para a prática", afirmou Shawn DuBravac, o economista-chefe da Associação dos Consumidores de Tecnologia, que organiza a CES e é autor do livro *Destino Digital*. Se, nos anos 40, eram necessários códigos complexos para guiar os primeiros computadores — depois substituídos por teclados, mouses e telas sensíveis ao toque —, a próxima etapa será a interação do homem com a máquina pela mesma via usada pelos humanos: a conversa.

Um dos principais representantes dessa tendência é o software Alexa, da Amazon, que funciona como um assistente pessoal comandado por voz. Integrado ao dispositivo Echo, um computador em formato de torre, ele compreende e responde ao que lhe é perguntado. Quando foi lançado, em junho de 2015, para todos os consumidores, por 180 dólares, conseguia atender a 1 000 tipos de função, como realizar compras, resumir o noticiário do dia, ajustar a temperatura ambiente e localizar as crianças (por meio do GPS de seus smartphones). Na versão exibida na CES, o software passou a executar 7 000 tarefas. Em pouco mais de um ano de vendas, ele está presente em quatro de cada 100 casas americanas — e já surgiram dispositivos similares, de concorrentes como o Google.

O avanço da tecnologia guiada por voz se dá a passos largos. Em 1994, testes comprovaram que computadores não entendiam o que os humanos falavam em praticamente 100% das situações. Em 2013, a taxa de erro diminuiu para 23%. Hoje, é de 6%. Isso quer dizer que 94% do que se fala a uma máquina digital é compreensível para ela. Acredita-se que no próximo estágio as máquinas não só atenderão aos comandos de voz como também serão capazes de manter diálogos complexos. Para isso, falta aprimorar o *deep learning*, expressão que define a capacidade das máquinas de aprenderem sozinhas, sem o suporte de programadores. Não está distante, portanto, o dia em que os computadores se parecerão com os androides da ficção científica, como o C-3PO, de *Star Wars*, "fluente em 6 milhões de línguas e falas diferentes". Resta saber se, com tanta proficiência, eles vão querer conversa com algum humano. ■

MV ASSISTA A UM VÍDEO QUE MOSTRA COMO FUNCIONA O ALEXA, DA AMAZON

Abril



Chegou!

Guia do Estudante Bolsas

BOLSAS DE ESTUDOS com até 75% de desconto

Mais de 800 faculdades

Estude nas maiores faculdades, pague as menores mensalidades.

Encontre a faculdade que você quer pelo preço que você pode investir. Não é financiamento, não é promoção. **É desconto real, e que vale para o curso inteiro.** Com a ajuda do guia que mais entende de ensino no país, você pode garantir agora a sua bolsa sem enrolação nem burocracia. Aproveite!

ACESSE E COMPROVE:
bolsas.guiadoestudante.com.br

Guia do Estudante

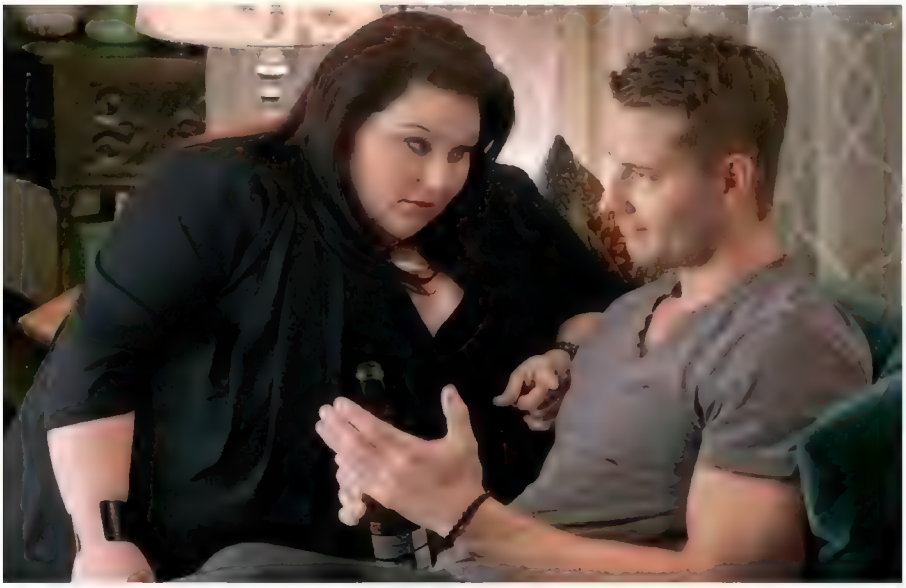
FAMÍLIA É AMOR SEM LIMITE

Em **Santa Clarita Diet,** um clã da Califórnia é abalado por um evento insólito: a mãe, Sheila (Drew Barrymore), torna-se zumbi. Mas, apesar de seu apetite por vísceras humanas, ela e o marido, Joel (Timothy Olyphant), são capazes de tudo – inclusive matar – pela preservação de seu ninho

CARNE DA MINHA CARNE

Séries como *Santa Clarita Diet* e *This Is Us* comprovam a resiliência e a capacidade de reinvenção de um gênero tão antigo quanto a TV americana: a sitcom sobre a família **MARCELO MARTHE**

© DIVULGAÇÃO



FAMÍLIA É RENOVAÇÃO

Cruzamento engenhoso de comédia e drama, **This Is Us** prova que a sitcom também pode inovar. Em planos temporais paralelos, alterna a aventura de um casal ao criar trigêmeos e a vida futura dos filhos, um ator em crise, uma obesa insegura e um irmão adotivo negro

A VIDA É UMA iguaria, digamos, meio pobre em proteínas na modorrenta Santa Clarita, subúrbio de Los Angeles onde mora gente politicamente correta e de hábitos naturebas. A corretora de imóveis Sheila (Drew Barrymore) não destoa do padrão local: vive numa casa igual a todas de seu quarteirão, com o marido e parceiro profissional Joel (Timothy Olyphant) e a filha "aborrescente" do casal. Certo dia, enquanto ela e Joel mostram um imóvel a clientes, Sheila é acometida por uma intercorrência gástrica severa. Vomita uma gosma amarela por toda a casa e confere sentido algo literal à expressão pôr as tripas para fora: regurgita um órgão esférico e ensanguentado. Marido zeloso, Joel entra em pânico e tenta arrastar a mulher ao hospital. Mas, afora o detalhe de não notar mais as batidas de seu coração, Sheila sente-se melhor do que nunca: torna-se mais workaholic, passa a praticar corrida com as vizinhas e transborda bom humor. Desenvolve, sobretudo, um apetite incontrolável por carne crua. Cena vem, cena vai, eis que uma virada carregada de humor negro expõe a ironia contida no título da série *Santa Clarita Diet:* Sheila mata uma pessoa e refestela-se com cada pedacinho de sua pele, tendões, músculos e ossos.

Produção original da Netflix, lançada mundialmente pela plataforma de streaming na sexta-feira 3, *Santa Clarita Diet* assenta-se sobre uma premissa de alcance aparentemente limitado: a confusão armada na vida de um clã com a insólita transformação da mãe em zumbi. Mas Drew Barrymore e o excelente Olyphant dão conta com brio do tom cômico um bocado estridente da série. E o achado de seu roteiro aos poucos se revela: a questão não é o que muda com a chegada de uma morta-viva à família, mas sim como esta, apesar de tudo, é capaz de conservar-se, na essência, imutável.

Essa resiliência vale como verdade absoluta ao menos em um campo da

MV APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E ASSISTA AOS TRAILERS DE *SANTA CLARITA DIET* E *THIS IS US*

© DIVULGAÇÃO

FAMÍLIA É DIVERSIDADE

Dos gays aos asiáticos, as sitcoms absorveram o colorido étnico e sexual da América moderna. Séries sobre lares negros desbravaram a tendência, nos anos 80. A fórmula se atualiza em **Black-ish,** na qual um pai de classe média, Andre (Anthony Anderson), luta para que a prole resgate suas raízes negras

TV americana: as sitcoms sobre a família. É natural que o gênero tenha sido um dos primeiros surgidos na massa informe que era a televisão em seus primórdios. Mãe, pai, filhos e avós se reuniam na frente do aparelho em busca de um programa que lhes servisse de espelho. Sitcoms como *I Love Lucy* ofereceram essa possibilidade, com a doçura asséptica exigida pela sociedade americana dos anos 50.

Tecnicamente, a sitcom clássica é um formato bastante estrito: uma comédia gravada em cenários fixos de estúdio, sempre embalada pelas gargalhadas de uma claque. Nos canais pagos e mesmo na era do streaming, essa fórmula ainda resiste. Não muito tempo atrás, a Netflix ressuscitou *Full House*, comédia familiar que remonta aos jurássicos anos 80: sua nova versão, intitulada *Fuller House*, retrata o mesmo clã três décadas depois. Mais relevante, entretanto, é constatar que as séries sobre a família sobrevivem não apenas como curiosidade fossilizada. Ironicamente, aquelas produções que tanto foram denunciadas como exemplos de teledramaturgia conservadora e quadrada têm exibido uma capacidade invejável de adaptar-se aos novos tempos e tendências *(confira ao longo da reportagem).*

Produzir uma sitcom de sucesso não requer somente a criação de personagens graciosos e de uma trama bem amarrada: como já ensinavam suas tataravós dos anos 50, é preciso que eles reflitam os arranjos familiares de seu tempo. Hoje, isso se traduz em uma saraivada de séries que celebram a diversidade racial e sexual da América. Com seu retrato modernínho de um clã que inclui um casal de pais gays e outro formado por um homem idoso unido a Sofia Vergara, beldade latina cheia de frescor, *Modern Family* segue firme no ar há oito temporadas (a mais recente delas, aliás, vai estrear no Fox Life no próximo dia 15). O novo êxito na seara é ***Black-ish,*** da Sony, que renova um subgênero popular — as sitcoms sobre famílias negras — ao abordar certa ansiedade típica: o duro equilíbrio entre o desejo

de manter-se fiel às raízes e a entrega aos prazeres da classe média branca.

Moldar-se aos novos comportamentos não é, contudo, o único trunfo das sitcoms: elas também se reinventam conforme os novos ares da televisão. A busca por abordagens mais realistas, às quais o público se acostumou sobretudo com o advento das séries adultas da TV paga, levou à incorporação de outro elemento, o desajuste familiar. Mesmo sitcoms de formato clássico passaram a explorar tipos erráticos. Em ***Mom***, de Chuck Lorre (produtor de *The Big Bang Theory*), o riso é provido de uma claque *vintage*. Mas as três protagonistas da série, exibida por aqui pela Warner, não lembram em nada as mulheres das sitcoms de antigamente: avó, filha e neta são mães solteiras e problemáticas.

Talvez o dado mais notável sobre esse banho de loja das séries-família seja o grau de inovação narrativa que podem alcançar. Na surpreendente ***This Is Us***, o espectador não sabe se ri ou chora diante de uma trama que alterna o passado e o presente de um clã de trigêmeos que inclui um ator de sitcom em crise (haja ironia!), sua irmã obesa e um irmão negro adotivo. Cada lacuna preenchida implica uma reviravolta nas convicções que o espectador tinha até então sobre a família. Não sem motivo, *This Is Us* — ainda sem previsão de estreia no país — tem sido saudada como a melhor novidade da atual temporada da TV americana.

Com sua mãe-zumbi, *Santa Clarita Diet* avança mais uma casa na trilha da renovação. Ao mesmo tempo, porém, é a prova de que a força do gênero vem do fato de que algo nunca se alterou em sua essência: a ideia de que a família, qualquer que seja sua feição, é capaz de resistir a tudo em seu instinto de autopreservação. Em nome da preservação do clã, Joel, o marido, não se furta a ajudar a mulher, Sheila, na operação de saciar a fome — nem a acobertar os crimes que ela comete por um suculento antebraço humano. Pois família é isto: carne da nossa carne. ■

FAMÍLIA É GENTE DESAJUSTADA

Se as sitcoms dos primórdios da TV tinham atmosfera rósea, suas descendentes não negam um dado da vida real: famílias podem ser imperfeitas. Com humor rasgado, **Mom** fala de três gerações de mulheres. Avó e filha são alcoólatras e mães solteiras – e a neta vai pela mesma trilha

MV APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E ASSISTA AOS TRAILERS DE *BLACK-ISH* E *MOM*

DA TEORIA À PRÁTICA

Ao contar a história real de três matemáticas negras da Nasa que venceram a segregação, *Estrelas Além do Tempo* mostra por que não se devem aceitar menosprezos **ISABELA BOSCOV**

NO INÍCIO DA DÉCADA de 60, antes do advento dos computadores, a Nasa empregava um batalhão de calculistas para conferir, na base do papel e lápis, as contas dos cientistas encarregados de correr atrás do programa espacial soviético e pôr em órbita John Glenn, Alan Shepard e os outros astronautas do Projeto Mercury. Muitos dos calculistas eram mulheres, entre as quais a Aeronáutica começara a recrutar mão de obra durante a II Guerra Mundial. E, entre as mulheres, havia um grupo de negras, trabalhando em um ponto afastado do câmpus da Nasa em Langley, Virgínia. É uma constatação que, pela sua enormidade, dificilmente ocorreria a alguém nos dias de hoje: se a Virgínia era um estado segregado entre brancos e negros, também a Nasa da Virgínia o seria. Assim, as três matemáticas negras que protagonizam ***Estrelas Além do Tempo*** (*Hidden Figures*, Estados Unidos, 2016), já em cartaz no país, enfrentam duas categorias de preconceito que pareciam então insuperáveis: o sexismo e o racismo. Baseada no livro-reportagem homônimo de Margot Lee Shetterly (lançado aqui pela HarperCollins), a fita se vale do poder de iluminação de personagens reais que obtiveram um reconhecimento muito aquém do seu pioneirismo e da sua relevância.

O filme do diretor Theodore Melfi é quase modesto demais para figurar entre os nove concorrentes à categoria principal do Oscar, já que é gracioso e simpático, mas não muito criativo. No entanto, sua trama reflete com exatidão o argumento central da polêmica do Oscar 2016, quando nenhum intérprete negro ganhou indicação: é indefensável que um trabalho feito com

© DIVULGAÇÃO

ALGO A ENSINAR Taraji, como Katherine Johnson *(à esq.)*, dá nó na cabeça de engenheiros espaciais, enquanto Viola Davis lidera a disputa de atriz coadjuvante com *Um Limite entre Nós (acima)*, dirigido e estrelado por Denzel Washington

dedicação, competência e brilho deixe de ser recompensado — ou nem sequer seja notado — porque seus autores estão à margem do interesse de um grupo em posição de autoridade. As protagonistas, vividas por Taraji P. Henson, Octavia Spencer e Janelle Monáe, tiveram de transpor distâncias imensas para prosseguir na carreira que haviam feito por merecer. Mas conseguiram porque se aferraram, antes de tudo, à ideia de transpor barreiras.

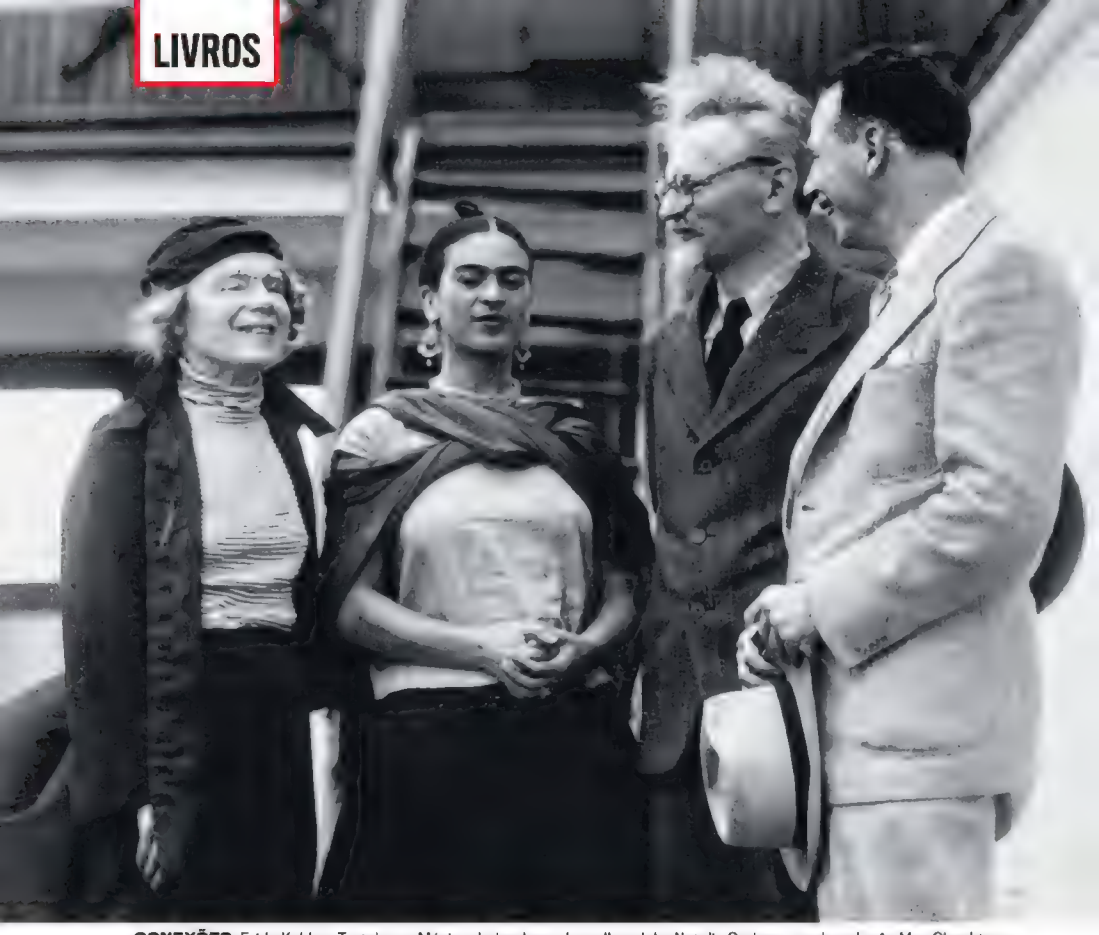
Foi esse também o efeito surtido pela grita que se levantou na campanha #OscarSoWhite ("Oscar tão branco"), do ano passado — garantir que os votantes da Academia de fato passassem a assistir aos filmes feitos ou protagonizados por negros, tornando-os assim elegíveis não só em teoria, mas na prática. Os números do Oscar 2017 surpreenderam: quatro dos nove indicados a melhor filme são protagonizados por não brancos, e negros concorrem em todas as categorias principais. Na categoria de atriz coadjuvante, tem-se um recorde de três negras formando maioria — entre as quais a deliciosa Octavia Spencer de *Estrelas Além do Tempo* e a favorita Viola Davis, de *Um Limite entre Nós*, dirigido e estrelado por outro indicado, Denzel Washington.

Com algum enfeite dramático, *Estrelas Além do Tempo* recria a trajetória de três amigas que, na visão de seus chefes, deveriam considerar-se afortunadas. Mas Katherine G. Johnson (Taraji), Dorothy Vaughan (Octavia) e Mary Jackson (Janelle) sabem que não estão lhes fazendo favor nenhum: são discriminadas no salário, no acesso às instalações e no trato diário. "Tudo aqui anda muito rápido", diz a antipática supervisora branca (Kirsten Dunst) de Dorothy — menos a promoção de Dorothy, que comanda as calculistas sem cargo nem contracheque à altura. Ela vai à luta: observando o suadouro dos técnicos para pôr para funcionar a novidade que lhe vai tirar o emprego — um gigantesco computador IBM —, Dorothy primeiro se autoeduca na linguagem de programação Fortran (tem de roubar um livro da seção só para brancos da biblioteca), e depois corre para instruir sua equipe. Mary, engenheira nata, precisa de um diploma que comprove seu talento. Também ela arregaça as mangas: vai ao tribunal, convence o juiz a fazer história e, de liminar em punho, começa a frequentar a faculdade só para homens brancos.

O caso mais extraordinário, entretanto, é o de Katherine G. Johnson. Um desses prodígios que se revelam já na infância, a tímida Katherine foi parar no centro da ação. Com sua assombrosa criatividade matemática, tornou-se em boa parte a responsável por combinar coordenadas geográficas com o ângulo e a velocidade de reentrada na atmosfera da cápsula em que John Glenn orbitou a Terra. Mas, olhada de esguelha na sala dos engenheiros graduados, tinha de servir-se de café de um bule à parte, e andava quilômetros todos os dias para usar o único banheiro do câmpus liberado às funcionárias negras (o chefe bacana interpretado por Kevin Costner dá um jeito no absurdo). Katherine, Dorothy e Mary fizeram carreira longa e brilhante na Nasa. Que filme *Estrelas Além do Tempo* poderia ser se seu realizador tivesse a bravura e a imaginação de suas protagonistas. ■

AS INDICAÇÕES

Melhor filme
Atriz coadjuvante – Octavia Spencer
Roteiro adaptado



CONEXÕES Frida Kahlo e Trotsky no México, ladeados pela mulher dele, Natalia Sedova, e pelo polonês Max Shachtman

TERRA EM TRANSE

No irresistível *Viva!*, o francês Patrick Deville faz um ensaio ficcional a respeito do magnetismo exercido pelo México sobre os intelectuais europeus no começo do século XX **CRISTOVÃO TEZZA**

"A CULTURA RACIONALISTA da Europa faliu. Vim para o território do México em busca das bases de uma cultura mágica que ainda pode brotar das forças do solo indígena." A frase é do poeta e dramaturgo francês Antonin Artaud (1896-1948), e sintetiza o fascínio que o país exerceu na primeira metade do século XX sobre intelectuais europeus atrás de algum tesouro filosófico oculto no cruzamento de culturas pré-colombianas com luzes europeias. A lista é imensa, e inclui desde D.H. Lawrence, que em 1923 escreveu no México *A Serpente Emplumada*, até Aldous Huxley, que experimentou mescalina, droga usada em rituais de indígenas pré-hispânicos para abrir "as portas da percepção" — ideia celebrizada no título do livro de 1954 no qual descreve a experiência. Essa busca histórica da alta cultura por uma pureza primitiva é tema do mul-

© HERITAGE IMAGES/GETTY IMAGES

tifacetado ***Viva!***, do francês Patrick Deville, um ensaio ficcional em torno do magnetismo mexicano.

A invasão europeia também se fez como necessidade de refúgio político, quando o mundo virava do avesso sob o avanço totalitário que dizimava a Europa. Nos anos 30 e 40, o impacto da obra dos mexicanos Diego Rivera (1886-1957) e David Alfaro Siqueiros (1896-1974) explodia como o altissonante ponto de encontro da arte com a política, num contexto em que a ideia redentora de revolução não permitia separar as duas coisas. Entre os dois, havia a figura inescapável de Leon Trotsky, o "renegado" da Revolução Russa. Comandante do Exército Vermelho que colocaria enfim a União Soviética em pé depois de anos de guerra civil, Trotsky começou a entrar em desgraça em seguida à morte de Lenin, em 1924. O refinado intelectual que havia sujado as mãos para fazer história preferiu recolher-se aos livros em vez de prestar atenção aos movimentos do rival Josef Stalin — que, em pouco tempo, se apoderou da máquina policial do novo Estado e fez de Trotsky o seu judeu errante. Transformado em inimigo mítico, foi deportado para a Sibéria, depois expulso para a Turquia, e dali à França; em seguida, fugiu para a Noruega, e finalmente desembarcou no México. Aos cuidados de Rivera e de sua mulher, Frida Kahlo, escondeu-se na célebre Casa Azul do turbulento casal de pintores. Uma proteção frágil: em 1940, Trotsky escapará de um atentado liderado pelo stalinista Siqueiros (que fugiria para o Chile com a ajuda do poeta Pablo Neruda), mas não de um golpe de picareta desfechado poucos meses depois por Ramón Mercader, assassino treinado pela polícia soviética (ao sair da cadeia, duas décadas depois, Mercader viveria seus últimos anos na Cuba de Fidel Castro).

Um parêntese: quem quiser acompanhar esse enredo policial perfeito deve ler a obra-prima do cubano Leonardo Padura, *O Homem que Amava os Cachorros*, romance em que uma sutil moldura ficcional sustenta, fato a fato, a dupla história de Trotsky e de seu assassino, tendo como pano de fundo a alucinação ideológica coletiva do stalinismo, que no mundo inteiro levou de cambulhada desde os fanáticos de sempre até monstros da razão como o filósofo Jean-Paul Sartre. Mas, para sentir a atmosfera do México daqueles tempos, uma espécie de coxia política e artística que atraía gênios de toda parte no momento em que se preparavam para entrar ruidosamente em cena, *Viva!* é um caleidoscópio irresistível.

Patrick Deville escolhe dois eixos de sustentação narrativa. Um é, naturalmente, Trotsky: a revolução foi a caixa de Pandora desse símbolo maior do intelectual em ação e de sua tragédia. O outro é a figura apagada do inglês Malcolm Lowry (1909-1957), alguém que, de fracasso em fracasso, passou a vida recebendo mesada do pai e preparando-se para escrever *À Sombra do Vulcão* — que, por ironia, se revelaria um dos grandes romances do século. No livro, a festa mexicana do Dia dos Mortos é o cenário do fim trágico de um ex-cônsul britânico, alcoólatra como o autor. Entre esses dois antípodas, Deville vai cruzando uma miríade de referências históricas, o que confere ao livro um traço documental dominante. Na esteira de uma visível tendência literária contemporânea de fundir ensaio e ficção, o texto de Deville não dispensa um narrador de alma ficcional.

O que salva seu livro de se tornar apenas um monótono arrolar de acontecimentos é, sobretudo, o fato de o narrador deixar transparecer o próprio fascínio pelo que conta. Página a página, seguimos o rastro de figuras como Ret Marut. Condenado à morte por uma insurreição em Munique, ele vai reaparecer anos depois no México como B. Traven, um dos muitos nomes falsos do enigmático autor de *O Tesouro de Sierra Madre*. Ou o francês André Breton, o "pequeno tirano do surrealismo", assinando com Trotsky um manifesto de arte de vanguarda. Ou Graham Greene, o autor inglês católico, escrevendo *O Poder e a Glória*, sobre um padre mexicano bêbado que vive em fuga para não ser morto. Ou, por fim, a fotógrafa Tina Modotti, musa stalinista arrependida que surgirá morta num táxi. Na extensa galeria de personalidades há desde coadjuvantes de luxo como Georges Simenon a protagonistas como Diego Rivera — que, após o assassinato de seu protegido Trotsky, faz uma mudança de rota e se torna stalinista.

A liga desse caldo de referências vem do que podemos chamar de "estética da coincidência", nome que se dá a certa chave da narrativa pós-moderna para sugerir algum sentido secreto a fatos do acaso e aparentemente sem conexão. A sucessão de coincidências só realça o exotismo — coisa a que Deville, como bom europeu, se entrega com paixão. ■

VIVA!,
de Patrick Deville
(tradução de
Marília Scalzo; 34;
208 páginas;
52 reais)

APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E LEIA TRECHO DA OBRA

VEJA RECOMENDA

CINEMA Jessica Chastain *(em primeiro plano)* no filme *Armas na Mesa*: o enigma de uma lobista implacável de Washington

CINEMA

ARMAS NA MESA

(*Miss Sloane*, Estados Unidos/França, 2016. Já em cartaz no país)

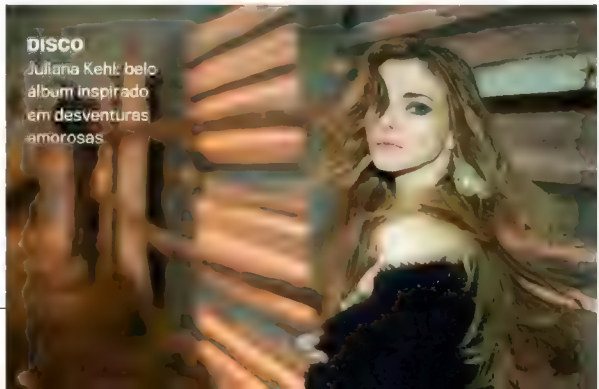
Elizabeth Sloane, lobista tida em alta conta — e grande temor — em Washington por seus métodos implacáveis, parece mesmo ter gelo nas veias: falando de frente para a câmera na abertura do filme do diretor inglês John Madden (de *Shakespeare Apaixonado*), ela ensina que fazer lobby é antecipar os lances do adversário. É bom guardar isso em mente enquanto se vê a complicada mas fascinante trama protagonizada pela excelente Jessica Chastain. Ao se demitir da empresa que representa interesses dos fabricantes de armas e se juntar ao "inimigo" — a pequena firma de um idealista (Mark Strong, ótimo) que briga pelo controle na venda aos civis —, a impiedosa senhorita Sloane não quer saber de capturar peões. Quer dar um xeque-mate. Qual seria ele, porém, é o enigma.

DISCOS

LUA FULL

de Juliana Kehl (Dock)

Os americanos Marvin Gaye e Beyoncé e o grupo inglês Blur já mostraram que crises conjugais funcionam como excelente fonte de inspiração. Embora esteja muitos degraus abaixo desses três exemplos internacionais, a cantora paulistana Juliana Kehl fez um belo disco baseado em seus imbróglios amorosos. *Lua Full* investe numa sonoridade contemporânea, sob o comando dos produtores e guitarristas Gustavo Ruiz e Luiz Chagas. Juliana tem uma voz bem colocada e é letrista competente, como se comprova em *Sete Salomés*, parceria com Marcelo Jeneci na qual ela reclama da solidão, e em *Red Number*, rock/disco sobre um triângulo amoroso, cantado em dueto com Thiago Pethit. Surpreende, ainda, com um cover de *Desterro*, bregão derramado do pernambucano Reginaldo Rossi.



DISCO Juliana Kehl: belo álbum inspirado em desventuras amorosas

HANG, **de Foxygen (Jagjaguwar; disponível somente em serviços de download e streaming)**
Sam France e Jonathan Rado, do Foxygen, são a prova da fixação do novo rock alternativo americano pelas melodias grandiosas do AOR (abreviação de *adult oriented rock*, que pode ser entendido como "música para roqueiros cansados de distorção de guitarra"). *Hang*, seu quarto álbum, homenageia essa vertente de sucesso dos anos 70. Amparados por uma orquestra, France (vocais) e Rado (diversos instrumentos) apresentam um trabalho requintado, com influências que vão do pop bem articulado de um Todd Rundgren (visível na faixa de abertura, *Follow the Leader*) aos dedilhados ao piano de um Elton John (em *On Lankershim*).

LIVRO
DICAS DA IMENSIDÃO, **de Margaret Atwood (tradução de Ana Deiró; Rocco; 240 páginas; 39,50 reais)**
A autora canadense é uma voz feminina inescapável da literatura contemporânea. Enxergar sua obra apenas como exame da condição da mulher seria, porém, redutor: Margaret domina a arte de expor a essência humana a partir da banalidade. Este volume de contos, de 1991, atesta seu talento de ourives. Da história da mulher com fixação por um cisto retirado do ovário à conexão entre uma descoberta arqueológica e o destino de um casal, ela extrai das miudezas retratos grandiosos da vida. ■

MV APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E ASSISTA A TRAILER, OUÇA MÚSICAS E LEIA TRECHO DO LIVRO

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **O HOMEM MAIS INTELIGENTE DA HISTÓRIA** Augusto Cury [1|14] SEXTANTE
2. **QUATRO VIDAS DE UM CACHORRO** W. Bruce Cameron [2|10] HARPERCOLLINS BRASIL
3. **COMO EU ERA ANTES DE VOCÊ** Jojo Moyes [4|51#] INTRÍNSECA
4. **DEPOIS DE VOCÊ** Jojo Moyes [5|50] INTRÍNSECA
5. **A GAROTA NO TREM** Paula Hawkins [8|50#] RECORD
6. **O VENDEDOR DE SONHOS** Augusto Cury [6|77#] ACADEMIA DE INTELIGÊNCIA
7. **CINQUENTA TONS MAIS ESCUROS** E.L. James [7|60#] INTRÍNSECA
8. **ESCÂNDALOS NA PRIMAVERA** Lise Kleypas [10|2] ARQUEIRO
9. **A GUERRA DOS TRONOS** George R.R. Martin [9|118#] LEYA BRASIL
10. **DOIS IRMÃOS** Milton Hatoum [3|3] COMPANHIA DAS LETRAS

NÃO FICÇÃO

1. **RITA LEE: UMA AUTOBIOGRAFIA** Rita Lee [1|11] GLOBO
2. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** Yuval Noah Harari [2|139#] L&PM
3. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK** Anne Frank [3|132#] RECORD
4. **HUMANO DEMAIS** Rodrigo Alvarez [7|9] GLOBO
5. **NOVOS CAMINHOS, NOVAS ESCOLHAS** Abilio Diniz [5|12] OBJETIVA
6. **MENTES DEPRESSIVAS** Ana Beatriz Barbosa Silva [4|54#] PRINCIPIUM
7. **HOMO DEUS** Yuval Noah Harari [6|9] COMPANHIA DAS LETRAS
8. **O QUE TEM NA GELADEIRA?** Rita Lobo [8|19] SENAC SÃO PAULO
9. **LAVA JATO** Vladimir Netto [9|30] PRIMEIRA PESSOA
10. **FILOSOFIA PARA CORAJOSOS** Luiz Felipe Pondé [10|219#] PLANETA

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **TODO MUNDO TEM UM ANJO DA GUARDA** Pedro Siqueira [1|14] SEXTANTE
2. **POR QUE FAZEMOS O QUE FAZEMOS?** Mario Sergio Cortella [7|24] PLANETA
3. **PROPÓSITO** Sri Prem Baba [2|79] SEXTANTE
4. **ANSIEDADE** Augusto Cury [3|156] SARAIVA
5. **NÃO SE ENROLA, NÃO** Isabela Freitas [4|11] INTRÍNSECA
6. **ANSIEDADE 2** Augusto Cury [9|28] BENVIRÁ
7. **SUA MELHOR VERSÃO – DESPERTE PARA UMA NOVA CONSCIÊNCIA** Flavia Melissa [0|1] ACADEMIA DE INTELIGÊNCIA
8. **O PODER DA AÇÃO** Paulo Vieira [6|59#] GENTE
9. **O PODER DO AGORA** Eckhart Tolle [8|154] SEXTANTE
10. **O PODER DO HÁBITO** Charles Duhigg [5|61#] OBJETIVA

INFANTOJUVENIL

1. **HARRY POTTER E A CRIANÇA AMALDIÇOADA** J.K. Rowling [1|12] ROCCO
2. **O DIÁRIO DE LARISSA MANOELA** Larissa Manoela [2|30] HARPERCOLLINS BRASIL
3. **AUTHENTIC GAMES – A BATALHA DA TORRE** Authentic Games [3|154] ASTRAL CULTURAL
4. **AUTHENTIC GAMES – VIVENDO UMA VIDA AUTÊNTICA** Authentic Games [6|40#] ASTRAL CULTURAL
5. **AUTHENTIC GAMES – A BATALHA CONTRA HEROBRINE** Marco Túlio [0|54] ALTO ASTRAL
6. **DIÁRIO BELEZA TEEN** Marlany Petrin e Nathany Petrin [0|1] ASTRAL CULTURAL
7. **A COROA** Kiera Cass [5|234] SEGUINTE
8. **O ORFANATO DA SRTA. PEREGRINE PARA CRIANÇAS PECULIARES** Ransom Riggs [9|42] LEYA BRASIL
9. **JOÃO SENDO JOÃO** João Guilherme [8|11] OUTRO PLANETA
10. **O LAR DA SRTA. PEREGRINE PARA CRIANÇAS PECULIARES** Ransom Riggs [10|6] INTRÍNSECA

Fontes: **Balneário Camboriú:** Leitura, Livrarias Catarinenses; **Belo Horizonte:** Fnac, Leitura; **Bertioga:** Leitura; **Blumenau:** Livrarias Catarinenses; **Brasília:** Cultura, Fnac, Leitura, Nobel, Saraiva; **Campinas:** Cultura, Fnac, Leitura; **Campo Grande:** Leitura; **Campos dos Goytacazes:** Leitura; **Caxias do Sul:** Saraiva; **Contagem:** Leitura; **Curitiba:** Fnac, Laselva, Livrarias Curitiba, Saraiva; **Florianópolis:** Laselva, Livrarias Catarinenses, Saraiva; **Fortaleza:** Cultura, Leitura, Saraiva; **Goiânia:** Fnac, Leitura, Saraiva; **Governador Valadares:** Leitura; **Guarulhos:** Fnac; **Ipatinga:** Leitura; **João Pessoa:** Leitura, Saraiva; **Joinville:** Livrarias Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura; **Londrina:** Leitura; Livrarias Curitiba; **Manaus:** Leitura; **Maringá:** Leitura; **Mogi das Cruzes:** Saraiva; **Natal:** Leitura; **Palmas:** Leitura; **Petrópolis:** Nobel; **Pinacoteca:** Nobel; **Porto Alegre:** Cultura, Fnac, Saraiva; **Porto Velho:** Leitura; **Recife:** Cultura, Saraiva; **Ribeirão Preto:** Fnac, Paralax, Saraiva; **Rio de Janeiro:** Argumento, Fnac, Saraiva, Travessa; **Salvador:** Leitura, Saraiva; **Santa Bárbara d'Oeste:** Nobel; **Santo André:** Saraiva; **Santos:** Saraiva; **São José do Rio Preto:** Leitura; **São Luís:** Leitura; **São Paulo:** Cultura, Fnac, Laselva, Livraria da Vila, Livrarias Curitiba, Martins Fontes, Nobel, Saraiva; **Sete Lagoas:** Leitura; **Sorocaba:** Saraiva; **Taubaté:** Leitura; **Teresina:** Leitura; **Uberlândia:** Leitura; **Vila Velha:** Saraiva; **Vitória:** Laselva, Leitura; **Internet:** Cultura, Fnac, Leitura, Nobel, Saraiva, Submarino

[A|B#] – A) posição do livro na semana anterior B) há quantas semanas o livro aparece na lista #) semanas não consecutivas

ROBERTO POMPEU DE TOLEDO

SONHO E PESADELO

O FÍSICO George Matsas, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), publicou artigo na *Folha de S.Paulo* (edição de 30/1/2017) em que apresenta o que chamou de "duas singelas propostas". Primeira: que o Dia do Servidor Público, comemorado nacionalmente em 28 de outubro, deixasse de ser considerado ponto facultativo. Segunda: que a "licença-prêmio", pela qual funcionários de diversos estados ganham três meses de férias a cada cinco anos trabalhados, fosse eliminada. "Se a sociedade já não tolera mais tanta falta de ética, privilégios indevidos e outros desmandos das ditas elites, faz-se necessário que ela comece reformando a si própria", escreveu Matsas. "Nada mais natural do que iniciar o processo por meio de quem tem a nobre tarefa de servir à sociedade."

A instituição do Dia do Servidor Público remonta a 1939, o segundo ano do Estado Novo. Veio no bojo do decreto-lei (é assim que se legisla, nas ditaduras) que, em 28 de outubro daquele ano, estatuiu os deveres e direitos dos funcionários. Em quase todo o país é comemorado com essa delícia de burocratês que é o "ponto facultativo", ou seja, o dia em que ao funcionário é facultada a obrigação de não trabalhar. A licença-prêmio, com o nome de "licença especial", também começa com Getúlio Vargas, mas em seu período de governo constitucional (é de 1952). Extinta em 1997 para os funcionários federais, continua em vigor em diversos estados.

Não é de hoje que a licença-prêmio é atacada como um dos privilégios que distanciam o funcionário público dos demais funcionários nem que se denuncia o abuso dos pontos facultativos. A originalidade de Matsas consiste em transferir a iniciativa de acabar com eles para os próprios beneficiados. "Convido os sindicatos dos funcionários públicos a empunharem a bandeira

Comemora-se o Dia do Servidor com uma delícia do burocratês, o "ponto facultativo"

cidadã do fim do ponto facultativo no Dia do Servidor e da erradicação da licença-prêmio, em nome da busca por uma sociedade mais justa", escreveu.

Nosso querido Brasil é um país em que as pequenas vantagens, como não trabalhar no Dia do Servidor, agigantam-se à medida que se sobe na hierarquia do serviço público. Todos os juízes do país, por decisão liminar do ministro Luiz Fux, recebem um auxílio-moradia de 4.300 reais — todos, não importa se sirvam ou não em sua cidade, ou se possuam casa própria. Seria lindo — sim, lindo, porque é de coisa linda que trata o artigo de Matsas — se todos os juízes — todos, não importa onde sirvam nem se morem em casa própria ou de aluguel — renunciassem, por livre manifestação, a esse regalo.

Matsas admite que seu apelo será considerado "utópico", mas, como a solução do "cada um por si e Deus por todos" não está funcionando, seria hora de tentar outra. O colunista se irmana a ele no embalo de que às vezes, nem que seja por desfastio, vale sonhar.

•••

De uma primazia o apresentador de reality shows Donald Trump já se assegurou. Com poucos dias no cargo, até vozes ponderadas cogitam de seu impeachment. "Não ficarei nem um pouco surpreso se seu mandato terminar não em quatro ou oito anos, mas mais cedo, com impeachment ou destituição sob a 25ª emenda", escreveu o colunista do *New York Times* David Brooks, de posições conservadoras. (A 25ª emenda da Constituição americana trata da possibilidade de um presidente declarar-se inabilitado.) *America first* lembra *Deutschland über alles*. Construir muro e mandar a conta ao vizinho é ideia de ditador que escapou a García Márquez. O mundo segundo Trump conduz ao lamento de Stephen, protagonista de *Retrato do Artista Quando Jovem*, de James Joyce: "A história é um pesadelo do qual estou tentando despertar".

•••

Em tempo: o colunista ouviu o vice-presidente do Sindicato dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo, Lineu Neves Mazano, sobre o apelo de Matsas. Ele não gostou. Acha que a licença-prêmio compensa a falta de fundo de garantia no setor público e que mexer no feriado do Dia do Servidor, "num momento de tantas perdas", não é oportuno. Sonhar não passa mesmo de sonhar. ■

CORTINA DE TEATRO

SUVINIL.COM.BR
SAC: 0800-011-7558

O ESPETÁCULO DA NATUREZA AGORA NA SUA CASA.

COR QUE NOS LEVA A NOSSA ORIGEM. INSPIRADA NO CORANTE VERMELHO NATURAL DA ÁRVORE PAU-BRASIL, QUE DEU NOME AO NOSSO PAÍS.

CONHEÇA TAMBÉM AS CORES: TELHA NOVA, LENHA, VERDITE E MOSTARDA DIJON.

CORTINA DE TEATRO:
COR DO ANO
DA SUVINIL PARA 2017.

Suvinil

ÓTICAS | CAROL

Assista ao filme e saiba por que o Carlos Moreno curtiu a promoção.

NA COMPRA DE LENTES, PAGUE MENOS NA ARMAÇÃO

NK | LORRANE®

+ ANOS = MELHOR PREÇO

CORRA PARA APROVEITAR.

*O melhor preço significa um percentual de abatimento no preço anunciado dos produtos participantes da campanha, proporcional à quantidade de anos de vida do cliente (Ex: 20 anos, 20% de abatimento, 30 anos, 30% de abatimento, e assim por diante). Promoção válida do dia 09.01.2017 até 28.02.2017 ou enquanto durarem os estoques. Abatimentos aplicados somente no valor das armações para óculos do tipo receituário das grifes NK e Lorrane sinalizadas com etiquetas e válidos somente na compra de óculos completos (armação + lentes) e outras grifes também sinalizadas com etiquetas da campanha. Promoção não cumulativa com outras promoções da Óticas Carol. Consulte as lojas participantes e os cartões de crédito aceitos pela loja. Imagens ilustrativas.